



UNIVERSIDADE DA MADEIRA

MESTRADO EM ARTE E PATRIMÓNIO, NO
CONTEMPORÂNEO E ACTUAL

LUGARES E PESSOAS DO CINEMA NA MADEIRA
APONTAMENTO PARA A HISTÓRIA DO CINEMA NA MADEIRA DE
1897 A 1930

Sob orientação de

Orientador: Professor Doutor Rui Carita

Co-orientador: Professor Doutor Carlos Valente

Ana Paula Teixeira de Almeida

Funchal, Junho de 2008

AGRADECIMENTOS

Terminado o trabalho a que nos propusemos torna-se crucial fazer alguns agradecimentos a todos aqueles que possibilitaram que este se realizasse.

- Às/Aos Professoras/es do Mestrado, principalmente ao nosso orientador, Professor Doutor Rui Carita, e co-orientador, Professor Doutor Carlos Valente, pelos sábios conselhos.

- Às/Aos Colegas de turma de Mestrado pela empatia e amizade.

- Ao Dr. Francisco Faria Paulino, à Dr.^a Maria de Fátima Gouveia Soares e à Dr.^a Susana Abreu pela disponibilidade e gentileza.

- Às/Aos Colegas do Conselho Executivo da Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos da Torre pela compreensão e estima.

- Às/Aos Colegas de Escola, e amigas/os, pelo entendimento e apoio. Sem esquecer a Ana Maria Freitas pelas sucessivas leituras e sugestões e as/os colegas do grupo de trabalho mais próximo pelo companheirismo e cumplicidade.

- Ao Martinho pelo envolvimento em todo o processo.

- À minha Família por sempre me ter estimulado o espírito crítico e a curiosidade.

- Às minhas e a todas as Avós por terem lutado para que vivêssemos num mundo com mais igualdade entre mulheres e homens. Sem isso este trabalho não teria sido possível.

RESUMO

O trabalho que se apresenta surge no âmbito do Mestrado em “Arte e Património, no Contemporâneo e Actual”. O assunto tratado é a história do cinema na Madeira, desde o seu aparecimento até ao final da década de vinte do século XX.

A principal fonte usada foi a imprensa regional, uma vez que existem poucos estudos sobre o tema. Esta foi estudada entre Março de 1895 e Dezembro de 1930. Dada a extensão temporal estudada e alguns problemas técnicos (envio para microfilmagem, de algumas publicações, em Lisboa), a análise não foi tão exaustiva quanto o pretendido. Os jornais foram seleccionados de forma aleatória e de acordo com a sua disponibilidade no Arquivo Regional da Madeira.

No primeiro capítulo faz-se um enquadramento histórico do assunto a estudar, onde se caracteriza a época e se analisa os primórdios do cinema de forma geral na Europa e em Portugal e, de modo mais específico, na Madeira. O segundo capítulo é relativo à exibição de filmes na Ilha, sendo esta análise efectuada para as décadas em estudo. O terceiro capítulo trata a produção cinematográfica na Madeira, onde são referidos os principais nomes de realizadores e/ou produtores locais e se apresenta uma listagem de filmes realizados e/ou produzidos por madeirenses ou filmados na Região.

ABSTRACT

This dissertation is included in the Master Degree Course “Contemporary Art and Cultural Heritage” of the Universidade da Madeira. The theme is the history of Madeira’s Cinema from its beginning until the 3rd decade of 20th century’s.

The main source is the local press, since there are very few studies on the theme. The study research goes from March 1895 to December of 1930. Due to this wide period and also some technical problems (some publications had to be sent to microfilming laboratory in Lisbon), the analysis was less exhaustive than intended initially. The newspapers were selected in an aleatory manner as they were available in the Arquivo Regional da Madeira.

The first chapter is an historical approach on the subject, where there’s a characterization of the epoch and an analysis of the beginning of the cinema in Europe, Portugal and mainly in Madeira. The second chapter is about cinema exhibitions on the Island and it includes all three decades which were analysed. Finally, the third chapter is about Madeira’s cinematographic production, in which the local directors and/or producers are identified. A list of movies made and/or produced by madeirans are presented as well as one filmed on the Archipelago.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	5
1. ENQUADRAMENTO: O CINEMA MADEIRENSE NO CONTEXTO INTERNACIONAL E NACIONAL	8
1.1. A ÉPOCA	8
1.2. OS PRIMÓRDIOS DO CINEMA.....	14
Na Europa e Estados Unidos da América	14
Em Portugal	15
Na Madeira	18
2. O CINEMA NA MADEIRA: A EXIBIÇÃO DE FILMES	26
2.1. A VIRAGEM DO SÉCULO	26
<i>Pavilhão Grande</i>	26
<i>Teatro D. Maria Pia e Hotel Monte Palace</i>	30
<i>Cinematophone</i>	34
2.2. OS ANOS DEZ	35
<i>Pavilhão Paris</i>	36
<i>Salão Ideal</i>	39
<i>Salão Central</i>	41
<i>Salão Variedades</i>	43
<i>Teatro-Circo</i>	44
2.3.OS ANOS VINTE	47
<i>Teatro-Circo e Pavilhão Paris</i>	47
<i>Cine-Jardim</i>	51
<i>Patronato de S. Pedro</i>	54

2.4.COMPORTAMENTO DO PÚBLICO	56
2.5. A IMPRENSA REGIONAL E O CINEMA NA ILHA	58
A Programação e as Críticas Cinematográficas	58
O “Elucidário Cinematográfico”	61
Os Progressos Técnicos e Outras Curiosidades	65
A Censura Civil e Católica	67
3. O CINEMA NA MADEIRA: A PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA	72
3.1. AS PRIMEIRAS FITAS	72
3.2. JOÃO DOS REIS GOMES	74
3.3. FRANCISCO BENTO DE GOUVEIA E MANUEL LUIZ VIEIRA	78
<i>A Madeira Film</i>	80
<i>A Calunia, O Fauno das Montanhas e A Indigestão</i>	83
3.4. FILMES PRODUZIDOS E / OU REALIZADOS POR MADEIRENSES E PELÍCULAS FILMADAS NO ARQUIPÉLAGO	89
4. CONCLUSÃO	93
5. BIBLIOGRAFIA	95
6. CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS	102

INTRODUÇÃO

O cinema, patenteado pelos Irmãos Lumière, é o produto de um conjunto de invenções e surgiu numa época de uma certa agitação social, com grandes alterações dos meios urbanos, que provocaram, conseqüentemente, profundas mudanças de comportamento e da vida em sociedade. Este novo divertimento depressa foi acolhido pelas massas sem grandes bases culturais e sem grandes posses económicas.

A primeira exibição cinematográfica pública paga foi promovida pelos Irmãos Lumière, em Paris, a 28 de Dezembro de 1895. Uns meses mais tarde, em Portugal, no dia 18 de Junho de 1896, no *Real Coliseu*, na Rua da Palma, os lisboetas assistiram à projecção de filmes do animatógrafo do Sr. Edwin Rousby.

No dia 15 de Maio de 1897, o animatógrafo (ou cinematógrafo) foi exibido no Funchal pela primeira vez. Por diligência de João Anacleto Rodrigues deu-se a primeira sessão pública de animatógrafo, com bilhete pago, na Madeira. O espectáculo decorreu no *Teatro D. Maria Pia*, tendo sido bem recebido, como atesta a comunicação social. Não conseguimos, no entanto, saber se foi uma iniciativa exclusiva de João Anacleto Rodrigues, um dos homens que posteriormente aparece à frente deste tipo de iniciativas, ou se se tratou de uma parceria com outros colaboradores.

Dado o bom acolhimento que o cinematógrafo teve pela sociedade madeirense, os primeiros anos de exibição foram de alguma euforia, à semelhança do que aconteceu noutros meios urbanos, sendo isto bem visível pelo número de salas de espectáculos inauguradas na época. Estes primeiros filmes exibidos, em formato *Joli-Normandin*, são hoje muito raros e assumem, nesta área, uma importância quase mundial.

Tendo sido a Região uma das primeiras do país a usufruir de exibições cinematográficas, e possuindo a Madeira uma das poucas colecções destes filmes invulgares, visto que só existem três colectâneas conhecidas em todo o mundo, consideramos de toda a pertinência esta investigação. Assim e uma vez que existem muito poucos estudos sobre o cinema na Ilha, e tratando-se de uma rubrica incontornável na *Época Contemporânea*, pensamos com esta dissertação contribuir para uma evolução do conhecimento histórico regional do período estudado.

Definido o objecto de estudo (o cinema) e o espaço (a Madeira), tornou-se imperativo delimitar o tempo. Assim, e porque um estudo deve começar pelo princípio, o início do

mesmo foi marcado pelas primeiras exposições (1895, 1896 e 1897). Uma vez que a Censura (iniciada em 1926) se começava a impor e a imaginação e liberdade dos realizadores estava a ser limitada, começando os filmes a serem “moldados” pelo Regime, o cinema passou a ser caracterizado, a nosso ver, por uma certa uniformidade. Contudo, pretendemos que o ensaio abrangesse a década até ao seu final. Daí, o estudo finalizar em 1930.

Ao iniciar esta pesquisa colocamos várias questões: Quem assistia às sessões de animatógrafo? Que tipo de fitas eram mais exibidas e apreciadas? O que motivava a população para o visionamento destas películas? Qual terá sido a importância do cinematógrafo para a sociedade da época? Terá o animatógrafo contribuído para uma alteração da sociabilidade e mentalidade do povo madeirense? Haveria produção regional? Quem produzia filmes na Madeira?

Para responder a estas e outras interrogações, e dado os escassos estudos sobre o tema, a fonte primordial desta investigação foi a imprensa regional. Os jornais foram analisados de forma aleatória e não exaustiva, como inicialmente pretendido, dada a extensão temporal estudada (35 anos), bem como o grande número de periódicos existentes e, inclusivamente, por motivos técnicos, visto que algumas publicações foram enviadas para Lisboa a fim de serem microfilmadas.

Fizemos a análise dos jornais a partir de Março de 1895, com o objectivo de saber se a Madeira teve conhecimento das exposições em Paris e em Lisboa. E terminamos a nossa pesquisa com a leitura dos periódicos de 1930. Foram vistos vários jornais, embora alguns tivessem muito poucas edições. Assim, os mais referidos, porque mais constantes, são o *Correio da Madeira*, o *Diario de Noticias*, o *Diario do Commercio* e o *Trabalho e União*. As notícias recolhidas foram organizadas por temática e, seguidamente, por ordem cronológica.

Este trabalho estruturar-se-á em três capítulos. Será nossa preocupação relacionar o objecto de estudo com a História nacional e internacional. Deste modo, no primeiro capítulo faremos um enquadramento histórico do assunto a observar, onde se caracterizará a época e se estudará os primórdios do cinema de forma geral na Europa e em Portugal e, de modo mais específico, na Madeira.

O segundo capítulo intitulado “O cinema na Madeira: a exibição de filmes” fará alusão à exposição de películas no Funchal. Aqui, serão enunciadas e caracterizadas as várias salas de espectáculos que surgiram nas décadas em estudo, algumas das fitas mais vistas, bem como o comportamento do público nas sessões cinematográficas. Reflectiremos, ainda, sobre a imprensa regional, enquanto principal meio de difusão do cinematógrafo. É nosso propósito,

também, conhecer que tipo de notícias relativas ao cinema eram divulgadas à época, no Funchal.

As figuras mais marcantes na produção cinematográfica regional encontrar-se-ão referidas no terceiro capítulo. Destacamos: João dos Reis Gomes, Francisco Bento de Gouveia e Manuel Luiz Vieira. Neste capítulo apresentaremos uma listagem de filmes realizados e/ou produzidos por madeirenses ou filmados na Região.

1. ENQUADRAMENTO: O CINEMA MADEIRENSE NO CONTEXTO INTERNACIONAL E NACIONAL

1.1. A ÉPOCA

O cidadão do mundo industrializado, nos finais do século XIX, assistiu ao aparecimento do cinema, uma entre muitas invenções da época. Esta nova forma de espectáculo contribuiu para uma mudança das noções de divertimento e informação.

Provocando alterações culturais e de mentalidade, o cinema terá sido o primeiro divertimento massificador. A imprensa estava destinada àqueles que sabiam ler e escrever, isto é, uma pequena parte da população, normalmente urbana. O teatro, dado o seu carácter intelectual, era apreciado pelas classes altas, esclarecidas e cultas. O cinema, associado a uma simplicidade intelectual e ao baixo custo, surgiu, então, como um entretenimento para todos, que depressa se tornou popular.

A viragem do século ficou marcada por uma sucessão de outros inventos que alteraram o quotidiano das populações, como o gerador eléctrico (Siemens, 1867); a comercialização da primeira máquina de escrever (companhia norte-americana Remington, 1873); o telefone (Alexander G. Bell, 1876); a invenção da lâmpada eléctrica (Thomas Edison, 1879); o filme fotográfico (George Eastman, 1884); o gramofone (Emile Berliner, 1887).

Os transportes e as ligações entre as principais cidades, e até entre continentes, sofreram uma grande evolução. Esta verificou-se com: a inauguração do Canal do Suez (1869); o motor de explosão a quatro tempos (Nikolaus Otto, 1876); a invenção do primeiro automóvel (Karl Benz, 1885); a roda pneumática (John Dunlop, 1888); a construção da primeira ponte em aço (Escócia, 1890); o motor de combustão interna (Rudolf Diesel, 1892); o primeiro voo (irmãos Wright, 1903) e a travessia da Mancha (Blériot, 1909).

Numa época de tantas ideias, a ciência sofreu um grande progresso com a invenção da dinamite (Alfred Nobel, 1866); a Teoria dos Micróbios (Louis Pasteur, 1878); o isolamento do bacilo da tuberculose (Robert Koch, 1882); a vacina contra a raiva (Pasteur, 1885); o raio-X (Wilhelm Röntgen, 1895); a descoberta do rádio (casal Curie, 1898); a Teoria Quântica (Max Planck, 1900); a Teoria da Relatividade (Albert Einstein, 1905).

Em 1866 foi colocado o primeiro-cabo transatlântico de transmissões e, em 1896, surgiu o telégrafo sem fios (Guglielmo Marconi) estimulando uma mudança nas comunicações. No início do século XX consumava-se a chegada ao Pólo Norte (Peary, 1909) e Amudsen atingia o Pólo Sul (1911), levando a um maior conhecimento do planeta.

A nível artístico, cultural e social registou-se também muita efervescência. Em 1889, ano da Exposição Universal de Paris, foi inaugurada a Torre Eiffel; foi concedido o direito de voto às mulheres na Nova Zelândia (1893); os irmãos Lumière efectuaram as primeiras projecções cinematográficas (1895) e realizaram-se os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna em Atenas (1896).

A pintura achava-se, então, num período de metamorfose. Foi nesta altura que Manet expôs *L' Déjeuner sur l'Herbe* (1862); Monet pintou *Impression soleil levant* (1874); Van Gogh criou *Os Girassóis* (1888) e Picasso concebeu *Demoiselles d'Avignon* (1907).

No campo da literatura foram publicadas as obras: *A Evolução das Espécies* (Charles Darwin, 1859), *Guerra e Paz* (Tolstoi, 1865-1869), *Crime e Castigo* (Dostoievski, 1866), *Os Maias* (Eça de Queirós, 1888), *A Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1899), *Que Fazer?* (Lenine, 1902) e *Du Côté de chez Swann* (Proust, 1913).

Na mesma era estreou-se, na Europa, *Aida* (Verdi, 1871), *Tosca* (Puccini, 1900) e em 1913 subiu ao palco o bailado *A Sagração da Primavera*, com música de Stravinski.

O Homem ocidental dos finais do século XIX conheceu um crescimento vertiginoso das cidades, provocado pelo forte êxodo rural e que incitou a fortes desigualdades sociais. Recorrendo às palavras de um cidadão da época: “*Apezar do avanço que teem feito as reivindicações operarias neste ultimo quartel de seculo, o proletariado, na sua maioria, contenta-se ainda em viver em ruelas estreitas e pocilgas infectas, com quanto que ahi caibam os filhos e tenha para dar-lhes uma tigela de caldo. (...) Não podendo, pois, contentar-se em viver em casas de proporções acanhadas nem nas ruas estreitas, a classe burgueza lançou bairros novos, avenidas, ruas espaçosas e frescos squares pela cumiada das colinas, e ahi, de mistura com o resto de Orsini, Deferrari e Caioli estabelecem as suas vivendas principescas. Esta parte da cidade tem um encanto só comparado á costa da Liguria que se estende desde Nice até Génova*”¹. Esta descrição relativa a Génova poder-se-á aplicar a qualquer cidade europeia daquele tempo.

Apesar disto, a vida de todos os grupos sociais melhorou em conforto, com a facilidade de acesso ao petróleo e à electricidade, com o desenvolvimento do caminho-de-

¹ RAMOS, Azevedo, “Cartas ao Henrique”, em *Diario de Noticias*, ano XXIV, Nº 6978, Sábado, 7 de Julho de 1900, p. 2

ferro, do navio a vapor, dos automóveis e bicicletas. A crescente alfabetização, a divulgação e aumento de publicações periódicas, o aparecimento de novos partidos políticos, a emancipação feminina e os movimentos sufragistas proporcionaram uma alteração de mentalidade. Embora a esperança média de vida, na Europa e EUA, continuasse baixa (46 anos), o estilo de vida das populações foi alterado: o bem-estar é, incontestavelmente, maior. Havia uma circulação rápida e alargada de bens de consumo, surgiu o gosto pelas férias de Verão, apareceram os grandes parques de diversões.

A Exposição Universal de Paris, em 1900, dedicada à electricidade, surgia como um marco e reflectia toda esta mudança e inovação. Foi aqui que se exibiu tudo o que havia de mais inovador na indústria e onde o público tomou contacto com novas tecnologias, como o tapete rolante e a projecção de imagens em movimento e a cores.

Em Portugal também se verificaram alguns progressos técnicos. A primeira iluminação pública apareceu em Cascais, em 1878, local de veraneio da família real; o primeiro automóvel, em 1895, pertencente ao IV Conde de Avilez e que, na sua primeira viagem, protagonizou o primeiro acidente automóvel atropelando um burro²; no Porto, em 1895, surgiram os carros eléctricos; efectuou-se o primeiro telegrama em TSF, em 1901; realizou-se, em Belém, o primeiro voo em 1909; ...

Contudo, o país evoluía devagar, resistindo à mudança. Aquilino Ribeiro, cidadão português da época, corrobora esta ideia quando diz que: “ (...), *antes de Fontes Pereira de Melo, Portugal, salvo a capital e duas ou três cidades, vivia em plena Idade Média. No geral, o povo sertanejo continua a viver a vida dos antepassados de há quinhentos, mil anos, habitando choças sem ar, sem luz, bebendo a água das fontes de chafurdo, ignorando a higiene e o conforto. Muitas das vilas continuavam ligadas à sede distrital pelos velhos caminhos romanos e célticos (...). O poder central, à semelhança duma grande santola, com as patas a vibrar aos quatro pontos, se fazia menção de saber que existia e onde existia a récua numerosa de portugueses, era apenas para os sugar.*”³

Portugal, na *Belle Époque*, era um país modesto, pequeno e pobre, que mantinha uma distância crónica e periférica da civilização. A população também não era muito saudável, como comprova Joaquim Vieira quando afirma que “*Em 1885, a inspecção militar rejeitou*

² Informação disponível no sítio da Associação para o Museu dos Transportes e Comunicações.

³ RIBEIRO, Aquilino, *Um Escritor Confessa-se*, Lisboa, Bertrand Editora, 2008, p. 169

quase metade dos mancebos apresentados nesse ano, por falta de altura, de peso ou de saúde.”⁴

O analfabetismo era geral: três homens em cada quatro e seis mulheres em cada sete não sabiam ler nem escrever. Embora a escolaridade primária já fosse gratuita e obrigatória (três anos), a ignorância resistiria por muito tempo. Para Aquilino Ribeiro, republicano, logo anti-monárquico, anti-clerical e acérrimo defensor da instrução do povo, a culpa de toda esta situação era do Rei e da Igreja. E justifica-o dizendo: *“Em verdade, o Português nunca aprendeu outra coisa que não fosse rezar. Nunca aprendeu a pensar, nem lhe consentiram pensar livremente. Jamais lhe cultivaram esta faculdade perigosa, o espírito, no que tem de original e altivo. Tanto a Igreja como a Realeza quiseram-no sempre carneiro e nutrindo-se no prado sujo das ideias feitas. À retaguarda, a censura e o Santo Ofício tinham sido os instrumentos perfeitos deste recalçamento e repressão.*”⁵

A maior parte da população era rural, isto é, sete em cada dez pessoas vivia no campo, das quais 90% dependia exclusivamente da actividade agrícola. Registava-se um forte atraso industrial. O país exportava pouco e sobretudo matérias-primas e produtos da terra, como o vinho do Porto (então na mão dos ingleses) e, ao invés, importava muito.

A uma fraca economia juntava-se a instabilidade política: é a época do rotativismo. O Partido Regenerador e o Partido Progressista alternavam no poder, controlando os altos cargos do país. A autoridade real era diminuta e a imagem do monarca era, cada vez, mais débil. O Partido Republicano, que ganhou forte impulso desde o Ultimato Inglês, em 1890, e a consequente reacção da Monarquia, ampliava então o seu poder. Os Republicanos, que tinham apoiantes nas mais variadas classes e camadas sociais, tornaram-se os principais críticos da situação política vivida.

Neste contexto, o já referido, Aquilino Ribeiro reprova a Monarquia, culpando-a dos principais problemas do Estado. *“A casa lusitana estava velha e carcomida, e os mais culpados eram os reis. Primeiro os absolutos, em tanto que senhores de corpos e almas, depois os constitucionais, uma vez que cingidos mesmo às normas da Carta, tinham sempre possibilidade de influir no timão para que guinasse neste ou naquele sentido. Bastaria o prestígio atávico de que se cerca a realeza, dado que dentro dos poderes que lhe confere a*

⁴ VIEIRA, Joaquim, *Portugal Século XX – Crónica em Imagem 1900-1910*, 1ª edição, Círculo de Leitores, Janeiro de 1999, p. 25

⁵ RIBEIRO, Aquilino, *Idem*, p. 42

*Constituição acima dos partidos, para disporem de espaço que permitisse representarem com eficácia e sem erguer atritos de nenhuma espécie o papel de moderadores plásticos.”*⁶

Num país onde as estradas eram más e quase inexistentes, onde o gás era considerado uma novidade e a electricidade uma extravagância, Lisboa distanciava-se do restante território. A capital registava um forte crescimento demográfico, provocado pelo êxodo rural. Aqui, os bairros ricos coexistiam com os bairros operários e os bairros urbanos tradicionais. O desenvolvimento urbanístico rasgava avenidas largas, traçadas em malha geométrica, de influência francesa. O passeio público era um espaço dominante, onde o grupo mais abastado frequentava pastelarias, passeava, via e mostrava-se, ...

A alta sociedade portuguesa guiava-se por Paris. Copiavam-se as modas, os costumes, as ideias, os comportamentos e o estilo de vida. Recorrendo às palavras de Carlos Malheiro Dias: *“Esta Lisboa irrequieta e boémia, que veste à francesa, que come à francesa, que delira pelas actrizes francesas; esta Lisboa incarácterística e quase cosmopolita, que substitui as criadas pelas bonnes, as professoras pelas institutrices, as costureiras pelas coupeuses, o amor pelo flirt.”*⁷

Nesta conjuntura emergia um novo grupo dominante, os novos-ricos (banqueiros, industriais, importadores, grandes comerciantes e especuladores), que se distinguiam numa sociedade pouco habituada à mobilidade social. E foi este grupo de novos ricos, *“Ávidos de ostentar o seu recente estatuto, prontos a esbanjamentos e ociosos luxos (...)”*⁸ que contribuiu para o surgimento de uma nova mentalidade, novos divertimentos, novos gostos, levando ao aparecimento dos clubes nocturnos, no pós-guerra, em Lisboa. Estes *“(...) clubes foram o palco privilegiado dos novos costumes, extravagâncias e atentados à velha sociedade tradicional. (...) Os dancings constituíram verdadeiras «ilhas» de cosmopolitismo numa sociedade ainda drasticamente marcada pelo conservadorismo, pela pobreza da maioria da população e por uma mentalidade pouco habituada a transformações de costumes.”*⁹

Na Madeira, a crise açucareira impulsionava a produção vinícola, destinada quase exclusivamente à exportação. Com a monocultura da vinha chegavam à Ilha muitos estrangeiros, principalmente ingleses. A chegada destes promoveu uma alteração nos padrões

⁶ RIBEIRO, Aquilino, *Idem*, p. 168

⁷ Carlos Malheiro Dias citado por VIEIRA, Joaquim, *Idem*, p. 28

⁸ Júlia Leitão de Barros em AA. VV *Mediateca do Século XX 1920-1929*, Mem Martins, Lexicultural, 1999, p. 69

⁹ *Ibidem*

socioculturais e até de mentalidade. A dependência da economia madeirense da monocultura vinícola provocou frequentes crises de carências alimentares e forte dependência do exterior. Estes episódios de crise levaram ao crescimento da emigração. Normalmente, os madeirenses abandonavam a sua terra natal procurando melhores condições de vida na América, principalmente, a do sul. Entre 1858 e 1862, a emigração madeirense tinha como destinos, em primeiro lugar, Demerara, seguida de Antígua, St. Kitts, Brasil, Suriname e, por último, Trindade¹⁰.

A crise económica vivida na Ilha durante muitas décadas piorara com a entrada de Portugal na 1ª Guerra Mundial. Os elevados custos da guerra, o aumento dos impostos, a subida dos preços e a desvalorização da moeda provocaram o agravamento da situação económica e financeira. Com a crise económica e as divergências com o poder central iniciava-se a problemática da Autonomia.

A dependência do exterior agudizara-se com as dificuldades de transporte de mercadorias, que impediam a chegada de alimentos. Os bombardeamentos do Funchal, a 3 de Dezembro de 1916 e 12 de Dezembro de 1917, provocaram destruição e morte. Morreram oito madeirenses. A população, em pânico, foge para os subúrbios, designadamente para o Monte, S. Roque, S. Martinho, Santo António e para Caminho do Palheiro, abrigando-se nas residências de familiares e amigos. Os restaurantes e estabelecimentos comerciais fecharam, a circulação automóvel parou quase completamente e, como se pode ler no *Diario de Noticias* de 5 de Dezembro de 1916, “*O silencio das ruas só era interrompido pelas patrulhas de soldados de infantaria n.º 27 e guardas civicos, fazendo o policiamento.*”¹¹

Na viragem do século, o Funchal era uma cidade pequena, pobre e demasiado rural. O Funchal, centro da Ilha, crescia de forma desorganizada e ocasional, sem condições de base e com graves problemas de salubridade. “*Confirma o estado pouco citadino e de pouco desenvolvimento, o facto de nas primeiras décadas do século XX, em pleno centro do Funchal, as galinhas serem colocadas em celhas pela manhã, para serem transportadas para a ribeira onde ficavam durante o dia, regressando pela noite às respectivas celhas para pernoitarem junto aos barracões que ficavam ali mesmo ao lado das ribeiras.*”¹²

¹⁰ Informação do Governo Civil no Funchal (Relatório da Junta Geral), 31 de Maio de 1863 citado em SPRANGER, Ana Isabel; GOMES, Fernanda Ramos; GOMES, Eduarda Sousa, *Antologia de Textos – História da Madeira*, Funchal, Governo Regional da Madeira, Secretaria Regional da Educação, 1984, p. 210

¹¹ *Diario de Noticias*, ano XLI, N.º 12838, Terça-feira, 5 de Dezembro de 1916, p. 1

¹² LOPES, Agostinho do Amaral, *A Obra de Fernão Ornelas na Presidência da Câmara Municipal do Funchal 1935-1946*, Funchal, Dezembro de 2005. Tese de Mestrado, p. 38

Urbanisticamente, o Funchal evoluiu muito pouco na transição de século. O cais era a porta de entrada e permitiu o contacto com outros povos, desde o século XVI. Porém, na opinião de alguns tratava-se de um postal nada atractivo: “*O frontispício da cidade era emoldurado com uma praia inestética, onde se cultivavam abóboras, pimpinelas e hortaliças, parecendo um lugar rústico e nunca arredores do cais da cidade, onde diariamente desembarcavam os nossos visitantes.*”¹³

1.2. OS PRIMÓRDIOS DO CINEMA

Na Europa e Estados Unidos da América

Paris, 1895. Num ambiente agitado de novas descobertas, os irmãos Lumière (Auguste, 1862-1954 e Louis, 1864-1948) proporcionaram à sociedade parisiense a primeira exibição cinematográfica. O cinematógrafo, do grego *escrita em movimento*¹⁴, foi patenteado a 13 de Fevereiro de 1895 com o nome dos dois irmãos (ilustração 1). A 22 de Março, Louis Lumière deu uma conferência sobre fotografia a cores e apresentou, em privado, o seu primeiro filme, também patenteado, *Saída da Fábrica Lumière*, com duração de cinquenta segundos. Entre 10 e 12 de Junho desse mesmo ano, em Lion, no Congresso da Sociedade Francesa de Fotografia, foram exibidos oito filmes dos irmãos Lumière.

Contudo, somente no dia 28 de Dezembro de 1895, no *Salão Indiano* do Grand Café, em Paris, se deu a primeira projecção pública com bilhete pago. Foram visionados dez filmes de dezassete metros, tendo cada película a duração aproximada de um minuto. O bilhete foi de um franco. Os dois irmãos realizaram registos documentais, normalmente autobiográficos, como *Repas de Bébè*, *La Pêche des Poissons Rouges*, *Partie d'Ecarté*, *La Plage et les Bains de Mer*, *Sortie du Port*, *Soldats au Manège*, ... (ilustração 2).

¹³ CALDEIRA, Abel Marques, *O Funchal no Primeiro Quartel do Século XX*, 2ª Edição, Funchal, Editorial Eco do Funchal, 1995, p. 13

¹⁴ O cinematógrafo resulta de uma multiplicidade de invenções que vão desde a *Câmara Escura* (enunciado por Leonardo da Vinci, o invento é desenvolvido por Giambattista della Porta, no século XVI) e a *Lanterna Mágica* (Athanasius Kirchner, século XVII), passando pela *Roda de Faraday* (Peter Mark Roget e Michael Faraday), pelo *Fenacístiscópio* (Joseph Plateau, Bélgica 1830), pelo *Stroboscópio* (Simon Stampfer, 1833), pelo *Zoetropo* (William-George Horner, 1834), pelo *Praxinoscópio* (Émile Reynaud, 1877), pela *Cronofotografia* (E. Muybridge), pela *Espingarda Fotográfica* (Jules Marey, 1882), pelo *Filme de Celulóide* (George Eastman, 1889) e pelo *Cinetoscópio* (Edison, 1893).

Na Exposição de Paris, em 1900, o vasto cinematógrafo, com lugar para 25 000 pessoas, deslumbrava os visitantes. O fascínio provocado pelo animatógrafo levou a que este se espalhasse pelo mundo e surgissem novas experiências associadas à magia do cinema. Enquanto *ilusionista* na tela destacamos Georges Méliès, mágico e director teatral, que produziu uma série de fantasias altamente inventivas. O seu filme mais conhecido, *A Viagem à Lua*, de 1902, inspirado no romance de Júlio Verne e encarado como a primeira ficção científica do cinema, foi exibido em todo o mundo, incluindo a Madeira. George Méliès, considerado o criador do espectáculo cinematográfico, conseguiu dar uma expressão dramática aos seus filmes.

Nos EUA, em 1903, Edwin Porter usou técnicas sofisticadas de montagem na produção de *O Grande Assalto ao Comboio*, tornando-se o primeiro *Western* da História com sucesso de bilheteira. Porter criou um ritmo cinematográfico próprio, mostrando várias acções simultaneamente.

Entre 1905 e 1908 triunfaram os *Nickelodeons*, nos EUA e na Europa. Tratavam-se de modestas salas que projectavam filmes de manhã até à noite, atraindo multidões que pagavam entre cinco e dez cêntimos por uma hora de visionamento. Os programas eram alterados todos os dias, sendo enorme o consumo de filmes. A grande procura levava à produção de filmes *em massa*. Estas salas eram frequentadas pelos mais humildes. No final da década, os *Nickelodeons* deram lugar a cinemas maiores, construídos de raiz para o efeito, com cadeiras confortáveis e elegantes decorações. Na década de 10 do século XX, nos EUA, 26 milhões de pessoas iam ao cinema todas as semanas.

A forte emigração para os EUA, a mão-de-obra barata, o incremento da empresa cinematográfica permitiram a prosperidade de Hollywood, onde, em 1915, trabalhavam 15000 pessoas na *indústria do cinema*. Actores como Charles Chaplin, Douglas Fairbanks e Mary Pickford são atraídos para Hollywood, bem como realizadores e actores europeus.

Em Portugal

Lisboa, 1896. “*O cinema português começou bem e começou cedo, antes doutros países mais desenvolvidos*”¹⁵. A primeira apresentação pública deu-se a 18 de Junho de 1896, em Lisboa, no *Real Coliseu*, na Rua da Palma. A iniciativa do proprietário deste espaço,

¹⁵ PINA, Luís de, *Panorama do Cinema Português (Das Origens à Actualidade)*, “Coleção Breviários da Cultura”, Lisboa, Secretaria de Estado da Comunicação Social, Direcção-Geral da Divulgação, Edições Terra Livre, Janeiro de 1978, p. 7

António Santos Júnior, teve grande adesão por parte do público. A projecção de filmes do animatógrafo do Sr. Edwin Rousby, com duração aproximada de duas horas, apresentava títulos como: *Baile Parisiense*, *A Ponte Nova em Paris*, *O Comboio*, *Dança Serpentina*, entre outros.

Edwin Rousby, conhecido como o *electricista de Budapeste*, embora sejam desconhecidas as suas origens, viajava pela Europa onde promovia o produto que vendia: a máquina de projectar *Theatographo*, de Robert W. Paul.

O mesmo animatógrafo foi exibido no Porto, no *Teatro Príncipe Real* a 17 de Julho, em Espinho a 12 de Agosto e na Figueira da Foz a 15 de Agosto do mesmo ano. Regressando a Lisboa a 27 de Agosto de 1896, onde foi apresentado um programa especial de *vistas* portuguesas, obtidas por Henry Short. De entre os quarenta *quadros* exibidos, destacamos *Uma Tourada*, *Caminho-de-ferro Português* e *Gruta Marítima Próxima de Lisboa*. Estas *vistas* foram apresentadas em Londres, em Outubro de 1896. Em Janeiro do ano seguinte, Edwin Rousby, de volta a Lisboa, promoveu 143 exhibições de 67 filmes diferentes.

Embora, no Porto, a adesão fosse menor que a da capital, o espectáculo de Rousby terá tido grande influência em Aurélio da Paz dos Reis. Um ano depois dos Lumière, a 12 de Novembro de 1896, Aurélio da Paz dos Reis (fotógrafo, comerciante de flores e revolucionário do 31 de Janeiro) apresentou, no Porto, no *Teatro Príncipe Real*, os primeiros filmes nacionais integrados num conjunto a que chamou *Kinetographo Português*¹⁶. São eles: *Saída do Pessoal Operário da Fábrica Confiança*, *Feira de Gado na Corujeira*, *Chegada de um Comboio Americano a Cadouços*, *O Zé Pereira na Romaria de Santo Tirso*, *Azenhas no Rio Ave* e *Dança Serpentina*. As exhibições do Porto e Braga foram um sucesso.

Em Dezembro de 1896, Aurélio da Paz dos Reis partiu para o Brasil com máquina, filmes e “*vistosos cartazes publicitários*”¹⁷. Exibiu o seu programa no *Teatro Lucinda*, no Rio de Janeiro, a 15 Janeiro de 1897. Após uma desastrosa apresentação, onde problemas técnicos destruíram tudo, uma vez que na época o material era altamente inflamável, o desiludido Aurélio da Paz dos Reis abandonou a cinematografia e regressou às suas flores e fotografias. Segundo Alves Costa, “*O cinema português nascia e morria naquele ano de 1896. Para só renascer alguns anos mais tarde.*”¹⁸

¹⁶ Esta designação dificulta o conhecimento quanto ao aparelho usado por Aurélio da Paz dos Reis.

¹⁷ COSTA, Alves, *Breve História do Cinema Português 1896-1962*, vol. 11, 1ª Edição, “Biblioteca Breve”, Amadora, Ministério da Educação e Investigação Científica, Secretaria de Estado da Investigação Científica, Instituto da Cultura Portuguesa, 1978, p. 15

¹⁸ *Ibidem*, p. 16

Em 1899, Manuel Maria da Costa Veiga fundou em Lisboa a *Portugal Film*, a primeira produtora e distribuidora de filmes em Portugal. O seu primeiro filme foi *Aspectos da Praia de Cascais*, onde apareceu retratado o rei D. Carlos a banhos, na referida praia. Mas não ficou por aqui e produziu: *Exercícios de Artilharia no Hipódromo de Belém*, *Uma Tourada à Antiga Portuguesa*, *Parada de Bombeiros*, ... Eram os, então, chamados filmes panorâmicos.

A primeira sala de projecção de filmes foi inaugurada em 1904, em Lisboa, na Rua do Loreto Nº 15-17. Era propriedade de João Freire Correia e chamava-se *Salão Ideal*. Sendo um verdadeiro sucesso entre a sua inauguração e 1908, entrou então em declínio devido à concorrência. Posteriormente foi adquirida por Júlio Costa, considerado o primeiro industrial de cinema, e João Almeida. O *Salão Ideal* sofreu uma remodelação com vista a melhorar o conforto do espaço, tornando-se grande atracção a introdução do *cinematógrafo falado*, que consistia num grupo de pessoas que atrás do ecrã iam fazendo ruídos e sons adequados ao filme.

Em 1906, no Porto, surgiu o primeiro barracão, o *Salão High Life*, na feira de S. Miguel, Boavista. Mudando-se mais tarde para o cinema *Batalha*. O *Animatographo do Rossio* foi inaugurado em 1907 (ilustração 3). Em 1910 existiam, no Porto, três *animatographos*: um na Praça da Batalha, outro em Passos Manuel e o da Rua D. Carlos. Contudo, não podemos descurar a importância dos cinemas ambulantes e barracas de feira na difusão da Sétima Arte, fazendo chegar o cinema às regiões mais distantes e menos urbanas.

João Freire Correia fundou a *Portugália Film*, que iniciando a produção em 1909 terminou três anos mais tarde. Em 1911 produziu o filme *Os Crimes de Diogo Alves*, bem como vários documentários: *Batalha de Flores*, *Cavalaria Portuguesa* e *O Terramoto de Benavente*. Tendo este último uma boa difusão no estrangeiro, para onde foram vendidas mais de vinte cópias.

Quanto a esta produção nacional, Luís de Pina considera-a artesanato de curiosos. “*De facto, os nossos pioneiros, são sobretudo pioneiros da curiosidade, do espectáculo imediato. Se quisermos procurar um elo de ligação entre o cinema e a realidade, ele encontrar-se-á, de um modo negativo, numa identificação entre o gosto dos autores e o gosto do público, um público adormecido e inculto, vivendo os anos que acentuam a decadência da Monarquia e as hesitações políticas da 1ª República, e de um modo positivo, na actualidade dos homens do documentário, que registam momentos significativos da vida portuguesa, desde o terramoto*

de Benavente, aos acontecimentos de Outubro de 1910, desde as festas e reuniões populares à participação portuguesa na Grande Guerra.”¹⁹

No primeiro quartel do século XX, a população portuguesa estava profundamente influenciada pelo cinema; este era uma janela aberta para as realidades do Mundo. O povo encontrava no animatógrafo um entretenimento barato, variado e acessível a nível cultural. Mas outros grupos sociais, nomeadamente a burguesia e alguns sectores intelectuais, também foram atraídos. Todavia, não pensemos que a aceitação foi total. A obscuridade das salas e as *paixões ardentes* que se desenrolavam nas telas tornaram o animatógrafo sinónimo de indecência, estando, durante alguns anos, interdito às *meninas de bem*.

Surgem, na época, várias críticas, como a de Carlos Malheiro Dias, que alertava para os perigos do animatógrafo: “*Os teatros de Lisboa – (...) – atravessam um período angustioso de crise. (...) O público abandona-os e prefere às suas grandes salas quietas as salinhas microscópicas dos cinematógrafos, onde o espectador entra e sai a qualquer hora, de chapéu na cabeça e cigarro aceso, (...). É que o cinematógrafo singularmente satisfaz uma das mais vivazes preferências do homem actual: a brevidade. O cinematógrafo está para o teatro como o «magazine» para o livro. Explorando a emoção e o riso como no teatro, o cinematógrafo conseguiu abalar os corações com tragédias que duram dez minutos e desencadear tormentas de hilaridade com comédias que cabem no limite vertiginosamente apressado de alguns segundos.*”²⁰

Na Madeira

Funchal, 1897. À semelhança do resto do mundo e do país, este ano foi, para a Madeira, cheio de inovações: começaram as instalações eléctricas regulares, deram-se vários concertos de *phonographo*, ... e assistiu-se à primeira exibição cinematográfica.

O cinema era esperado com alguma impaciência e curiosidade. O *Diario de Noticias* de 14 de Janeiro de 1897, na página 2, referia que o animatógrafo, invento então atribuído a Edison, atraía grande afluência de público aos teatros da capital, esperando-se, para breve, a chegada ao Funchal destes novíssimos espectáculos. O cinematógrafo era entendido como uma diversão que veio quebrar a monotonia das noites de Inverno funchalense²¹.

¹⁹ PINA, Luís de, *Idem*, pp. 9 e 10

²⁰ Carlos Malheiro Dias citado por VIEIRA, Joaquim, *Idem*, p. 131

²¹ *Diario de Noticias*, ano XXI, Nº 5959, Quinta-feira, 14 de Janeiro de 1897, p. 2

Sendo a imprensa regional um dos poucos meios de comunicação, a população tinha nos jornais *O Diario do Commercio*, *Diario de Noticias* e *Correio do Funchal*, que eram das publicações mais regulares num contexto de escassa informação, uma fonte ímpar de conhecimento e de divulgação de novidades. Eram principalmente estes periódicos que informavam, inicialmente, os interessados das curiosidades cinematográficas.

Os irmãos Henrique Augusto (1856-1934)²² e João Anacleto Rodrigues (1869-1948)²³, donos e fundadores do estabelecimento comercial *Bazar do Povo*²⁴, eram também os proprietários do primeiro animatógrafo que figurou no Funchal, conforme nos indicam *O Diario do Commercio* e o *Diario de Noticias* (ilustrações 4 e 5). Estes jornais referiam Henrique Augusto como sendo o proprietário do animatógrafo, adquirido em Paris, e quem o despachou na alfândega do Funchal²⁵. Simultaneamente, elogiavam-no porque “ (...) acertou com a escolha d’uma diversão, que satisfaz plenamente o publico funchalense, mandando vir o Animatographo (...)”²⁶. Paralelamente, a imprensa regional indicava o seu irmão, João Anacleto, como sendo o responsável pelas primeiras exposições de animatógrafo na cidade²⁷. Ideia esta, aliás, defendida durante muito tempo. Embora João Anacleto Rodrigues possa ter sido determinante neste acontecimento, é incontestável a importância e o papel do seu irmão Henrique, ignorado até à data.

Antes da primeira sessão pública ocorreram vários ensaios com o animatógrafo, como nos indica o *Diario de Noticias* do dia 7 de Maio: “No theatro de «D. Maria Pia» continuam as experiencias com o animatographo mandado vir pelo proprietario do Bazar do Povo. Em breve haverá uma sessão especial para a imprensa”²⁸. E assim foi, no dia 12 de Maio de 1897, à noite, teve lugar no *Teatro D. Maria Pia* um ensaio de animatógrafo, ao qual os

²² Natural de Câmara de Lobos, bem como os irmãos, Henrique Augusto fez parte do Partido Republicano Português, tendo, após a Implantação da República, desempenhado vários cargos públicos, entre eles o de Vogal da Câmara Municipal do Funchal. Foi, ainda, um dos corpos dirigentes do Auxílio Maternal.

²³ Fotógrafo amador fotografou alguns aspectos da vida madeirense, como transportes e paisagens do Arquipélago da Madeira, dos Açores e das Canárias. Foi também sócio da firma *H. M. Borges Sucrs., Lda.* e chefe da firma *Henriques & H. Rodrigues & C^a*. Simultaneamente, foi Vice-Presidente da Assembleia-geral da Associação Comercial do Funchal. Politicamente, ocupou o cargo de Vogal Vereador da Câmara Municipal do Funchal.

²⁴ O pequeno negócio surgiu no Largo do Chafariz, no dia 19 de Março de 1883. Juntamente com o irmão, João Anacleto, Henrique Augusto deu novo impulso ao negócio. Assim, em 1891, a loja mudou-se para a zona das actuais instalações, sendo remodelada e aumentada em 1908. Até 1934, a loja esteve em constante transformação.

²⁵ *O Diario do Commercio*, ano I, Nº 180, Quinta-feira, 15 de Abril de 1897, p. 1

²⁶ *Diario de Noticias*, ano XXI, Nº 6058, Segunda-feira, 18 de Maio de 1897, p. 2

²⁷ *Idem*, ano XXII, Nº 6186, Quinta-feira, 21 de Outubro de 1897, p. 1

²⁸ *Idem*, ano XXI, Nº 6049, Sexta-feira, 7 de Maio de 1897, p. 2

elementos de *O Diario do Commercio* assistiram e ficaram “ (...) realmente maravilhados”²⁹. Considerando o aparelho, mandado vir de Paris por Henrique Augusto Rodrigues, excelente.

O *Diario de Noticias* e *O Diario do Commercio*, nos dias 13 e 14 de Maio, bem como o *Correio do Funchal*, de 14 de Maio, divulgaram o espectáculo do Sábado seguinte, a primeira exibição pública de animatógrafo no Funchal³⁰. Os jornais garantiam ser a ocasião dos funchalenses admirarem uma verdadeira maravilha, que segundo estes encantava os olhos e deliciava o espírito. Aconselhavam o público a experimentar e garantiam que lhes ia agradar.

O programa das sessões de Sábado, Domingo e Segunda-feira, publicado nos jornais referidos, era composto por doze curtas-metragens, registos documentais *à moda dos irmãos Lumière* (ilustração 6). Numa primeira parte foram exibidos seis quadros: *Chegada d’um Comboio á Gare de Bel-Air*, de Henri Joly (?), França, 1896 (?); *Sahida da Igreja de Notre-Dame des Victoires*, Henri Joly, França, 1896; *O Mar em Dieppe*, Henri Joly, França, 1896; *O Jardineiro*, Henri Joly, França, 1896; *Hussards Inglezes Desfilando*, Henri Joly, França, 1896; e *Dança Hespanhola*, Eugène Pirou, França, 1897.

Após um intervalo de vinte minutos, na segunda parte, os espectadores viram outros seis quadros: *Assalto ao Box*, Henri Joly, França, 1896; *Officina de Ferreiros*, Henri Joly, França, 1896; *Creanças no Bosque de Vincenne*, Henri Joly, França, 1896; *Avenida do Bosque de Boulogne e Arc-de-Triumphe*, Henri Joly, França, 1897; *Carga de Dragões*, Henri Joly, França, 1897; e *A Prisão d’um Ébrio*, Eugène Pirou, França, 1896. O espectáculo começou às vinte horas e trinta minutos, mas a entrada dos espectadores deveria efectuar-se meia hora antes, o que dava, pensamos nós, um carácter cerimonioso à sessão.

A primeira exibição cinematográfica, no Funchal, deu-se no dia 15 de Maio de 1897 no *Teatro D. Maria Pia*. O agrado foi geral e o público, que aplaudiu com entusiasmo, esperava, ansiosamente, por novos espectáculos³¹. As sessões de Sábado e Domingo foram muito apreciadas pela novidade e pelas excelentes *vistas* exibidas³². A diversão foi muito concorrida, “ (...) sendo de presumir que todos os que lhes succederem levem ao theatro

²⁹ *O Diario do Commercio*, ano I, Nº 200, Quinta-feira, 13 de Maio de 1897, p. 2

³⁰ *Diario de Noticias*, ano XXI, Nº 6054, Quinta-feira, 13 de Maio de 1897, p. 1 e *Idem*, ano XXI, Nº 6055, Sexta-feira, 14 de Maio de 1897, p. 2; *O Diario do Commercio*, ano I, Nº 200, Quinta-feira, 13 de Maio de 1897, p. 2 e *Idem*, ano I, Nº 201, Sexta-feira, 14 de Maio de 1897, p. 2; *Correio do Funchal*, ano I, Nº 106, Sexta-feira, 14 de Maio de 1897, p. 3

³¹ *Diario de Noticias*, ano XXI, Nº 6058, Terça-feira, 18 de Maio de 1897, p. 2

³² *O Diario do Commercio*, ano I, Nº 204, Terça-feira, 18 de Maio de 1897, p. 2

grande concurso de espectadores, porque a cousa é boa e barata”³³. Os espectáculos eram abrilhantados pela música de uma orquestra regida por Nuno Graceliano Lino³⁴.

Porém, e como alertara Carlos Malheiro Dias, numa das sessões seguintes deu-se um percalço, que passamos a citar: *“Um numero do programa, demasiado fresco, fez com que algumas pessoas se retirassem do espectáculo”*³⁵. Perante isto, foram logo tomadas medidas, uma vez que *“Da parte dos proprietarios haverá mais rigorosa selecção das peças, de modo que não há a receiar, segundo cremos, nada a esse respeito.”*³⁶

A 15 de Junho, *O Diario do Commercio* anunciou para os dias seguintes nova sessão de animatógrafo no *Teatro D. Maria Pia*, onde *“(…) será exhibida, em premier, a linda vista colorida – Dansa Serpentina – que tanto tem agradado em todas as platêas onde tem sido apresentada”*³⁷. Conforme o programa em *O Diario do Commercio*, de 17 de Junho, além desta surpreendente fita colorida (*Dança Serpentina*), que foi um dos títulos das *vistas* projectadas na primeira sessão de animatógrafo em Lisboa, aproximadamente um ano antes, constavam duas novidades relativamente à exibição anterior: *Uma partida de ecarté* e *Mergulhadores negros*. A sessão teve a duração de duas horas (das treze às quinze horas), com intervalo de trinta minutos³⁸.

A última apresentação, antes da digressão de João Anacleto Rodrigues pelas ilhas atlânticas, efectuou-se a 19 de Junho de 1897. Segundo João Maurício Marques, nesse dia foram abertas gratuitamente as portas do teatro àqueles que das zonas rurais se deslocaram ao Funchal para a procissão da Festa do Corpo de Deus. O *Correio do Funchal* relatou a reacção dos campesinos que assistiram a estas projecções: *“olhavam interrogativamente para o globo de electricidade pendente no meio da sala, para o lustre, para a tela branca onde as vistas eram reproduzidas, para os estojos dos camarotes e que para elles era tudo grande novidade. No fim, estavam satisfeitos, contentes e embevecidos na contemplação de tudo, deixando talvez o teatro na persuasão de que artes más presidiam às maravilhas phonographicas que presencearam com grande assombro.”*³⁹

³³ *O Diario do Commercio*, ano I, Nº 204, Terça-feira, 18 de Maio de 1897, p. 2

³⁴ *Diario de Noticias*, ano XXI, Nº 6062, Sexta-feira, 22 de Maio de 1897, p. 2

³⁵ *Correio do Funchal*, ano I, Nº 114, Segunda-feira, 24 de Maio de 1897, p. 1

³⁶ *Idem*, ano I, Nº 132, Quarta-feira, 16 de Junho de 1897, p. 1

³⁷ *O Diario do Commercio*, ano I, Nº 226, Terça-feira, 15 de Junho de 1897, p. 2

³⁸ *Idem*, ano I, Nº 228, Quinta-feira, 17 de Junho de 1897, p. 2

³⁹ *Correio da Madeira* citado em MARQUES, João Maurício, *Os Faunos do Cinema Madeirense*, Funchal, editorial Correio da Madeira, 1997, pp. 8 e 10

João Anacleto Rodrigues, após estas apresentações, deslocou-se ao Arquipélago dos Açores onde exibiu o animatógrafo, no mês de Setembro. Relativamente à viagem, a imprensa explanou que João Rodrigues partiria, na próxima viagem do vapor *Funchal*, para as ilhas de S. Miguel, Terceira e Faial, com o objectivo de promover sessões de *animatographo*, proporcionando aos açorianos o conhecimento desta moderna distração. O *Diario de Noticias* concluiu o relato da futura deslocação do seu conterrâneo, com uma declaração de confiança: “*Desejamos que seja feliz.*”⁴⁰

Em Outubro, o Funchal recebeu notícias dos Açores e das sessões de animatógrafo, considerado uma maravilhosa invenção de Edison, que decorreram no *Teatro Angrense*⁴¹. Segundo um jornal dos Açores, citado por *O Diario do Commercio*, “ (...) *tem agradado immenso o animatographo que o sr. Henriques Rodrigues alli enviou afim de dar algumas sessões*”⁴². É curioso verificar que, neste artigo, o animatógrafo é associado a Henriques Rodrigues. Tratar-se-á de um engano do jornal? Quererá dizer Henrique? Sendo assim é mais uma referência a Henrique Augusto Rodrigues como estando relacionado com a divulgação do animatógrafo.

João Anacleto Rodrigues chegou à Madeira em Novembro, no vapor *Funchal*, tendo como objectivo levar o animatógrafo às Canárias, não sem antes proporcionar ao público funchalense novas oportunidades de desfrutar desta recente invenção. *O Diario do Commercio* referiu, na sua publicação de 9 de Novembro, que “*O digno proprietario d’aquelle bello aparelho, enquanto não segue para Canarias, resolveu dar algumas sessões no teatro «D. Maria Pia», sendo a primeira na proxima quinta-feira á noite.*”⁴³

O programa dos últimos e únicos espectáculos de animatógrafo, antes de partir para as Canárias, nos dias 11, 13, 14, 18 e 20 de Novembro, compunha-se de doze novos *quadros*, desconhecidos do público e que faziam parte de uma nova colecção mandada vir de Paris. Nos espectáculos ouviu-se uma orquestra e a plateia foi iluminada por um foco de luz eléctrica equivalente a 1500 velas. Oportunidade a não perder, até porque “*Os preços, (...), são bastante modicos, precisamente ao alcance de todas as bolsas*”⁴⁴. A primeira parte consistia em seis deslumbrantes *vistas* diversas com cenas da vida, em tamanho natural, finalizando com *Quadrilha dos incroyables*; e a segunda parte, também com seis *vistas*,

⁴⁰ *Diario de Noticias*, ano XXI, Nº 6135, Domingo, 22 de Agosto de 1897, p. 2

⁴¹ *Idem*, ano XXII, Nº 6186, Quinta-feira, 21 de Outubro de 1897, p. 1

⁴² *O Diario do Commercio*, ano II, Nº 332, Quinta-feira, 21 de Outubro de 1897, p. 1

⁴³ *Idem*, ano II, Nº 348, Terça-feira, 9 de Novembro de 1897, p. 1

⁴⁴ *Idem*

terminava com *Dança Serpentina (colorida)*. Segundo o programa, “*O machinismo d’ este animatographo é o mais perfeito até hoje conhecido não deixando reproduzir as grandes trepidacções.*”⁴⁵

Estes espectáculos tiveram casa cheia, conquanto se lamente alguma avaria (“*Tudo teria corrido bem, se não fosse o desarranjo que se deu no foco eléctrico, deixando o publico ás escuras.*”⁴⁶) e o mau comportamento da assistência (“*É conveniente que em taes actos certos meninos engraçados acabem com certos ditos que só são próprios em espectaculos de feiras.*”⁴⁷). Embora fossem anunciadas sessões até ao dia 20 de Novembro, estranhamente, no Domingo, dia 21, teve lugar uma nova sessão de animatógrafo, sendo do agrado do público os *quadros* reproduzidos, alguns dos quais foram repetidos a pedido de vários espectadores⁴⁸, tratando-se de uma situação trivial na época. E *O Diario do Commercio* publicou o programa para uma sessão no dia 28 do mesmo mês. Foram exibidos, na primeira parte, “*16 quadros diversos, (...), finalizando com o Prestidigitador e a segunda parte com a applaudida e encantadora Dança Serpentina.*”⁴⁹

No início de Dezembro, o *Diario de Noticias* comunicava mais um espectáculo, para o dia 5, composto por belíssimos *quadros* de surpreendentes efeitos. Na segunda parte, “*(...) o sr. Valverde executará um delicioso solo no mandolim*”⁵⁰. No Domingo, 12 de Dezembro, foi anunciado novo espectáculo do animatógrafo, antes de João Anacleto Rodrigues partir para as Canárias.⁵¹ As grandes novidades eram *Praça do Theatro da Opera em Paris* e *Cortejo do Tzar e Tzarina sahindo do Pantheon*. Haveria, novamente, actuação do senhor Valverde. O início do espectáculo foi anunciado para as dezanove horas e trinta minutos, devendo a entrada dos espectadores efectuar-se às dezanove horas, como já era habitual. A grande novidade desta sessão foi que “*Os preços das entradas foram reduzidos.*”⁵²

Ainda que o sucesso do animatógrafo fosse incontestável, havia quem não frequentasse os espectáculos por medo de incêndios que pudessem ser causados pela electricidade. Para aquietar os mais medrosos e incrédulos, *O Diario do Commercio*

⁴⁵ *O Diario do Commercio*, ano II, Nº 348, Terça-feira, 9 de Novembro de 1897, p. 2

⁴⁶ *Diario de Noticias*, ano XXII, Nº 6207, Terça-feira, 16 de Novembro de 1897, p. 1

⁴⁷ *Correio do Funchal*, ano I, Nº 262, Segunda-feira, 22 de Novembro de 1897, p. 1

⁴⁸ *O Diario do Commercio*, ano II, Nº 360, Terça-feira, 23 de Novembro de 1897, p. 1

⁴⁹ *Idem*, ano II, Nº 364, Sábado, 27 de Novembro de 1897, p. 2

⁵⁰ *Diario de Noticias*, ano XXII, Nº 6224, Domingo, 5 de Dezembro de 1897, p. 2

⁵¹ *O Diario do Commercio*, ano II, Nº 376, Domingo, 12 de Dezembro de 1897, p. 2

⁵² *Idem*

esclareceu: “Devemos observar que os receios são infundados, por quanto o incendio que ha pouco se manifestou em Paris, motivado pelo cinematographo, não foi produzido pela electricidade, mas sim pela lampada oxyetherica, com que trabalhava aquelle aparelho, a qual incendiou as pelliculas de celloloide”⁵³. Contudo, embora houvesse vários esforços para acalmar o público relativamente aos incêndios, estes eram muito frequentes.

As alusões a fogos em cinematógrafos eram repetidas na imprensa. Estes ocorriam em todo o mundo. Descobrimos, entre outras, uma notícia de um incêndio num cinematógrafo em Inglaterra, descrita pelo *O Diario do Commercio*. Em Março de 1909, no norte de Inglaterra, em Darlington, ocorreu um incêndio como consequência de uma película ter pegado fogo. Os resultados podiam ter sido graves se não tivesse havido uma intervenção rápida das autoridades. Contudo, houve “ (...) um terror panico horrivel entre as 800 pessoas que assistiam ao espectáculo, das quaes ficaram 10 feridas mais ou menos gravemente.”⁵⁴

Este problema é tema recorrente na cinematografia mais actual, por exemplo em *Cinema Paraíso*, e na literatura. Aqui salientamos o romance *Terra de Neve*⁵⁵, no qual se descreve a situação dramática vivida pelas pessoas de uma pequena localidade isolada da costa oeste do Japão, provocada por um incêndio num cinematógrafo improvisado num armazém.

Os filmes exibidos nas primeiras sessões de animatógrafo, no Funchal, são do formato *Joli-Normandin*. Para a sua digressão aos Açores e às Canárias, João Anacleto Rodrigues encomendou um novo lote de filmes do mesmo formato, bem como cinco rolos de película virgem. Na opinião de João Maurício Marques estes terão servido para fazer a legendagem dos filmes. Embora não se possa excluir a ideia de que o proprietário do *Bazar do Povo* tenha tentado registar imagens originais, não há referência a alguma realização sua. “*O certo é que João Anacleto Rodrigues manteve o projector e toda a equipagem na sua posse e em perfeito estado, pois algumas das películas chegaram a ser projectadas posteriormente em salões*

⁵³ *O Diario do Commercio*, ano I, Nº 226, Terça-feira, 15 de Junho de 1897, p. 2

⁵⁴ *Idem*, ano XIII, Nº 3452, Quarta-feira, 31 de Março de 1909, p. 2

⁵⁵ KAWABATA, Yasunari, *Terra de Neve*, 2ª edição, “Ficção Universal”, Lisboa, Dom Quixote, Abril de 2003, pp. 157 a 170.

O autor (1899-1972), Prémio Nobel da Literatura em 1968, escreveu este romance em 1934 e publicou-o gradualmente entre 1935 e 1937. Portanto refere a época em estudo. A obra foi adaptada ao cinema em 1957 e 1965.

*privados, bem como o equipamento utilizado (películas incluídas) ainda hoje existe, estando na posse dos seus descendentes.”*⁵⁶

Estas películas, de origem francesa, datam de 1896 e 1897. Estas fitas raras são, actualmente, de importância internacional. A raridade destes filmes de 35 mm reside no facto de terem cinco perfurações laterais em vez das habituais quatro, sendo apenas compatíveis com o projector *Joli-Normandin*, cujo nome deriva da junção dos apelidos dos dois engenheiros franceses que os conceberam. Estes concorrentes dos Lumière criaram uma câmara, um projector e um tipo de filme.

A Madeira tem hoje uma das maiores colecções de filmes neste invulgar formato. A colecção é “*especialmente importante não só por terem sido os primeiros filmes a terem sido exibidos na Madeira mas também por terem uma relevância internacional porque são bastante raros*”⁵⁷, afirmou Tiago Baptista aquando da sua deslocação à Madeira em 2006. E acrescentou que “*só se conhecem três colecções em todo o mundo, de formato Joli-Normandin, incluindo esta do Museu Vicentes*”⁵⁸. As outras colecções encontram-se na Filмотeca Espanhola de Madrid e na Cinemateca Suíça.

⁵⁶ MARQUES, João Maurício, *Idem*, p. 10

⁵⁷ Tiago Baptista, Investigador de História do Cinema Português ligado a projectos de restauro da Cinemateca Portuguesa do Departamento do Arquivo Nacional de Imagens em Movimento, citado em *Jornal da Madeira – Revista Olhar*, nº 165 (17/06/2006). [Em Linha]. [Consultado em 21 de Janeiro de 2007]. Disponível em <http://www.cinemia-mac.com/index_port.asp>

⁵⁸ Tiago Baptista citado em *Idem*

2. O CINEMA NA MADEIRA: A EXIBIÇÃO DE FILMES

2.1. A VIRAGEM DO SÉCULO

O interesse do público por este novo divertimento era notório. A demonstrá-lo temos o número de salas de cinema criadas nesta década, no Funchal. A primeira sala de cinema fora da capital da Ilha foi inaugurada só a 1 de Agosto de 1926, no Estreito de Câmara de Lobos, sítio da Igreja. Esta sala, *Cinema Terraço*, era ao ar livre.

Contudo, nesta década todas as salas de espectáculos existentes ficavam no Funchal, sendo a primeira, além do *Teatro D. Maria Pia*, o *Pavilhão Grande*.

Pavilhão Grande

Após as sessões iniciais de cinematógrafo no Funchal, a exibição de filmes continuou. A 6 de Março de 1898, Domingo, no *Pavilhão Grande* da Praça da Rainha (ilustração 7) teve lugar uma sessão de animatógrafo, onde foram projectadas algumas *vistas* de lindíssimo efeito, ainda não conhecidas do público madeirense⁵⁹. “*O preço das entradas é de 200 reis, cadeiras; e 100 reis, promenoir*”⁶⁰. Porém, em consequência do tempo, não se realizou no pavilhão da Praça da Rainha a anunciada sessão de animatógrafo, ficando esta adiada para a quinta-feira próxima⁶¹.

No *Teatro D. Maria Pia*, no dia 19 de Março, realizou-se um espectáculo da *Companhia Franceza, Mimica e Illusionista*, com um variado e interessante programa, havendo “*(...) também uma sessão d’ animatographo*”⁶². O espectáculo não foi do agrado do público funchalense, “*(...) com excepção do animatographo que funcionou perfeitamente*”⁶³. Talvez a curiosidade e a inovação do animatógrafo se tenha imposto como veremos ao longo da década.

⁵⁹ *O Diario do Commercio*, ano II, Nº 441, Domingo, 6 de Março de 1898, p. 2

⁶⁰ *Diario de Noticias*, ano XXII, Nº 6293, Quinta-feira, 3 de Março de 1898, p. 2

⁶¹ *Idem*, ano XXII, Nº 6296, Domingo, 6 de Março de 1898, p. 2

⁶² *Idem*, ano XXII, Nº 6307, Sábado, 19 de Março de 1898, p. 2

⁶³ *Idem*, ano XXII, Nº 6310, Terça-feira, 22 de Março de 1898, p. 2

Em 1899, estreou, no Funchal, *Dança Serpentina*. Foram reservados muitos bilhetes para este “ (...) *numero de esplendido efeito e novidade*”⁶⁴. Relativamente à *Dança Serpentina* – inspirado no espectáculo de dança coreografado e interpretado pela bailarina Loie Fuller que fez cartaz no *Folies-Bergère*, na década de 90 do século XIX (ilustração 8) - encontramos várias fitas: a primeira que descobrimos data de 1894, da autoria de Edison (?). Aquando dos seus primeiros filmes, Aurélio da Paz dos Reis produziu uma fita com este nome (1896?); dos Lumière detectamos uma versão de 1899. Achamos, ainda, algumas versões não identificadas, das quais uma de origem italiana⁶⁵. As várias versões de *Dança Serpentina* justificam o facto de ter havido duas estreias tão próximas (uma a 15 de Junho de 1897 e outra a 20 de Maio de 1899), no Funchal.

O *Diario de Noticias*, de 28 de Novembro de 1900, informava que “*No pavilhão grande da Praça da Rainha exhibir-se-hão todas as quintas-feiras e domingos um esplendido animatographo, um auto-Stéréoscope e um bello piano electrico*”⁶⁶. No mesmo dia, *O Diario do Commercio* referia a exibição, no *Pavilhão Grande*, de magníficas *vistas* da Exposição Francesa, da Bélgica, da Suíça e de outros países; bem como a execução, no piano eléctrico, de algumas peças musicais, entre elas *O Trovador*, *Carmem*, *La Traviata*, *Fausto*, *Carnaval de Veneza* e *Marcha do Profeta*⁶⁷.

Segundo a *Revista Madeirense*, de 2 de Dezembro de 1900, Alfredo Guilherme Rodrigues (1862- 1942)⁶⁸, irmão de Henrique Augusto e João Anacleto Rodrigues, realizou uma exibição de imagens com o animatógrafo *Edison*, a 29 de Novembro desse mesmo ano, no *Pavilhão Grande*, na Praça da Rainha (ilustração 9). Estas imagens intitularam-se: *Visitas da Suíça*, *Retratos de figuras célebres*, *Imagens da Guerra dos Boers*, *Imagens dos pavilhões da Exposição de Paris – 1900*. O produto desta exibição reverteria a favor do projectado *Manicómio Câmara Pestana*. Estes espectáculos eram também musicais e incluíam concursos, que surgem como um complemento ao cinema⁶⁹. À semelhança do resto do

⁶⁴ *Diario de Noticias*, ano XXIII, Nº 6646, Quinta-feira, 18 de Maio de 1899, p. 2

⁶⁵ You Tube – Broadcast Yourself – Vídeos- Serpentine Dance [Em Linha]. [Consultado em 21 de Abril de 2008]. Disponível em <http://br.youtube.com/results?search_query=serpentine+dance&search_type=>>.

⁶⁶ *Diario de Noticias*, ano XXV, Nº 7097, Quarta-feira, 28 de Novembro de 1900, p. 1

⁶⁷ *O Diario do Commercio*, ano V, Nº 1226, Quarta-feira, 28 de Novembro de 1900, p. 2

⁶⁸ Era proprietário do estabelecimento comercial *Casa Portuguesa*, no Largo do Chafariz, situado junto do *Bazar do Povo*, que pertencia aos seus irmãos. Em Junho de 1922, os irmãos Rodrigues participaram na fundação da *Casa Bancária Rodrigues Irmãos & Cª*, incorporada, em Novembro de 1933, no *Banco da Madeira*. Alfredo Rodrigues era, igualmente, proprietário da Escola Laical *O Vintém*.

⁶⁹ MARQUES, João Maurício, *Idem*, pp. 10 e 11

mundo, na época do cinema mudo, a exibição de filmes era acompanhada por um grupo melódico que executava partituras originais e improvisadas durante a sessão.

No dia 2 de Dezembro, Domingo, ocorreu uma nova sessão de animatógrafo e, esperando-se grande adesão por parte do público, anunciava-se que “*Os bilhetes acham-se á venda no kiosque próximo ao Pavilhão grande no dia das sessões, das 3 horas da tarde em diante*”⁷⁰. O espectáculo foi, como era esperado, apreciado pelo público que provocou enchente em todas as sessões de animatógrafo, onde foram expostos *quadros* considerados de “*(...) bello effeito*”⁷¹. A 6 de Dezembro, no mesmo Pavilhão, houve duas novas sessões de animatógrafo, *auto-Stéréoscope* e piano eléctrico. Em cada sessão foram expostas doze surpreendentes *vistas* animadas⁷². Relativamente a estas sessões, o *Diario de Noticias* realçou que “*Quem ainda não viu aquella maravilha, uma das mais bellas e engenhosas invenções do homem, deve lá ir*”⁷³. Considerou, ainda, que o preço era convidativo e o local agradável, acrescentando o facto de se ouvirem escolhidas peças musicais no, tão apreciado, piano eléctrico.

Nos dias 9, 13 e 16 de Dezembro de 1900 houve várias sessões de animatógrafo. Os espectadores dos dias 13 e 16 foram aliciados com o sorteio de um prémio, como comunicou o *Diário de Noticias*: aos espectadores com bilhete de cadeira era oferecido, em cada sessão, um prémio no valor de 2000 a 4000 reis. Este prémio seria sorteado no final de cada sessão⁷⁴. Para cativar a assistência “*A phylarmonica Artístico Madeirense tocou na Praça da Rainha desde as 5 horas da tarde ás 9 horas da noite, agradando bastante*”⁷⁵. Perante tantas atracções as sessões de animatógrafo foram muito concorridas. Quase que nos questionarmos sobre qual seria o verdadeiro encanto: se o cinematógrafo, se a música ou se o prémio?

Os proprietários do referido Pavilhão confessaram, para breve, a aquisição de novas fitas, nomeadamente uma colecção de *vistas* da Guerra do Transvaal e da Exposição de Paris⁷⁶. O *Diario do Commercio*⁷⁷ e o *Diario de Noticias*⁷⁸ anunciaram sessões para os dias

⁷⁰ *Diario de Noticias*, ano XXV, Nº 7101, Domingo, 2 de Dezembro de 1900, p. 2

⁷¹ *Idem*, ano XXV, Nº 7102, Terça-feira, 4 de Dezembro de 1900, p. 2

⁷² *O Diario do Commercio*, ano V, Nº 1233, Quinta-feira, 6 de Dezembro de 1900, p. 2

⁷³ *Diario de Noticias*, ano XXV, Nº 7104, Quinta-feira, 6 de Dezembro de 1900, p. 2

⁷⁴ *Idem*, ano XXV, Nº 7109, Quinta-feira, 13 de Dezembro de 1900, p. 2

⁷⁵ *Idem*, ano XXV, Nº 7113, Terça-feira, 18 de Dezembro de 1900, p. 2

⁷⁶ *O Diario do Commercio*, ano V, Nº 1239, Sexta-feira, 14 de Dezembro de 1900, p. 1

⁷⁷ *Idem*, ano V, Nº 1244, Quinta-feira, 20 de Dezembro de 1900, p. 1; *Idem*, ano V, Nº 1247, Domingo, 23 de Dezembro de 1900, p. 2; *Idem*, ano V, Nº 1248, Terça-feira, 25 de Dezembro de 1900, p. 1

⁷⁸ *Diario de Noticias*, ano XXV, Nº 7115, Quinta-feira, 20 de Dezembro de 1900, p. 2; *Idem*, ano XXV, Nº 7118, Domingo, 23 de Dezembro de 1900, p. 2; *Idem*, ano XXV, Nº 7121, Domingo, 30 de Dezembro de 1900, p. 2

20, 23, 25 e 30 de Dezembro, no *Pavilhão Grande*, com os prémios do costume. A Filarmónica voltou a tocar e, muito provavelmente, a encantar.

Durante o mês de Janeiro de 1901, houve várias sessões de animatógrafo, onde foram, conforme prometido, “ (...) *apresentados pela primeira vez, por meio de projecção electrica, os retratos dos generaes boers e inglezes que mais se teem distinguido na guerra que se vem travando no Transvaal*”⁷⁹. Estas sessões terminavam com a apresentação dos retratos da Rainha Victoria e do presidente Paul Kruger, figuras de destaque na época dada a situação política, isto é, a Guerra Bóer no Transvaal. Além destas fitas, foram também projectadas várias *vistas* da Suíça.

No final do mês, o *Diario de Noticias* lembrou ao público que devia aproveitar as últimas sessões de animatógrafo, uma vez que seriam suspensas logo que chegasse à cidade a companhia de zarzuela⁸⁰, outra das diversões concorrentes do cinematógrafo.

Em Fevereiro, o Funchal assistiu a *vistas* de produção nacional. No dia 10, o *Diario de Noticias* informou que “*Hoje será exposta pela primeira vez uma linda collecção de vistas da Madeira e Portugal, trabalho do distincto photographo amator snr. Joaquim Augusto de Sousa*”⁸¹. Contudo, estas imagens não faziam parte de um filme sobre a Madeira, tratava-se de uma montagem de películas fotográficas realizadas pelo fotógrafo em deambulações pela Ilha, como explica João Maurício Marques⁸².

Joaquim Augusto de Sousa (1853-1905) era fotógrafo amador, iniciou-se na fotografia em 1872 (ilustração 10). Foi premiado em vários concursos nacionais e internacionais. Em 1888 foi distinguido com o título de fotógrafo amador da Casa Real Portuguesa.

Outro fotógrafo amador (ilustração 11), cujos trabalhos também foram apreciados no *Pavilhão Grande*, foi João Henrique von Hafe (1855-1930). Este engenheiro, nascido no Porto, era de descendência alemã (a mãe nasceu na Alemanha e o pai, português, era filho de alemães). Foi para Luanda, onde casou, aproximadamente em 1886, em primeiras núpcias, com Maria da Conceição do Amaral Gorgel. Deste casamento teve dois filhos. Em 1894 volta a casar, na freguesia de S. Roque, com Eugénia Celestina Carvalho Larica, filha de

⁷⁹ *O Diario do Commercio*, ano V, Nº 1252, Quinta-feira, 3 de Janeiro de 1901, p. 1

⁸⁰ *Diario de Noticias*, ano XXV, Nº 7147, Quinta-feira, 31 de Janeiro de 1901, p. 2

⁸¹ *Idem*, ano XXV, Nº 7155, Domingo, 10 de Fevereiro de 1901, p. 2

⁸² MARQUES, João Maurício, *Idem*, p. 13

madeirenses. Nasceram, deste matrimónio, oito filhos. Sabemos que os quatro mais velhos foram baptizados na Madeira, na freguesia da Sé.

João Henrique von Hafe trabalhou como engenheiro da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro. Foi o responsável por um estudo e projecto de melhoramento desta mesma Barra. O seu trabalho ainda hoje é reconhecido. Desconhecemos em que condição veio para a Madeira. Terá sido em trabalho?

Uma semana depois, *O Diario do Commercio* referiu que, no *Pavilhão Grande*, se realizaria a segunda sessão de animatógrafo, cujos lucros seriam cedidos pela empresa em benefício do cofre do *Instituto Comercial* da cidade. Neste espectáculo voltaram a ser “ (...) *reproduzidas magnificas vistas dos distinctos photographos amadores srs. Joaquim Augusto de Sousa e João Henrique von Hafe, trabalhos estes que bem merecem ser apreciados*”⁸³. A última apresentação destas admiradas *vistas*, “ (...) *que tanto teem agradado ao publico*”⁸⁴, foi a 24 de Fevereiro. O restante ano de 1901 foi parco em exhibições cinematográficas.

As sessões do animatógrafo da Praça da Rainha, nos meses de Julho e Agosto de 1907, foram abundantes, decorrendo às Terças, Quintas, Sábados e Domingos, conforme informação na imprensa da época⁸⁵.

Teatro D. Maria Pia e Hotel Monte Palace

Nos anos seguintes (1902 a 1905), as exhibições tornam-se muito irregulares. As poucas sessões decorreram no *Teatro D. Maria Pia* ou em barracões temporários na Praça da Rainha. Mas mesmo num cenário modesto, no respeitante a cinema, encontramos alguns momentos de interesse: no dia 25 de Março de 1903, “*N’ uma sala do Club Recreio e Instrução haverá esta noite uma sessão de lanterna magica*”.⁸⁶ Embora a evolução do animatógrafo fosse inegável era, ainda, possível assistir a este tipo de espectáculo de uma das suas antigas parentes.

Ditosamente, Alfredo Rodrigues organizou durante anos, no *Hotel Monte Palace*, sessões privadas de cinema, exclusivamente dedicadas à elite funchalense. O facto de ter desposado uma viúva que tinha bens próprios ter-lhe-á permitido comprar a *Quinta do Prazer*,

⁸³ *O Diario do Commercio*, ano V, Nº 1289, Domingo, 17 de Fevereiro de 1901, p. 1

⁸⁴ *Idem*, ano V, Nº 1295, Domingo, 24 de Fevereiro de 1901, p. 1 e *Diario de Noticias*, ano XXV, Nº 7167, Domingo, 24 de Fevereiro de 1901, p. 1

⁸⁵ *O Diario do Commercio*, ano XI, Nº 3162, Sábado, 20 de Julho de 1907, p. 2

⁸⁶ *Idem*, ano VII, Nº 1901, Quarta-feira, 25 de Março de 1901, p. 1

no Monte, que se encontrava em avançado estado de degradação. A aquisição da propriedade deu-se em Março de 1897 e, após obras de recuperação, esta foi adaptada para hotel. A inauguração do *Hotel Monte Palace*, actualmente sede da *Fundação Berardo*, deu-se a 21 de Março de 1904, iniciando-se, em seguida, um período de intensa actividade social.

Muito cortês, Alfredo Guilherme Rodrigues promoveu constantemente serões musicais, além de festas e banquetes. O *Correio da Madeira*⁸⁷ divulgou um jantar oferecido por Alfredo Guilherme, no seu Hotel, ao operador cinematográfico da *Casa Pathé*. O afamado operador, Robert Alexander, foi enviado à Madeira pela *Sociedade Propaganda de Portugal* para filmar os aspectos mais pitorescos da Ilha. Neste festejo esteve, também, presente Francisco Bento de Gouveia.

As sessões cinematográficas no *Hotel Monte Palace* eram frequentes. Longe dos olhares do povo e das salas barulhentas, a elite funchalense assistia no Hotel a exibições privadas. Uma destas festas, promovida pelo Ateneu Comercial, ficou registada no *Diário de Notícias*: “Uma vez no magnífico parque do Monte Palace, espalharam-se pelas varandas e terraços os visitantes, observando os soberbos panoramas que dali se desfrutam. (...) Começou depois a dança no salão nobre do hotel, ao som da excelente orquestra Moon Light Melody Band. Cerca das 17 horas foi servido o chá, que foi primoroso em numerosas mesas pequenas, artisticamente dispostas ao longo da famosa alameda da entrada do Palace Hotel, sob a frescura dos frondosos carvalheiros que a ensombram. À noite foram passados, numa das varandas do hotel, dois filmes das recentes excursões atenistas e, bem assim, o excelente documentário da passagem do senhor Presidente da República pela Madeira.”⁸⁸

Em 1905, no dia 6 de Abril, o Funchal assistiu ao filme *A Viagem à Lua*, de George Méliès. Como nos refere o *Diário de Notícias*: “ (...) um cinematographo admirável, sem trepidações, em que se desenrolarão numerosos quadros de sensação, episodios da guerra russo japonesa e a *Viagem á Lua*, de Júlio Verne, completa em côres”⁸⁹. A exibição deu-se no *Teatro D. Maria Pia*. A julgar pelas referências nos periódicos, esta fita não teve grande impacto no público. As atenções foram todas para o novo aparelho cinematográfico, que nada deixava a desejar dada a sua “perfeição”⁹⁰. Nas publicações de Domingo houve uma breve

⁸⁷ *Correio da Madeira*, ano II, Nº 286, Quarta-feira, 21 de Março de 1923, p. 2

⁸⁸ *Diário de Notícias*, Agosto de 1938 citado em *Monte Palace: Um Jardim Tropical*, Funchal, Fundação José Berardo, 1999.

⁸⁹ *Diário de Notícias*, ano XXIX, Nº 8656, Quinta-feira, 6 de Abril de 1905, p. 2

⁹⁰ *Idem*, ano XXIX, Nº 8658, Sábado, 8 de Abril de 1905, p. 2

alusão ao espectáculo, mas ignorando totalmente o filme⁹¹. Parece que os gostos e preferências cinematográficas dos madeirenses divergiam das dos restantes europeus, dado o sucesso da película no estrangeiro.

No ano de 1906, a Madeira recebeu duas singulares visitas: em Novembro, pela temporada de Inverno, chegou à Madeira uma companhia de variedades que se fazia acompanhar de um cinematógrafo *Watry*. Este era recomendado pelo *Heraldo da Madeira* dado o facto de serem as “*suas películas de pequena trepidação*”⁹². Com sessões muito concorridas, e segundo João Maurício Marques, “ (...) *esta companhia acaba por deixar no público do Funchal «uma grande e funda impressão de agrado», o que leva alguns empresários locais a tentar adquirir novamente um aparelho projector que fique radicado na Madeira, conforme desejos manifestados por várias vezes na imprensa madeirense.*”⁹³ Desconhecemos o local, ou locais, onde esta companhia realizou os seus espectáculos.

No Verão desse mesmo ano chegou, ao Funchal, o espanhol Cândido Rozas Sainz, vindo das Canárias, com o intuito de exhibir, no *Teatro D. Maria Pia*, um cinematógrafo mais aperfeiçoado e completo. Foram projectadas “ (...) *vistas de sensacional actualidade, as diferentes scenas do attentado contra os Reis de Hespanha, no dia do seu casamento*”⁹⁴. A primeira sessão decorreu no dia 18 de Julho e, no dia seguinte, houve novo espectáculo. *O Diario do Commercio* difundiu nos dias 25 e 26 de Julho novas sessões cinematográficas, onde salientava a reprodução de “ (...) *quadros de sensação, entre elles o desastre ultimamente ocorrido nas minas de Courriere, em França*”⁹⁵, sem, contudo, fazer qualquer referência ao seu autor.

Segundo João Maurício Marques, em *Os Faunos do Cinema Madeirense*, um ano mais tarde foi exibido, pela primeira vez aquele que seria o filme mais popular e com maior audiência da época, *A Vida de Cristo*⁹⁶. A afluência de público foi enorme, chegando mesmo a esgotar bilhetes, o que provocou grande desagrado. O sucesso do filme promoveu excursões de espectadores de toda a Ilha, durando a sua exibição de Junho a finais de Novembro de 1907, e voltando em Janeiro de 1908. A primeira sessão decorreu a 27 de Junho de 1907, porém, estranhamente, no dia anterior, o *Diario de Noticias* publicou que no *Teatro D. Maria*

⁹¹ *Diario de Noticias*, ano XXIX, Nº 8659, Domingo, 9 de Abril de 1905, p. 2

⁹² *Heraldo da Madeira* citado em MARQUES, João Maurício, *Idem*, p. 16

⁹³ MARQUES, João Maurício, *Idem*, p. 16

⁹⁴ *O Diario do Commercio*, ano X, Nº 2867, Terça-feira, 17 de Julho de 1906, p. 1

⁹⁵ *Idem*, ano X, Nº 2874, Quarta-feira, 25 de Julho de 1906, p. 1

⁹⁶ Surgiram várias versões, ao longo dos anos, deste filme.

Pia haveria uma interessante sessão de cinematógrafo, acompanhada por um brilhante momento musical com o perfeito piano eléctrico. Aqui, seriam exibidos trechos inteiramente novos e de grande efeito cénico⁹⁷. Enquanto *O Diario do Commercio* anunciou apenas que decorreria “ (...) esta noite uma nova sessão de cinematographo no theatro «D. Maria Pia», sendo reproduzidos alguns quadros de effeito surprehendente”⁹⁸. Não há qualquer menção ao filme a exhibir.

Em Outubro chegou à Ilha o actor e cançonetista, Joaquim do Carmo, que veio exhibir no salão-nobre do *Teatro D. Maria Pia* um animatógrafo do mais “completo e aperfeiçoado sistema”⁹⁹. A primeira sessão realizou-se no dia 17 desse mês, à noite. O semanário *Trabalho e União*, de 19 de Outubro de 1907, publicitou o “*Animatographo Ideal*”, e esclareceu que este, exibido em Lisboa, tinha agradado muito na capital “ (...) e que dará estreias todas as noites de novos e sensacionais quadros, nunca vistos no Funchal”¹⁰⁰. Os espectáculos ocorreram no *Teatro D. Maria Pia* e prometiam-se duas estreias todas as noites. A sala de cinema por excelência, o Teatro Municipal do Funchal, tinha um dos melhores aparelhos cinematográficos conhecidos e as exhibições eram da aprovação do público¹⁰¹. O piano eléctrico era, igualmente, muito contemplado.

Contudo, a sala começou a ser alvo de críticas devido à falta de segurança em caso de fogos. Desde 1903 que se registaram princípios de incêndio no *Teatro D. Maria Pia*. Perante tal situação, criou-se a primeira sala de cinema comercial da Madeira, propriedade de Manoel Fernandes Camacho, o barracão *Águia D’ Ouro*. Este foi construído por detrás do *Teatro D. Maria Pia*, ao lado do agora extinto restaurante *Phenix*. A inauguração deu-se a 1 de Dezembro de 1907, pelas 18 horas. Foram apresentadas seis curtas-metragens documentais e uma ficção, *Drama de Veneza*. As sessões eram muito concorridas e variavam entre exhibições de animatógrafo e espectáculos de variedades. Agradava especialmente a actuação da cançonetista que dava pelo nome artístico de “A Portuguezinha”¹⁰².

Porém, o barracão *Águia D’ Ouro* que tinha sido criado para garantir segurança, por “ironia do destino”, ardeu poucos meses depois da sua abertura num violento incêndio, a 16 de Março de 1908. Recorrendo ao *Heraldo da Madeira*, o incêndio começou “*pelas sete*

⁹⁷ *Diario de Noticias*, ano XXXI, Nº 9460, Quarta-feira, 26 de Junho de 1907, p. 2

⁹⁸ *O Diario do Commercio*, ano XI, Nº 3143, Quinta-feira, 27 de Junho de 1907, p. 2

⁹⁹ *Idem*, ano XII, Nº 3236, Quarta-feira, 16 de Outubro de 1907, p. 1

¹⁰⁰ *Trabalho e União*, ano I, Nº 8, Sábado, 19 de Outubro de 1907, p. 2

¹⁰¹ *A Chacota*, Ano I, Nº 20, 23 de Junho, 1907, p. 3

¹⁰² MARQUES, João Maurício, *Idem*, p. 20

horas da tarde no momento em que começava a funcionar o animatógrafo (...) a causa do incendio foi uma das películas d' aquele aparelho se ter inflammado no arco voltaico do projector, communicando-se em seguida a uma das taboas que estavam próximas e depois a todo o madeiramento do barracão.”¹⁰³

Cinematophone

O incêndio no barracão *Águia D' Ouro* provocou uma *paranóia* pela segurança, que foi acompanhada por uma *febre de cinema*. Neste contexto surgiu João Frederico Rego com o seu seguríssimo¹⁰⁴ *Cinematophone*¹⁰⁵. Para *O Diario do Commercio*, prometiam ser muito concorridos os espectáculos de *Cinematophone* que se realizaram no *Teatro D. Maria Pia* e, em todas as sessões, foram exibidas várias películas novas vindas ultimamente de Inglaterra e de Portugal continental, sendo algumas extremamente engraçadas¹⁰⁶.

Frederico Rego convidou publicamente, para uma sessão inaugural, todas as autoridades, a imprensa e, especialmente, as companhias de seguros. O espectáculo realizou-se no dia 18 de Julho de 1908 e o programa era composto por: duas óperas (*Ave-maria* de Gounod e *Miserere* de *O Trovador*), duas ficções (*O Anarchista* e *Casa Spirista*) e dois documentários (*Retrato d' El-Rei* e *Funeral d' El-Rei D. Carlos I e Príncipe Real D. Luiz Philippe*)¹⁰⁷. As restantes sessões de *Cinematophone* decorreram durante o Verão de 1908 e foram “ (...) devidamente apreciadas pelos numerosos espectadores que alli teem affluído.”¹⁰⁸

Normalmente, em cada espectáculo eram projectadas 10 películas, mas nos dias em que havia duas sessões estas eram reduzidas para 7 ou 8. Quando a afluência de público assim o justificasse, podia haver uma terceira projecção com as melhores fitas das sessões anteriores. Nos últimos dias de apresentação chegaram a ser exibidos 15 filmes, tendo cada

¹⁰³ *Heraldo da Madeira* citado em MARQUES, João Maurício, *Idem*, p. 20

¹⁰⁴ Foram efectuadas várias tentativas para incendiar o *Cinematophone* e nunca se conseguiu, ficando este intacto.

¹⁰⁵ Trata-se de uma mistura de cinematógrafo com gramofone. Era usado, especialmente, para ouvir e visionar óperas filmadas. Tornou-se muito habitual na Alemanha e Inglaterra.

¹⁰⁶ *O Diario do Commercio*, ano XII, Nº 3239, Domingo, 12 de Julho de 1908, p. 1. É de registar que, entre meados de Outubro de 1907 e meados de Julho de 1908, este jornal sofreu uma paragem de publicação.

¹⁰⁷ MARQUES, João Maurício, *Idem*, p. 23

¹⁰⁸ *Trabalho e União*, ano I, Nº 46, Sábado, 18 de Julho de 1908, p. 3

sessão a duração aproximada de uma hora. Tratavam-se, portanto, de filmes de duração muito reduzida.

De entre as variadíssimas películas exibidas podemos expor algumas: *Viagem de um Presidente da Camara, Adeante com a musica, A Múmia, Metamorfozis d'um cavallo, Coração do Marinheiro, Calças Rontas, Carta de Amor, La Luba, Anjo da Vida, Alfaiate de Ocasão* (cómico), *Viagem Original* (colorida), *Totó Fuma, Amor e Dinheiro, Homem de Cabeça Vitela, Terrível vingança – Judia, Cascatas do Brasil, Crime de um Criado, Diabolo Fatal, Passeio em Roma, Pousadas nos Alpes, ...*

João Frederico Rego tentou impor o cinema sonoro e quis conquistar uma elite mais erudita com a exibição de musicais e óperas clássicas, como *Ave-maria* de Gounod¹⁰⁹, *Miserere* (4º acto da ópera *Il Trovatore*, de Guiseppe Verdi)¹¹⁰ e *La Fille du Regiment*, de Gaetano Donizetti (cantado por M. Boutoux e W. Boyer)¹¹¹.

No dia 3 de Agosto, a empresa do *Cinematophone* retirar-se-ia para Lisboa, conforme anunciado¹¹², mas as exhibições continuaram até ao dia 6.

2.2. OS ANOS DEZ

Os anos dez foram muito produtivos quer em exibição quer em produção de filmes. Surgiram vários novos locais de exibição: o *Pavilhão Paris*, o *Salão Ideal*, o *Salão Central*, o *Salão Variedades* e o *Teatro-Circo* (ilustração 12).

Em Setembro de 1910 foi divulgado o cinematógrafo ambulante: “*Os srs. José Maurício Gomes e José Procopio de Gouveia vão exhibir um cinematographo nas freguezias suburbanas do Funchal, realisando-se amanhã, em S. Gonçalo, no sitio do Canto do Muro, a experiencia da machina*”¹¹³. Assim, o cinematógrafo “saiu” do Funchal, permitindo, o que de outro modo nunca seria possível – que um grupo de pessoas menos cidadinas o visionasse.

¹⁰⁹ *O Diario do Commercio*, ano XII, Nº 3244, Sábado, 18 de Julho de 1908, p. 2

¹¹⁰ *Idem*, ano XII, Nº 3250, Sábado, 25 de Julho de 1908, p. 2

¹¹¹ *Idem*, ano XII, Nº 3251, Domingo, 26 de Julho de 1908, p. 2

¹¹² *Idem*, ano XII, Nº 3253, Quarta-feira, 29 de Julho de 1908, p. 2

¹¹³ *Idem*, ano XIV, Nº 3868, Sábado, 3 de Setembro de 1910, p. 1

Pavilhão Paris

Em Setembro de 1909, *O Diario do Commercio* comunicou que o proprietário do picadeiro, situado na Rua João Tavira, a norte do Hospital da Santa Casa, estava a proceder à sua transformação em sala apropriada para sessões de cinematógrafo¹¹⁴. Poucos dias depois foi exposto que se esperava de Lisboa, no dia 22 de Setembro, a máquina e todo o material indispensável para a projecção de filmes. Foi também comunicada a inauguração da casa de espectáculos para o dia 26 do mesmo mês¹¹⁵. No dia anunciado chegou de Lisboa o cinematógrafo, acompanhado do técnico que iria proceder à sua montagem¹¹⁶.

A nova sala de cinema, chamada *Pavilhão Paris*, deveria ser inaugurada a 1 de Outubro, conforme *O Diario do Commercio*¹¹⁷. Porém, na véspera foi sujeita a inspecção de segurança pelos senhores comendador Aníbal Augusto Trigo, engenheiro municipal, e Alfredo Jorge Ferraz, comandante dos bombeiros voluntários, que concluíram ser necessário introduzir algumas modificações nas instalações¹¹⁸.

A 6 de Outubro foi novamente “ (...) *inspeccionado, pelo sr. chefe dos serviços telegrapho-postaes d’ este districto, como fiscal das industrias eléctricas, a parte das installações cinematographicas no pavilhão á rua de João Tavira, em que tem superitendencia a inspecção geral dos telegraphos*”¹¹⁹. A inspecção considerou, desta vez, tudo em ordem, devendo por isso realizar-se muito brevemente a inauguração daquela sala de espectáculos. Uma semana depois, a administração do concelho, tendo em conta as informações das entidades responsáveis, concedeu a licença para o funcionamento do cinematógrafo da empresa *Souza & Barretto*¹²⁰.

O Diario do Commercio, de 21 de Outubro, noticiou a inauguração do *Pavilhão Paris* para o próximo Sábado, dia 23, “ (...) *onde será exposto um cinematographo, dotado com os mais modernos aperfeiçoamentos e onde serão expostas fitas de um effeito surpreendente*”¹²¹. O *Pavilhão Paris* foi, finalmente, inaugurado a 23 de Outubro de 1909,

¹¹⁴ *O Diario do Commercio*, ano XIII, Nº 3586, Quarta-feira, 15 de Setembro de 1909, p. 1

¹¹⁵ *Idem*, ano XIII, Nº 3588, Sexta-feira, 17 de Setembro de 1909, p. 1

¹¹⁶ *Idem*, ano XIII, Nº 3593, Quinta-feira, 23 de Setembro de 1909, p. 2

¹¹⁷ *Idem*, ano XIII, Nº 3597, Quarta-feira, 29 de Setembro de 1909, p. 1

¹¹⁸ *Idem*, ano XIII, Nº 3599, Sexta-feira, 1 de Outubro de 1909, p. 2

¹¹⁹ *Idem*, ano XIII, Nº 3606, Sexta-feira, 8 de Outubro de 1909, p. 2

¹²⁰ *Idem*, ano XIII, Nº 3612, Sexta-feira, 15 de Outubro de 1909, p. 2

¹²¹ *Idem*, ano XIII, Nº 3617, Quinta-feira, 21 de Outubro de 1909, p. 1

após dois adiamentos, e as sessões cinematográficas prometiam ser muito frequentadas, atendendo às comodidades e à excelência das diversões que eram proporcionadas ao público¹²². Na véspera, houve uma sessão especial dedicada à imprensa e às autoridades e, segundo consta em *O Diario do Commercio*, a impressão colhida foi excelente¹²³.

As sessões foram bastante concorridas e “*Não era de esperar menos, attenta a nitidez dos quadros apresentados e a sua variedade e o bom gosto na escolha das fitas que são do mais surpreendente effeito. As ultimas noites dão a medida de quanto o nosso publico aprecia e reconhece os sacrificios e trabalhos da empreza para corresponder á justa curiosidade dos funchalenses.*”¹²⁴

Algumas das fitas, projectadas nos primeiros dias de exhibições, foram: *Viagem a Meca* (panorâmica); *Tiro Fatal* (dramático); *Phantazia no Japão*; *O Milagre*; *Dia de Enganos* (cómico); *Mulher Immortal* (cómico); *Colombo e seus Arredores*; *Obstinação d’ um Amante* (cómico); *Julio Cezar* (drama); *Sonho de Pierrot*; *Senhor Rolante*; *Canadá Pitoresco* (panorama); *A Taberna* (drama de Emile Zola, com 800 metros); *Viagem d’ El Rei D. Manuel ao Porto* (do natural); *O Ladrão* (cómico); *Asylo de Cegos* (instrutiva); entre outras. Nos programas publicados havia uma ressalva quanto aos filmes indicados, podendo “*A Empreza reservar-se o direito de, por força maior, alterar o programma.*”¹²⁵

A 31 de Outubro de 1909, a empresa comunicou que, por motivo de limpeza da máquina, o salão só reabriria a 4 de Novembro, Quinta-feira, pelas 8 horas da noite. A reabertura teve a aprovação do público que reconheceu a grande vantagem que adveio dos trabalhos efectuados, tornando as projecções mais nítidas e quase imperceptíveis as intermitências¹²⁶.

No início de Novembro, a empresa *Souza & Barretto* colocou em *O Diario do Commercio* um aviso, destinado à assistência do *Pavilhão Paris*, apelando a que qualquer irregularidade, que porventura pudesse ser notada, fosse imediatamente participada ao gerente, Augusto João Barretto, para que de pronto pudesse ser corrigida. A empresa não se poupava a esforços para proporcionar ao público todo o conforto possível. Acrescentou, ainda, que devido à limpeza da máquina e regulação de todos os seus acessórios, esta se

¹²² *O Diario do Commercio*, ano XIII, Nº 3619, Sábado, 23 de Outubro de 1909, p. 2

¹²³ *Idem*, ano XIII, Nº 3620, Domingo, 24 de Outubro de 1909, p. 1

¹²⁴ *Idem*, ano XIII, Nº 3621, Terça-feira, 26 de Outubro de 1909, p. 1

¹²⁵ *Idem*, ano XIII, Nº 3622, Quarta-feira, 27 de Outubro de 1909, p. 2; *Idem*, ano XIII, Nº 3623, Quinta-feira, 28 de Outubro de 1909, p. 2; *Idem*, ano XIII, Nº 3624, Sexta-feira, 29 de Outubro de 1909, p. 2; e seguintes

¹²⁶ *Idem*, ano XIII, Nº 3630, Sábado, 6 de Novembro de 1909, p. 1

achava montada por tal forma, que não poderia existir o menor perigo no funcionamento. Terminava, aliciando, com a chegada das “ (...) *ultimas novidades em fitas das principaes casas de Turim e Paris, que n’ esta machina, unica montada em Hespanha e Portugal, deverão produzir deslumbrante effeito, sem o menor receio de incommodo para o publico.*”¹²⁷

Parece que as reparações, as novas fitas, o anunciado conforto da sala, o “ (...) *preço modico (...) aceio, decencia e moralidade*”¹²⁸ tiveram o efeito desejado, uma vez que a afluência de publico foi notória. Tornando, o *Pavilhão Paris* “ (...) *digno de ser apreciado por todas as famílias honestas*”¹²⁹. Com tantos atributos, no Domingo, dia 5 de Dezembro, “*Aquelle pavilhão foi frequentado, nas tres sessões (...), por 1.080 pessoas*”¹³⁰. Ao público encantou especialmente as *vistas* da Madeira¹³¹. A 15 de Dezembro foi anunciada a chegada de uma nova colecção de 15 fitas, que prometia agradar¹³². Em Dezembro de 1909 houve sessões nos dias 25, 26 e 27¹³³.

O ano de 1910 começou da melhor maneira para os apreciadores do animatógrafo: a 5 de Janeiro foi anunciada, para o *Pavilhão Paris*, a estreia de *A Vida de Jesus*, fita de 1000 metros, colorida, considerada artística. No programa da referida sala, que constava de *O Diario do Commercio* de 9 de Janeiro, a célebre película apareceu de forma destacada em relação ao outro filme anunciado, *Hércules no Regimento* (cómica); e a empresa avisava que “*A fita A Vida de Jesus demorar-se ha muito pouco tempo n’ esta cidade*”¹³⁴. A sessão foi animada com música pelo *Pathéphone*, como já é habitual neste Pavilhão.

Na mesma página, embora noutra secção, foi referido que as sessões tinham sido extraordinariamente concorridas, “ (...) *agradando especialmente a fita denominada «A Vida de Jesus», que é realmente digna de ser apreciada*”¹³⁵. E o público foi, novamente, prevenido de que a fita seria devolvida, brevemente, para Lisboa, “ (...) *devendo, por isso, as pessoas que ainda a não viram aproveitar para isso os poucos dias em que será exposta*”¹³⁶. No dia

¹²⁷ *O Diario do Commercio*, ano XIII, Nº 3632, Terça-feira, 9 de Novembro de 1909, p. 1

¹²⁸ *Trabalho e União*, ano III, Nº 115, Sábado, 20 de Novembro de 1909, p. 2

¹²⁹ *Idem*

¹³⁰ *O Diario do Commercio*, ano XIII, Nº 3657, Quarta-feira, 8 de Dezembro de 1909, p. 1

¹³¹ *Trabalho e União*, ano III, Nº 118, Sábado, 11 de Dezembro de 1909, p. 2

¹³² *O Diario do Commercio*, ano XIII, Nº 3662, Quarta-feira, 15 de Dezembro de 1909, p. 1

¹³³ *Idem*, ano XIII, Nº 3671, Sábado, 25 de Dezembro de 1909, p. 2

¹³⁴ *Idem*, ano XIII, Nº 3680, Domingo, 9 de Janeiro de 1910, p. 2

¹³⁵ *Idem*

¹³⁶ *Idem*

seguinte, a abundância de público foi tão grande que a empresa proporcionou mais um espectáculo além do que estava previsto¹³⁷.

No final do mês de Janeiro e início de Fevereiro foram reveladas novas estreias, consideradas de sucesso em todas as cidades do mundo por onde tinham sido exibidas, como *Carmen*¹³⁸ e *A Dama das Camélias*¹³⁹. Estes dois filmes tiveram várias versões, desde o cinema mudo ao sonoro. *Carmen* é uma interpretação da ópera homónima de Bizet e *A Dama das Camélias*, obra de Alexandre Dumas, foi filmado em 1907, 1909, 1912 (com Sarah Bernhard), 1915, 1921, 1934, 1936 (com Greta Garbo), 1953 e 1980¹⁴⁰.

Embora as várias versões destes filmes tivessem agradado bastante nas primeiras exhibições, encontramos uma crítica de 1930, no *RE-NHAU-NHAU*, pouco favorável dada a antiguidade e desadequação do argumento: “*Os realizadores hão-de por força convencer-se que isto de ir buscar assunto a velhos romances não dá nada. Realizando «A Dama das Camélias», cujo enredo é mais do que romantico – puro século XIX, – apresentam-nos aquilo cosinhado á século XX e com scenas dum realismo flagrante*”¹⁴¹. Estamos perante uma alteração das preferências cinematográficas.

No *Pavilhão Paris*, além das já citadas exhibições cinematográficas, apresentaram-se grupos de variedades, de revista e opereta.

Salão Ideal

O Diario do Commercio, de 12 de Março de 1910, comunicou “*Mais um cinematographo*” e explicava: “*O sr. José Francisco Figueira de Jesus vae montar um cinematographo no armazem á rua da Princeza, com esquina para a rua da Figueira Preta (...)*”¹⁴². Com inauguração prevista para o dia 19 desse mês, “*O respectivo machinismo foi hontem despachado na alfandega d’ esta cidade, achando-se tambem entre nós um*

¹³⁷ *O Diario do Commercio*, ano XIII, Nº 3682, Quarta-feira, 12 de Janeiro de 1910, p. 2

¹³⁸ *Idem*, ano XIII, Nº 3694, Quarta-feira, 26 de Janeiro de 1910, p. 2

¹³⁹ *Idem*, ano XIII, Nº 3701, Sexta-feira, 4 de Fevereiro de 1910, p. 1

¹⁴⁰ *A Dama das Camélias*. [Em Linha]. [Consultado em 24 de Abril de 2008]. Disponível em <http://www.babylon.com/definition/A_Dama_das_Cam%C3%A9lias/Portuguese>

¹⁴¹ *RE-NHAU-NHAU*, ano 1, Nº 14, 3 de Maio de 1930, p. 5

¹⁴² *O Diario do Commercio*, ano XIII, Nº 3731, Sábado, 12 de Março de 1910, p. 2

empregado da «Empreza Cinematographica Internacional», que vem encarregado da direcção technica d' aquella nova casa de espectaculos.”¹⁴³

A inauguração foi adiada por motivos de inspecção técnica e administrativa às instalações. Esta era efectuada pelo engenheiro municipal, Aníbal Trigo, pelo administrador do concelho, Dr. João Baptista de Carvalho, e pelo comandante do corpo de bombeiros voluntários, Alfredo Jorge Ferraz¹⁴⁴. A demorada vistoria foi realizada a 23 de Março, ficando o *Salão Ideal* em condições de servir ao funcionamento de um cinematógrafo¹⁴⁵. A inauguração deu-se a 26 de Março, tendo havido uma sessão experimental no mesmo dia, à tarde. A imprensa regional foi convidada para o efeito¹⁴⁶. As novidades cinematográficas, nesta sala, também seriam uma constante.

O Diario do Commercio pronunciou, a 23 de Abril de 1910, que “*O sr. José Filippe Figueira de Jesus, esperado ámanhã de Lisboa, é portador de uma nova machina «Pathé» e de uma grande variedade de fitas cinematographicas que teem obtido grande successo nos principaes salões de Lisboa*”¹⁴⁷. É de salientar que em notícia anterior apareceu o nome de José Francisco Figueira de Jesus, associado ao *Salão Ideal*. Ficamos na dúvida sobre qual o nome correcto.

O *Salão Ideal*, tal como as outras salas de espectáculos, tinha algumas sessões dedicadas à *sociedade elegante funchalense*. E era a este público, mais erudito, que certos espectáculos musicais eram dedicados, como “*(...) a grande opera italiana a Tosca (...)*”¹⁴⁸. Em Abril de 1910 foram anunciados os filmes *Vida de Jesus Christo* (colorida, com 1200 metros), e a *Mancha de Sangue*, com 450 metros¹⁴⁹.

O afamado filme *A Vida de Jesus Christo* foi exibido, novamente, neste salão, em 1914. Porém, pelas críticas parece não ter agradado. O jornal *A Esperança* publicou, sob o título “*Salão Ideal*”, uma opinião: “*Ultimamente apresentou «A vida de Jesus Christo» que tem deixado a desejar. Algumas passagens nada tem de veridico*”¹⁵⁰. Por estranho que possa parecer, nem todas as versões de *A Vida de Jesus Cristo* deleitaram o público madeirense.

¹⁴³ *O Diario do Commercio*, ano XIII, Nº 3732, Domingo, 13 de Março de 1910, p. 1

¹⁴⁴ *Idem*, ano XIII, Nº 3737, Sábado, 19 de Março de 1910, p. 1

¹⁴⁵ *Idem*, ano XIII, Nº 3740, Quinta-feira, 24 de Março de 1910, p. 2

¹⁴⁶ *Idem*, ano XIII, Nº 3741 (?), Domingo, 27 de Março de 1910, p. 1

¹⁴⁷ *Idem*, ano XIII, Nº 3762, Sábado, 23 de Abril de 1910, p. 2

¹⁴⁸ *Idem*

¹⁴⁹ *Idem*

¹⁵⁰ *A Esperança*, Segunda-feira, 8 de Junho de 1914, p. 2

Salão Central

Com muita proximidade temporal era esperada a abertura de uma nova sala de cinema. Os jornais locais comunicaram a chegada de um cinematógrafo, bem como o mobiliário destinado à casa de espectáculos, para 22 de Março de 1910. Este seria instalado no andar superior do edifício onde estava estabelecido o *África House*, na rua da Queimada de Baixo. O material chegou no dia previsto e, juntamente, vieram o operador e o carpinteiro que iriam proceder à montagem da máquina. Estava, igualmente, calculada a chegada de uma pianola adquirida na Inglaterra¹⁵¹.

A 3 de Abril, *O Diario do Commercio* referiu que a inauguração desta sala, o *Salão Central*, seria no final da semana, uma vez que faltava efectuar os trabalhos de instalação eléctrica e as respectivas vistorias. A primeira sessão seria, como habitualmente, dedicada à imprensa e “ (...) revertendo o produto da segunda a beneficio do «Dispensario de D. Manuel II». ”¹⁵²

A inspecção foi realizada no dia 6 de Abril, pelas autoridades do costume: O administrador do concelho, Dr. João Baptista de Carvalho; o secretário, Julião António Mendes Corrêa; o engenheiro, Candido Joaquim Rodrigues; o capitão, Candido Gomes e o comandante dos bombeiros voluntários, Alfredo Jorge Ferraz. O parecer dos peritos foi de “ (...) que devem ser introduzidas algumas modificações destinadas a garantir a maxima segurança dos espectadores ”¹⁵³. A vistoria definitiva cumpriu-se a 8 do corrente mês e foi aprovada a abertura do salão, pois “ (...) tendo sido realisadas as alterações que ha dias determinaram, podia o cinematographo funcionar desde já, visto não haver nem perigo de incendio nem risco para os predios limitrophes. ”¹⁵⁴

A sessão inaugural deu-se a 10 de Abril, ainda que tenha sido anunciada para o dia anterior, mas por motivo de falecimento de um parente próximo de um dos sócios da empresa, tal não foi possível. O programa de inauguração era composto por: *Symphonia pela Orchestra*; *Uma Ascensão á Torre Eiffel* (panorâmica); *Escultor da Mascaras* (dramática, 300 metros); *O Idyllo do Pintor* (dramática); *Salteadores Engenhosos* (cómica); *Cleopatra* (fita de arte, 500 metros); *Acanhamento Curado pelo Soro* (cómica). De entre as fitas a

¹⁵¹ *O Diario do Commercio*, ano XIII, Nº 3739, Quarta-feira, 23 de Março de 1910, p. 2

¹⁵² *Idem*, ano XIII, Nº 3746, Domingo, 3 de Abril de 1910, p. 1

¹⁵³ *Idem*, ano XIII, Nº 3748, Quinta-feira, 7 de Abril de 1910, p. 2

¹⁵⁴ *Idem*, ano XIII, Nº 3750, Sábado, 9 de Abril de 1910, p. 2

apresentar, chamava-se à atenção para *Cleopatra*, dado que estava “ (...) destinada a produzir extraordinária sensação (...). ”¹⁵⁵

A abundância de locais de exibição levou à concorrência entre eles, promovendo a publicidade nos jornais, onde se oferecia melhor segurança, brindes, aumento da qualidade dos filmes exibidos e a importação de películas de outros países. Na opinião de João Maurício Marques, “ (...) a guerra já começara antes, com os responsáveis do Salão Central a roubarem o operador da máquina do Salão Ideal, obrigando a que fosse o próprio dono deste último a projectar os filmes”.¹⁵⁶

Assim, num ambiente de competição, o *Salão Ideal*, a 20 de Abril de 1910, anunciou a vinda de uma caixa com fitas, que teria chegado, na véspera, no vapor *Aguila*¹⁵⁷. O *Pavilhão Paris* adiantou que esperava por uma grande quantidade de fitas novas e promovia o filme *A Vida de Christo*, considerada “A fita mais perfeita que existe de 100 metros”¹⁵⁸. No dia seguinte, o *Salão Central* prometeu dar todas as semanas um espectáculo da moda com fitas e estreias do mais fino gosto¹⁵⁹. E não esqueceu as ofertas: “ (...) uma «esplêndida» bengala de ébano com castão de prata, um relógio de ouro para senhoras e estojos com escovas de unhas, dentes e um pente ”¹⁶⁰. Perante isto, concordamos com João Maurício Marques quando afirma que “ (...) é nossa impressão que o Salão Central foi à falência (fechou em finais de 1911) devido à sua louca política de promoções, que deve ter depauperado as suas finanças. ”¹⁶¹

A forte concorrência entre as salas de espectáculos promoveu a divulgação das várias sessões nos periódicos da época. No final dos anos dez, a competição entre o *Pavilhão Paris* e o *Teatro-Circo* evidenciou-se. A publicidade assumiu outras características, deixou de estar articulada apenas com a imprensa local, e passou a estar dispersa pelas principais casas comerciais da cidade, como o *Golden Gate* ou os *Grandes Armazéns do Chiado*¹⁶².

¹⁵⁵ *O Diario do Commercio*, ano XIII, Nº 3751, Domingo, 10 de Abril de 1910, p. 1

¹⁵⁶ MARQUES, João Maurício, *Idem*, p. 24

¹⁵⁷ *O Diario do Commercio*, ano XIII, Nº 3759, Quarta-feira, 20 de Abril de 1910, p. 1

¹⁵⁸ *Idem*, ano XIII, Nº 3760, Quinta-feira, 21 de Abril de 1910, p. 2

¹⁵⁹ *Idem*, ano XIII, Nº 3761, Sexta-feira, 22 de Abril de 1910, p. 2

¹⁶⁰ MARQUES, João Maurício, *Idem*, p. 25

¹⁶¹ *Ibidem*

¹⁶² *Ibidem*, p. 30

Salão Variedades

Ainda no mês de Março era declarada a adaptação de uma parte do prédio onde estava instalado o jornal *O Direito*, órgão do Partido Regenerador, na rua de S. Francisco, para funcionamento de um novo cinematógrafo. O *Salão Variedades*, que custou cerca de quatro contos de reis¹⁶³, foi sujeito a inspecção técnica, efectuada pelo chefe dos serviços telegráficos e fiscal das indústrias eléctricas, no dia 8 de Maio. A vistoria administrativa foi no dia 12, tendo sido aconselhadas algumas modificações. Ficando a inauguração adiada para o Sábado, dia 14 de Maio de 1910¹⁶⁴.

Com mais uma sala de espectáculos, a rivalidade entre elas foi reforçada. O *Salão Variedades* promoveu uma nova colecção de fitas de actualidade e sessões da moda; o *Pavilhão Paris* reduziu os preços de entrada; o *Salão Central* exibiu atraentes *vistas* cinematográficas, divulgou a comodidade da sala e reduziu os preços dos bilhetes¹⁶⁵. As várias salas fomentaram espectáculos de variedades, como bailados, cançonetas, duetos, entre outros números de palco. Tanta aposta, por parte destes estabelecimentos, promoveu a afluência de público. E a importância do cinema foi reconhecida por muitos, porque “*N’ um meio como o nosso, onde tanto escasseiam as distrações publicas, os cinematographos vieram, até certo ponto, preencher uma lacuna. O nosso publico vai-se habituando, pois, a essa inoffensiva distração, onde ás vezes alguma cousa de moral se aprende.*”¹⁶⁶

Em 1911, o *Salão Central* prometeu estreias de “*novas e bonitas*” fitas, todos os dias, e sorteou brindes, o que considerava “*(...) um mimo captivante que bem patenteia o bom desejo da empreza em ser sempre agradável ao publico*”¹⁶⁷. Além disso, contratou uma Companhia de Variedades, que muito agradou à assistência. O *Salão Ideal* primava pela selecção das fitas, que se anunciavam de grande sucesso¹⁶⁸. O *Pavilhão Paris* sofreu importantes alterações: a máquina cinematográfica era das melhores da cidade, “*as fitas eram*

¹⁶³ *O Diario do Commercio*, ano XIII, Nº 3774, Domingo, 8 de Maio de 1910, p. 1

¹⁶⁴ *Idem*, ano XIII, Nº 3777, Quinta-feira, 12 de Maio de 1910, p. 1

¹⁶⁵ *Commercio do Funchal – Revista Comercial, Agrícola, Industrial, Científica e Literária*, ano I, Nº 2, 15 de Junho 1910, p. 11 e Nº 3, 15 de Julho de 1910, p.19

¹⁶⁶ *Trabalho e União*, Ano III, Nº 139, Sábado, 14 de Maio de 1910, p. 3

¹⁶⁷ *Idem*, ano IV, Nº 184, Sábado, 1 de Abril de 1911, p. 1

¹⁶⁸ *A Aurora, Semanario Commercial, Agricola, Industrial, Scientifico e Litterario*, ano I, nº 2, 17 de Junho de 1911, p. 3

de apuradíssimo gosto artístico e exibiam-se excêntricos musicais”¹⁶⁹. Com tanta inovação, as enchentes de público eram frequentes.

Teatro-Circo

Em 1911, ano de encerramento do *Salão Variedades*, o último a ser aberto, e do *Salão Central*, abriu o *Teatro-Circo*, localizado na parte central da Praça Marquês de Pombal, entre a rua das Fontes e o calhau da praia, pertencente à *Empresa da Praça da Rainha* (ilustração 13). Construído de raiz, o assunto da sua construção começou a ser discutido no Verão de 1898. Tratava-se de um espaço indispensável e bem-vindo para a cidade do Funchal. *O Diario do Commercio*, de 11 de Agosto de 1898, informava que “*A nova construção será strictamente adaptada ao fim a que se destina e com dimensões suficientes para as necessidades do publico madeirense.*”¹⁷⁰

Uns dias mais tarde, o *Diario de Noticias* enalteceu a *Empresa da Praça da Rainha* por ter transformado um espaço pouco agradável num local de primeira ordem, com pavilhões de concepção elegante e atraente, um parque público cada vez mais concorrido por todas as classes sociais. E elogiou a mesma empresa por querer melhorar ainda mais a referida Praça, com a criação do projecto de construção do *Teatro-Circo*, um espaço de diversões, que permitiria ao público um manancial de espectáculos ao alcance de todos, quer a nível monetário quer a nível de gostos¹⁷¹.

Levantou-se, então, um problema: a questão financeira, que a empresa resolveu do seguinte modo: “*(...) Fazer uma emissão de doze contos de reis de obrigações divididas em 600 titulos de 20.000 reis cada um no juro fixo de 6% e amortização annual com garantia não só de tudo o que actualmente constitue propriedade da empresa, mas em especial do novo edificio.*”¹⁷²

O *Diario de Noticias* considerou uma boa solução, porque ao mesmo tempo que consolidava os interesses já instituídos da *Empresa da Praça da Rainha*, garantia um lucro certo aos portadores dos títulos. E fez um apelo a todos aqueles, mesmo que não tivessem

¹⁶⁹ *Trabalho e União*, ano V, Nº 209, Sábado, 23 de Setembro de 1911, p. 3

¹⁷⁰ *O Diario do Commercio*, ano II, Nº 563, Quinta-feira, 11 de Agosto de 1898, p. 1

¹⁷¹ *Diario de Noticias*, ano XXII, Nº 6431, Sexta-feira, 26 de Agosto de 1898, p. 3

¹⁷² *Idem*, ano XXII, Nº 6431, Sexta-feira, 26 de Agosto de 1898, p. 3

predilecção especial pelo projecto, que pretendessem empregar dinheiro com segurança, que tinham nas obrigações uma boa ocasião de o fazer¹⁷³.

O Diario do Commercio também reconheceu a importância da construção de um novo espaço, e elogiou a iniciativa, dizendo: “*Um theatro-circo nas condições em que o projecta a empresa da Praça da Rainha, é um melhoramento de há muito reclamado, visto que vem facultar ao publico uma certa ordem de diversões baratas, sem que comtudo affecte ou prejudique o nosso theatro «Maria Pia», attendendo a que as companhias que funccionam n’ esta casa de espectaculos não são de mesmo género d’ aquellas que teem de funcionar no projectado colyseu*”¹⁷⁴. E prosseguiu chamando, à semelhança do *Diario de Noticias*, todos aqueles que pudessem contribuir para a realização do projectado melhoramento, que não desanimassem nem se contraíssem. A ideia foi bem acolhida e a empresa assegurou que “*Além do juro fixo, as obrigações teem um bónus de 10%; isto é, a empresa vende-as agora por 18:000 reis e paga-os na sua amortisação a 20.000 reis.*” Além disso, “*Como garantia dá a empresa, com a competente escriptura de hypotheca, não só tudo o que actualmente possui na Praça da Rainha como tambem o novo edificio.*”¹⁷⁵

Inaugurado no Domingo, 3 de Setembro de 1911, o *Teatro-Circo* foi o melhor pavilhão de diversões que, até à data, se construiu no Funchal. Na sessão inaugural houve uma multidão de espectadores, sendo muito ovacionados todos os números do respectivo programa¹⁷⁶. Esta sala de espectáculos depressa entrou na corrida da concorrência, uma vez que, no dia seguinte à inauguração, era anunciada uma redução dos preços. Vinte dias depois informou-se que “*O aparelho cinematographico que alli funciona está agora muito melhor e as fitas de esplendido effeito*”¹⁷⁷. Durante as sessões de cinema ouvia-se um quarteto musical.

Numa cidade tão parca em diversões, e após o encerramento do *Salão Ideal*, em 1914, a exibição cinematográfica foi sempre vista com “bons olhos”, sendo este argumento usado várias vezes pelos jornais locais. E o *Teatro-Circo*, juntamente com o *Pavilhão Paris* e o *Teatro Funchalense*, fazia parte deste entretenimento, como o comprova *O Liberal*: “*Todas as noites temos tido no Circo o rendez-vous da nossa elite que ali vae gastar agradavelmente tres horas que são um compasso de espera na monotonia das ruas*”. E continua: “*Se não*

¹⁷³ *Diario de Noticias*, ano XXII, Nº 6431, Sexta-feira, 26 de Agosto de 1898, p. 3

¹⁷⁴ *O Diario do Commercio*, ano II, Nº 575, Sexta-feira, 26 de Agosto de 1898, p. 1

¹⁷⁵ *Idem*, ano II, Nº 592, Quinta-feira, 15 de Setembro de 1898, p. 1

¹⁷⁶ *Diario de Noticias*, ano XXXV, Nº 10979, Segunda-feira, 4 de Setembro de 1911, p. 2

¹⁷⁷ *Trabalho e União*, ano V, Nº 209, Sábado, 23 de Setembro de 1911, p. 3

fosse o Circo, ai de nós! Como nos arrastaríamos nostalgicamente pela vida dentro, n' esta terra falha de divertimentos e distrações...”¹⁷⁸

Nesse ano, no *Teatro-Circo* foi introduzida uma novidade: o *cinematographo fallante*. Este, estreado a 25 de Junho de 1914, mais não era do que imitação de sons, feitos por um artista, nomeadamente Silva Carvalho, que coincidiam com os *quadros* projectados¹⁷⁹. Atrevemo-nos a comparar este tipo de espectáculo com o que acontecia no *Salão Ideal*, em Lisboa. Tal como sucedia na capital, também no Funchal esta “variante” de animatógrafo teve grande sucesso.

Em 1917, inteiramente transformado, dispendo de melhor e mais vasta acomodação para o público, reabriu o *Teatro-Circo*¹⁸⁰, tornando-se, a seguir ao Teatro Municipal, na melhor e mais elegante casa de espectáculos da cidade. Os preços de entrada continuavam extremamente convidativos, os programas das sessões cinematográficas eram criteriosamente organizados, as estreias sucediam-se e, em plena 1.^a Guerra Mundial, o público enchia literalmente o *Teatro-Circo*, em noites de espectáculo. “*Nem as procissões, nem os desafios do futebol, nem os espectáculos de grande rèclamos conseguem atrair tanta gente como o Teatro-Circo atrai com os seus artisticos e deslumbrantes films.*”¹⁸¹

Algumas destas *fascinantes* películas foram: *O Professor Alsaciano*; *A Filha do Contrabandista*; *Raios Misteriosos*; *Cravo Negro*; *O Morcego* (policial, de 9073 metros); *Dívida de Sangue*; *Batalha do Somme*; *A Louca do Castelo* (em 6 partes). Tratava-se, sem dúvida, da sala preferida dos “cinéfilos” funchalenses, que frequentemente lá iam “ (...) enchendo a sala, sempre que a empresa anuncia fitas”¹⁸². O sucesso foi tal que “*Atualmente, no Funchal, já se não pode passar sem teatro, pelo menos uma vez por semana*”¹⁸³. Sendo as Segundas-feiras dedicadas à elite da cidade.

Durante a Grande Guerra, em Portugal, foi criado um serviço cinematográfico junto do exército, que acompanhava a participação portuguesa no conflito, designadamente as actividades do C. E. P. Este serviço dava conhecimento das últimas da guerra, apresentando, deste modo, os nossos primeiros jornais de actualidades. Foi a forma encontrada para advertir a população sobre o que sucedia no mundo. O cinema forneceu, assim, algumas informações

¹⁷⁸ *O Liberal*, ano II, Nº 110, Quinta-feira, 28 de Janeiro de 1915, p. 2

¹⁷⁹ MARQUES, João Maurício, *Idem*, p. 26

¹⁸⁰ *Trabalho e União*, ano X, Nº 468, Sábado, 13 de Janeiro de 1917, p. 2

¹⁸¹ *Idem*, ano X, Nº 477, Sábado, 17 de Março de 1917, p. 3

¹⁸² *Idem*, ano XI, Nº 512, Sábado, 17 de Novembro de 1917, p. 4

¹⁸³ *Idem*, ano XI, Nº 514, Sábado, 1 de Dezembro de 1917, p. 3

aos residentes sobre o combate. O *Pavilhão Paris* exibiu, a 29 de Junho de 1918, a fita *Tropas Portuguezas no Front*, “ (...) que, no genero, è uma das mais interessantes e nitidas, que temos visto.”¹⁸⁴

O Verão desse ano foi animado nas salas de cinema funchalenses. O *Pavilhão Paris* reabriu, sob gestão da nova *Empresa Gouveia e Sousa*, com *magníficos filmes* e a interpretação do *sexteto Wilbraham*, que primava na execução de trechos selectos e deliciava a melhor sociedade. As fitas *A Cisterna da Morte* e *Perigo Amarelo* foram de grande sucesso e houve “ (...) *farta concorrência ao Paris, cuja empresa não se poupa a sacrificios para manter a corrente de simpatia que o publico vem dispensando a este elegante salão.*”¹⁸⁵

Demonstrando algumas preocupações sociais, a empresa que explorava o *Pavilhão Paris* decidiu que aos Sábados haveria sessões a metade do preço, de modo a proporcionar às classes operárias umas horas de distracção¹⁸⁶. A função benemérita era uma das vertentes do cinematógrafo, valorizada na época, por vários empresários. Com alguma frequência, o produto da exibição revertia a favor de uma família desfavorecida, de vítimas de uma catástrofe, de uma associação profissional¹⁸⁷, cultural, entre outras.

A década terminava sem grandes novidades.

2.3. OS ANOS VINTE

Teatro-Circo e Pavilhão Paris

Na década de vinte, a maior sala de cinema comercial foi o *Teatro-Circo*, onde se continuariam a exibição de *fitas de arte*. Dos seus programas constaram também artistas de variedades de *merecido valor*¹⁸⁸. Como se o cinema só por si não fosse suficiente, outro dos incentivos desta sala era a distribuição de “ (...) *Bombons a todos os bebés*”.¹⁸⁹ O que demonstra uma heterogeneidade de público nas salas de cinema de então.

¹⁸⁴ *Trabalho e União*, ano XI, Nº 543, Sábado, 29 de Junho de 1918, p. 4

¹⁸⁵ *Idem*, ano XI, Nº 550, Sábado, 10 de Agosto de 1918, p. 4

¹⁸⁶ *Idem*, ano XI, Nº 546, Sábado, 20 de Julho de 1918, p. 4

¹⁸⁷ Como é o caso, por exemplo, da *Associação dos Carpinteiros e Artes Correlativas do Funchal* citado em *Trabalho e União*, Ano III, Nº 140, Sábado, 21 de Maio de 1910, p. 2

¹⁸⁸ *O Comercio da Madeira*, ano I, Nº 1, Quarta-feira, 18 de Fevereiro de 1920, p. 3

¹⁸⁹ *Correio da Madeira*, ano II, Nº 410, Sexta-feira, 7 de Setembro de 1923, p. 3

Fizeram furor, no início dos anos 20, nesta sala, os filmes: *Espiral de Morte* (drama em 7 partes); *Rei dos Diamantes* (filme da *Casa Vitagraph*, drama em 8 partes); *Sua Gloria* (drama italiano em 4 actos); *Boby* (filme em 5 partes); *Á Beira da Ribeira* (drama em 6 partes); *Hino da Vida e Hino da Morte* (filme da *Casa Pascoal*, de Forino, drama em 9 partes); *A Estrangeira*; *O Rosário* (drama em 12 actos); *Geo, O Misterioso* (alta comédia dramática de amor, interesse e “coqueterie” desenrolada no meio chique de Paris, em 6 partes); *Drama sob o Império* (filme em 7 partes); *O Aventureiro* (fita em 7 partes); *Amores e Ciúmes*; *Caminho da Vida* (drama em 6 grandes actos); *Dempsey Carpentier*; *Dramas do Adultério* (drama de Xavier Montepin); *Jornal do Conde*; *Cupido por Procuração*; *Alina e o seu Noivo* (drama); *Deus do Acaso* (obra prima cinematográfica¹⁹⁰); *Charlot ao Sol* (uma das três melhores criações de Charles Chaplin, o primeiro cómico mundial¹⁹¹); *O Rouxinol Japonês* (drama); *Rei da Audácia* (21 longos actos, exibidos em 3 dias); *Nova Aurora de Cheri-Bibi* (filme precioso que levou ao cinema uma enorme multidão, mas dada a sua despesa só foi exibido no fim do mês, quando a massa elegante voltou dos campos¹⁹².); *Os Miseráveis* (extraído do belo romance de Victor Hugo, em 5 partes); *Atlântida* (filme francês, da *Casa Aubert Film*, Paris, em 12 longos actos, foi exibido em 2 dias¹⁹³.); *Serranos*; *Águia Humana*; *O Turbilhão*; *Casamento de Interesse*; *Pi-Ke-Ni-Ki* (comédia de assuntos chineses, em 2 partes¹⁹⁴); *Ilha do Sonho* (drama de assuntos muito interessantes); *O Drama da Vida Social*; *As Muralhas do Preconceito*; *Eterna Tentadora*; *Aspectos da Cidade do Funchal* (produção da *Madeira Film*); *A Calúnia* (produção madeirense de Manuel Luís Vieira); *A Mão invisível*; ... entre um grupo deveras abundante.

Em Abril de 1920, os bilhetes passaram a ser numerados para maior comodidade do público e os preços foram aumentados, dada a grande subida do custo de energia eléctrica¹⁹⁵. De forma a tornar a entrada mais organizada, a empresa do *Teatro-Circo* fez um apelo para que as pessoas comprassem os bilhetes durante o dia, a partir das 11 horas, a fim de evitar enchentes. Relembrem que os bilhetes eram numerados¹⁹⁶, este aviso destinava-se àqueles que ainda não tinham ido ao *Teatro-Circo* após esta inovação.

¹⁹⁰ *Correio da Madeira*, ano I, Nº 108, Terça-feira, 8 de Agosto de 1922, p. 2

¹⁹¹ *Idem*, ano I, Nº 110, Quinta-feira, 10 de Agosto de 1922, p. 2

¹⁹² *Idem*, ano I, Nº 138 (?), Quarta-feira, 13 de Setembro de 1922, p. 3

¹⁹³ *Idem*, ano II, Nº 444, Domingo, 7 de Outubro de 1923, p. 2

¹⁹⁴ *Idem*, ano II, Nº 456, Domingo, 21 de Outubro de 1923, p. 2

¹⁹⁵ *Idem*, ano I, Nº 59, Quinta-feira, 29 de Abril de 1920, p. 2

¹⁹⁶ *Idem*, ano I, Nº 61, Sábado, 1 de Maio de 1920, p. 2

O problema da “desorganização” na aquisição dos bilhetes voltaria à ordem do dia em Julho de 1923. Em relação ao problema, e especificamente no caso do *Teatro-Circo*, o *Correio da Madeira* dava uma sugestão: “*Lembramos ao sr. Comissário da Policia a conviencia que haveria em dar ordens ao guarda de serviço naquela área, no sentido de ser organizada uma bicha na bilheteira, pelo menos nos dias de grande movimento.*”¹⁹⁷

Apesar de desorganizado e nem sempre cumpridor, o público tinha algumas denúncias a fazer quanto ao funcionamento das salas de espectáculos e “*Alguns indivíduos de categoria notória apresentaram queixa da empresa do Teatro-Circo por fechar a porta que dá acesso à praia, permitindo maior segurança e mais fácil acesso. Após vários protestos, o comissário da polícia ordenou que esta porta se abrisse, o que satisfaz um grande número de espectadores.*”¹⁹⁸

No início da década de vinte, outra sala com grande bulício era o *Pavilhão Paris*, frequentemente, tinha, além da projecção de filmes, variedades. De entre as fitas de maior sucesso destacamos: *O Dever de um Sacerdote*; *O Arrojo de um Detective* (policial); *Ruína de um Banqueiro* (filme em 3 partes); *O Nascimento de Jesus* (fita de arte); *Casacas e Dollars* (exibido em 8 episódios); *Alta Finança*; *A Intrusa* (emocionante drama); *Conquista Silenciosa* (filme de aventuras); *O Alfaiate do Bigodinho* (comédia de gargalhada); *Aventuras de Maciste* (policial, realizado pela *Itália Film*); *A Sibéria* (“*famoso filme da vida real actual da Rússia, nos presídios da Sibéria*”¹⁹⁹); *O Instituto Feminino de Odivelas* (filme de instrução); *A Aviação Portuguesa* (filme com motivos dos aviadores e raids na Escola de Aviação Portuguesa em que aparece Sacadura Cabral, que tem sido alvo de consagração mundial); *O Novo Rico em Paris* (comedia em 6 partes); *Outono do Amor Fino* (drama em 4 partes); *O Príncipe Zibé* (filme em 4 actos); *Almas Inimigas*; *Dor sem Alegria* (drama em 3 actos); *Soberania do Amor* (drama em 6 actos); *Charlot Campeão de Box* (filme em 2 partes); *Fortuna Trágica*; *Cheri-Bibi*; *Amor Tenaz* (por Max Linder, num acto); *Respeitar a Cozinheira* (comédia); *Princesa Estrangeira* (fita em 6 actos, um dos melhores trabalhos da célebre actriz Francisca Bertini²⁰⁰); *Outono do Amor* (drama em 4 actos); *Alma Musical* (comédia); *Charlot, Alfaiate de Senhoras* (comédia); ...

¹⁹⁷ *Correio da Madeira*, ano II, Nº 388, Terça-feira, 31 de Julho de 1923, p. 2

¹⁹⁸ *Idem*, ano I, Nº 125, Terça-feira, 29 de Agosto de 1922, p. 1

¹⁹⁹ *Idem*, ano I, Nº 44, Terça-feira, 16 de Maio de 1922, p.3

²⁰⁰ *Idem*, ano I, Nº 103, Quarta-feira, 2 de Agosto de 1922, p. 2

Era frequente a actuação do *Quinteto Nascimento*. À Sexta-feira, à noite, era o dia “ (...) preferido pela sociedade elegante, tanto mais que é a «soirée da moda» ”²⁰¹. O *Pavilhão Paris* realizava espectáculos dedicados à colónia estrangeira, residente na Ilha, exibindo notáveis estreias²⁰². Em Junho de 1922, neste Pavilhão, teve lugar um Sarau Comemorativo do Raid Lisboa – Rio. A festa era composta por três partes: 1.^a – preenchida com filmes, entre eles, o da chegada à Madeira dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral; 2.^a – Poesia, Canto e Variedades; 3.^a – Discurso do Dr. Pestana Júnior e concerto de piano²⁰³.

À semelhança do *Teatro-Circo*, embora por motivos distintos, também o *Pavilhão Paris* foi alvo de críticas. Sabendo-se de um conflito em tribunal entre o empresário do Pavilhão e o seu sublocatário, senhor José de Sousa, o *Correio da Madeira* elucidou “*Diz-se até que, todo o prédio que separa o Pavilhão da Rua João Tavira, será deitado abaixo para que no magnífico espaço seja construído uma espécie de «Passos Manuel» do Porto. (...) Porque não realizar esse melhoramento de que o Funchal tanto necessita e merece?*” E reforça a ideia acrescentado “*O que é essencial é que esse prédio desapareça, porque construir um bom teatro e ficar com a mesma lobrega entrada em tunel, ficará detestável tudo quanto se faça – salvo se a entrada ficar sendo pela Avenida Dr. Manuel d’ Arriaga*”²⁰⁴. Todavia, o *Pavilhão Paris* operou até 1939.

O cinema tornou-se tão costumeiro que começou a ser tema de peças de teatro. No *Teatro Manuel d’ Arriaga* foram representadas peças teatrais com nomes como: *A Rainha do Animatógrafo* e *Peripécias do Cinematógrafo*. E surgiram anúncios de jornal, embora raríssimos, relacionados de algum modo com cinematografia: “*Vende-se 60 fitas completas e novas, sendo 10 em 2 partes e as restantes de uma só parte*”²⁰⁵. O anúncio repetiu-se.

Outra participação curiosa apareceu no *Correio da Madeira*²⁰⁶, que publicou um anúncio onde se publicitavam cinematógrafos (para teatros, cinemas campestres, liceus, sociedades recreativas, etc.) e um grande *stock* de filmes para alugar. Este reclame era acompanhado de uma notícia “explicativa”. Que dizia: “ (...) *afim de facilitar o desenvolvimento cinematografico nesta ilha a Companhia Cinematografica Madeirense, á Rua do Comercio 160, tem em deposito um grande stock de films de todas as Classes, tanto*

²⁰¹ *Correio da Madeira*, ano I, Nº 32, Domingo, 30 de Abril de 1922, p. 3

²⁰² *Diario de Noticias*, ano XXXVII, Nº 11612, Quarta-feira, 4 de Junho de 1913, p. 2

²⁰³ *Correio da Madeira*, ano I, Nº 66, Terça-feira, 13 de Junho de 1922, p. 3

²⁰⁴ *Idem*, ano I, Nº 128, Sexta-feira, 1 de Setembro de 1922, p. 3

²⁰⁵ *O Comercio da Madeira*, ano I, Nº 71, Sexta-feira, 14 de Maio de 1920, p. 2

²⁰⁶ *Correio da Madeira*, ano I, Nº 85, Quarta-feira, 12 de Julho de 1922, p. 3

em series, como de Arte etc, que aluga a todos os amadores e compradores dos seus aparelhos, por preços verdadeiramente excepcionais.”²⁰⁷

Além disso divulgava os melhores, mais perfeitos e mais seguros aparelhos cinematográficos, equipados com tambores contra incêndios e de um corta raios luminosos, automáticos do sistema *Gaumont*. Estes cinematógrafos, com instruções, eram de fácil manejo. O anúncio terminava informando “ (...) *o publico que esta companhia dentro em breve estará apta para a filmagem de películas naturais, industriais, etc etc, para o qual aguarda da casa Krupp Ernemann, da Alemanha num dos primeiros vapores, todos os aparelhos e material necessário.*”

Cine-Jardim

Além destes locais, o cinema era exibido noutros espaços menos convencionais. Com alguma frequência era exibido cinema, ao ar livre, na praia de São Tiago, no Jardim Municipal (ilustração 14), entre outros lugares. No Domingo, dia 12 de Agosto de 1923, foi anunciada a inauguração de concertos musicais e animatógrafo no Jardim Municipal²⁰⁸. Duas semanas depois foram publicitados os filmes *A Sultana do Amor*, fita francesa com as representações de France Dhelia e Gustavo Modot, e *O Homem Leão*, série de emocionantes aventuras, em vinte longos episódios, com os actores Jack Perrin e Oconner Teem em interpretações verdadeiramente palpitantes²⁰⁹. Este último foi exibido em três dias, Segunda-feira, dia 27 de Agosto, Quarta-feira e Sexta-feira, porque a autoridade não permitiu que o espectáculo terminasse depois da meia-noite. Para quem não pôde assistir à primeira sessão, o *Correio da Madeira*, de Terça-feira, 28 de Agosto, publicou, com algum pormenor, o resumo da parte da fita exibida²¹⁰. Aliás, esta situação tornou-se prática habitual: quando um filme era dividido em partes, os jornais publicavam os resumos de modo a esclarecer o público que não viu uma parte deste, mas queria ver o restante.

O *Cine-Jardim* tornou-se no ponto preferido do grande público do Funchal, o que provocou verdadeiras enchentes sucessivas. E o *Correio da Madeira* lamentava que “ (...) *não haja Cine-Jardim todos os dias, porque, nestas noites de calor, é o único lugar onde se*

²⁰⁷ *Correio da Madeira*, ano I, Nº 85, Quarta-feira, 12 de Julho de 1922, p. 1

²⁰⁸ *Idem*, ano II, Nº 399, Domingo, 12 de Agosto de 1923, p. 2

²⁰⁹ O filme voltou a ser projectado em Setembro e, nessa altura, foi alvo de um breve comentário em *Correio da Madeira*, ano II, Nº 422, Domingo, 9 de Setembro de 1923, p. 3

²¹⁰ *Correio da Madeira*, ano II, Nº 411, Terça-feira, 28 de Agosto de 1923, p. 2

podem passar umas horas agradáveis”²¹¹. As sessões no Jardim Municipal, no ano de 1923, decorreram até Outubro, uma vez que as noites continuavam de Verão²¹².

Havia espectáculos dedicados à sociedade elegante, as chamadas *récitas da moda*, como as dos dias 31 de Agosto²¹³ e 7 de Setembro²¹⁴, e as *récitas populares*, conforme a do dia 5 de Outubro²¹⁵. Com o divertimento do dia 5 de Outubro de 1923, a empresa do *Cine-Jardim* contribuiu para o brilhantismo das festas comemorativas do aniversário da República, exibindo películas do agrado do público em geral. Os filmes projectados foram: *Lua-de-mel*, *Jornal Condes* e *Pencudo Mercieiro*²¹⁶.

Outras películas exibidas, nos Verões dos anos 20, com grande sucesso foram: *O Impedido* (drama); *Fatty Apaixonado*; *Coração de Iene* (fita de autêntico valor artístico, em 3 actos, com Margarida Clark²¹⁷); *Vencimento Pavoroso* (com Jeanne Desclos, da *Comédie Française*, em 4 actos²¹⁸); *Charlot com o seu Petiz* (dois engraçados actos de constante gargalhada); *Escola da Vida* (seis actos em que a insigne Maria de Picford tem um dos seus melhores papeis²¹⁹); *Aventuras da Perola Branca* (“*Descrever as aventuras da Perola branca não é tarefa facil tantas e tão interessantes são as scenas, tão emocionantes são alguns dos trucs com que a linda actriz se salva sempre.*”²²⁰); *Alva* (formosa fita em 6 actos); *Experiencias de Box* (comédia); *Faty Banhista*; *Faty Elegante*; *Amor de Pai* (“ (...) o mais afamado film da Casa Pathé, (...) extraído do grande romance do celebre autor Balzac, «*Le Père Goriot*», que toda a gente culta conhece. (...) Tudo neste film é belo: «*mise-en-scene*», *indumentaria rigorosa século XVIII, encenação primorosa.*”²²¹); *Esmeraldas Funestas* (emocionante drama em 5 actos); *Matias Sandorf* (adaptação do romance de Júlio Verne, fita de 15 episódios com 9000 metros; foi recomendada, em França, pela autoridade eclesiástica.); *Galileu*; *O Milagre de Santa Terezinha do Menino Jesus*; *Milagres de Nossa Senhora de Fátima* (“ (...) impressionante espectáculo da romagem de milhares de crentes ao pitoresco

²¹¹ *Correio da Madeira*, ano II, N° 409, Sábado, 25 de Agosto de 1923, p. 2

²¹² *Idem*, ano II, N° 456, Domingo, 21 de Outubro de 1923, p. 2

²¹³ *Idem*, ano II, N° 413, Quinta-feira, 30 de Agosto de 1923, p. 2

²¹⁴ *Idem*, ano II, N° 418, Quarta-feira, 5 de Setembro de 1923, p. 2

²¹⁵ *Idem*, ano II, N° 442, Quinta-feira, 4 de Outubro de 1923, p. 2

²¹⁶ *Idem*, ano II, N° 443, Sexta-feira, 5 de Outubro de 1923, p. 2

²¹⁷ *Idem*, ano II, N° 416, Domingo, 2 de Setembro de 1923, p. 2

²¹⁸ *Idem*

²¹⁹ *Idem*, ano II, N° 418, Quarta-feira, 5 de Setembro de 1923, p. 2

²²⁰ *Idem*, ano II, N° 436, Quinta-feira, 27 de Setembro de 1923, p. 2

²²¹ *Idem*, ano II, N° 442, Quinta-feira, 4 de Outubro de 1923, p. 2

*local onde a Senhora de Fátima apareceu a dois pastorinhos e as cerimónias religiosas em sua honra (...)*²²²; *Nas Margens do Danúbio* (comédia em 8 partes); ...

Tal como as outras salas de cinema, o *Cine-Jardim* também sofria imprevistos. O facto da Ilha depender das ligações marítimas, que por sua vez estavam de certo modo condicionadas pelas condições climáticas, provocava situações inesperadas, como a falta de filmes quando os barcos se atrasavam ou não vinham. Tal situação ocorreu, entre outras vezes, a 21 de Outubro de 1923²²³. Outra limitação específica do *Cine-Jardim* era a sua dependência em relação ao tempo. Algumas vezes, a chuva não possibilitou a projecção de filmes, sendo as sessões adiadas²²⁴.

O *Cine-Jardim* era muito apreciado por alguns madeirenses que, através do *Correio da Madeira*, pediram para haver espectáculos todas as noites no Jardim Municipal. Ao que a Empresa responsável replicou “ (...) *que era essa a sua tenção, mas não o pode fazer por ora, devido a que uma casa menos conscienciosa lhe mandou fitas em mau estado e de má qualidade. Mas que espera pelo primeiro vapor fitas de valia (...)*.”²²⁵

Mas nem todos os frequentadores do *Cine-Jardim* estavam contentes com as sessões, porque as fitas exibidas eram imorais e velhas. Fundamentavam dizendo que “*Peliculas com dois anos de exhibição em Portugal, e de mais a mais francesas, fazem parte das camadas prehistóricas do cinema (...)*”²²⁶. Estes espectadores gostariam de ver comédias americanas, em que figurassem Mary Pickford, Tom Moore, Madge Kennedy, Chaplin, ...

Outra crítica ao *Cine-Jardim* residiu no facto deste ser considerado pequeno e do divertimento popular desfigurar o Jardim Municipal. A esta desaprovação, *A Batalha* respondeu: “*Malévolamente tem se dito e já se chegou e escrever na imprensa algo de reprovação aos divertimentos ao ar livre, e, (...), ataca-se o que modernamente, lá fóra, nos grandes países, se faz por melhor e necessário á saude das creanças e adultos (...)*.”²²⁷

À semelhança do *Cine-Jardim*, em 1930, por iniciativa de João Higinio de Barros, deram-se exhibições cinematográficas no Parque das Cruzes, na Quinta das Cruzes, cujo edifício principal era então hotel (ilustração 15). A primeira sessão deste cinema ao ar livre, o

²²² *Correio da Madeira*, ano VII, Nº686, 8 de Setembro de 1928, p. 2

²²³ *Idem*, ano II, Nº 456, Domingo, 21 de Outubro de 1923, p. 2

²²⁴ *Idem*, ano II, Nº 434, Terça-feira, 25 de Setembro de 1923, p. 3

²²⁵ *Idem*, ano II, Nº 410, Domingo, 26 de Agosto de 1923, p. 3

²²⁶ *Idem*

²²⁷ *A Batalha*, 24 de Julho de 1926, p. 1

Cine-Cruzes, foi a 1 de Maio de 1930, com a estreia do filme *O gentil homem de Paris*²²⁸, e prolongou-se até final de Setembro, época em que a chuva começou a impedir as projecções. No *Cine-Cruzes* o grupo musical era substituído por “ (...) *uma grafonola que ligada a tres speakers faz o efeito duma esplendida orquestra*”²²⁹.

Patronato de S. Pedro

Ainda nesta década proliferaram os cinemas não comerciais, surgiram salões privados pertencentes a associações: *Patronato de S. Pedro*, *Banda Distrital do Funchal*, *Bombeiros Municipais*, *Cine Victoria*²³⁰ (teve a primeira exibição a 27 de Agosto de 1923²³¹), *Colégio Lisbonense*, *Salão Teatro dos Álamos*. Cada espaço tinha a sua programação semanal. Em Agosto de 1922, no *Salão Teatro dos Álamos* houve sessões cinematográficas, onde se exibiu *Charlot*, *Alfaiate para Senhoras* e outras fitas de sucesso, desde emocionantes dramas a películas cómicas²³².

No salão do *Patronato de S. Pedro*, situado no Beco do Paulo Dias, nas Angústias, as projecções cinematográficas tinham “ (...) *enorme concorrência de ambos os sexos*”²³³. Em Março de 1927 foi exibido *A Vida e Paixão de Cristo*, numa tentativa de moralização da sociedade e exibição de “bom” cinema para os católicos. Uma vez que “*A quadra do ano sendo convidativa a assuntos sérios, por ser tempo da quaresma, levou a direcção do Patronato de S. Pedro a apresentar aos numerosos frequentadores da casa, unicamente, films religiosos, com exclusão de representações de dramas quaisquer*”²³⁴. No primeiro aniversário da inauguração desta “*benemérita casa de educação*”²³⁵, a 19 de Março de 1927, foram apresentadas fitas de carácter religioso, como: *Lourdes* (em 2 partes); *O Papa Recebendo uma Peregrinação* (em 2 partes); *Santa Cecília* e *S. Tarcisio*.

²²⁸ *RE-NHAU-NHAU*, ano 1, N° 16, 22 de Maio de 1930, p. 5

²²⁹ *Idem*, ano 1, N° 20, 3 de Julho de 1930, p. 5

²³⁰ Funcionou no *Casino Victoria*, na rua Alexandre Herculano. Era muito frequentado pela colónia estrangeira. Foi explorado pela Empresa do Casino. Ardeu em 1927.

²³¹ *Correio da Madeira*, ano II, N° 410, Domingo, 26 de Agosto de 1923, p. 3

²³² *Idem*, ano I, N° 106, Sábado, 5 de Agosto de 1922, p. 2 e *Idem*, ano I, N° 110, Quinta-feira, 10 de Agosto de 1922, p. 2

²³³ *Idem*, ano V, N° 564, 8 de Maio de 1926, p. 3

²³⁴ *Idem*, ano V, N° 608, 12 de Março de 1927, p. 2

²³⁵ *Idem*, ano V, N° 609, 19 de Março de 1927, p. 3

De forma quase surpreendente, dada a natureza profana da película e o carácter religioso do local, “No domingo próximo, às 4 horas e meia, será exibida no écran do Patronato de S. Pedro a já celebre fita madeirense «O Fauno das Montanhas», produção do sr. Manuel Luiz Vieira, que há já tantos anos a esta parte tanto se tem empenhado em celebrar, no écran, as belezas naturais da nossa terra”²³⁶. Foi também vista a fita cómica *A Indigestão*, do mesmo autor, e o espectáculo foi abrilhantado com a tuna *Recreio Musical do Pilar*.

Aqui também eram organizadas conferências, com projecções, sobre a História da Igreja (*A 8ª Cruzada, Os Papas de Avinhão, Joana d’ Arc*, são alguns exemplos); bem como espectáculos de generosidade, promovidos pelas Damas da Caridade do Funchal, onde eram exibidos filmes, de preferência, religiosos. Aliás, a maioria dos filmes exibidos tinha um cariz religioso: *Segredos da Confissão; O Papa Clemente VII ou o Cerco de Roma; A Vida de Cristo* (nova versão, em 8 partes); *O Papa no Vaticano; Quo Vadis* (película moderna de extraordinária beleza; custou cerca de 250 000 contos e empregou 10 000 pessoas²³⁷.); *Rei dos Reis; Uma Peregrinação ao Vaticano; Eleições dum Papa*; etc. Conquanto, havia também projecção de filmes mais laicos: *Aventuras de Charlot; Revista Mundial; A Mina Oculta; Cómico Viajante; Patronato de S. Pedro* (fita madeirense de Manuel Luiz Vieira) e muitos mais.

Em Julho de 1927, o Patronato sofreu melhorias: “Com uma nova lâmpada de 2.000 velas (...) É de esperar que todos os frequentadores do Patronato fiquem plenamente satisfeitos com as novas modificações”²³⁸. Foi alvo de novos aperfeiçoamentos em Fevereiro de 1928, que o *Correio da Madeira* descreveu: “Graças a melhoramentos no aparelho, a luz é boa e permite apreciar os menores detalhes.”²³⁹

O *Teatro Municipal*²⁴⁰ propiciou à sociedade funchalense o visionamento de muitos filmes, alguns de grande êxito internacional, como foi o caso de *Os Nibelungos*²⁴¹, em Janeiro de 1928, e primeiro filme sonoro *O Louco Cantor*, com Al Jolson, em 1931.

²³⁶ *Correio da Madeira*, ano VI, Nº 621, 11 de Junho de 1927, p. 3

²³⁷ *Idem*, ano VII, Nº 704, 12 de Janeiro de 1929, p. 3

²³⁸ *Idem*, ano VI, Nº 624, 2 de Julho de 1927, p. 2

²³⁹ *Idem*, ano VI, Nº 656, 11 de Fevereiro de 1928, p. 3

²⁴⁰ Primeiro denominado de *Teatro D. Maria Pia*, em homenagem à esposa de D. Luís; após a implantação da República passou a denominar-se *Teatro Funchalense* e *Teatro Manuel de Arriaga*, após a morte do antigo deputado da Madeira e 1º Presidente da República eleito, que não autorizou à época a colocação do seu nome.

²⁴¹ Obra da autoria de Fritz Lang, enquadrada no Expressionismo Alemão, de 1924.

Com o início da censura, em 1926, houve uma grande mudança na produção e exibição cinematográfica. O filme *Os Faunos da Montanha*, de Manuel Luiz Vieira, foi exibido comercialmente apenas três vezes, sendo retirado pela Censura em 1929.

2.4. COMPORTAMENTO DO PÚBLICO

Durante as sessões cinematográficas, como verificamos anteriormente, o comportamento do público nem sempre foi o melhor. No dia 1 de Janeiro de 1901, no *Pavilhão Grande*, numa festa dedicada à comunidade estrangeira, projectaram-se as últimas imagens da guerra entre ingleses e boers. E, como relata João Maurício Marques, “ (...) *entre apupos e disparates, alguns britânicos chegaram a vias de facto com cidadãos madeirenses após terem sido por estes insultados. O arraial de pancadaria atingiu igualmente a orquestra e partiram-se mesmo alguns instrumentos.*”²⁴²

Em 1918, o semanário *Trabalho e União* alertou para a “ (...) *malcreada imprudencia de alguns espectadores (...)*”²⁴³ no *Pavilhão Paris*, que estragou as interessantes sessões de animatógrafo. Quinze dias depois, o mesmo jornal, relativamente ao mesmo espaço, comentava: “*Pena é que os graciosos não deixem os pezinhos em casa*”²⁴⁴. Em situações mais extremas e quando o espectáculo não agradava ouviam-se insultos, chegando mesmo alguns objectos a serem arremessados. Tais episódios eram descritos e censurados pelo jornalismo da época. Em 1907 criou-se um decreto municipal para impedir a má educação dos espectadores. A Câmara Municipal do Funchal decretou a “*proibição de clamores e gritos*”, colocando um polícia em todas as sessões²⁴⁵.

No *Teatro-Circo*, a 6 de Julho de 1922, “ (...) *a meia sessão do espectáculo, o motor cinematográfico avariou-se, de forma que não foi possível continuar o espectáculo. O público, que a principio se conservou já numa expectativa meio turbulenta, quando apareceu o aviso de que o espectáculo não podia continuar, rompeu em apupos e protestos violentos, insultando, em alta gritaria, os empregarios, o operador, tudo e todos, quebrando cadeiras,*

²⁴² MARQUES, João Maurício, *Idem*, p. 11

²⁴³ *Trabalho e União*, ano XII, Nº 565, Sábado, 30 de Novembro de 1918, p. 3

²⁴⁴ *Idem*, ano XII, Nº 567, Sábado, 14 de Dezembro de 1918, p. 3

²⁴⁵ MARQUES, João Maurício, *Idem*, pp. 11 e 13

pretendendo que lhe devolvessem o custo da entrada, e fazendo tentativas para assaltar a bilheteira.”²⁴⁶

Com uma gritaria ensurdecadora, ouvindo-se frases ameaçadoras, foi tentada, sem sucesso, uma mediação por parte do Comissário da Polícia e do Governador Civil. Mesmo assim, o público decidiu assaltar a residência do senhor Leonardo Sardinha (empresário do *Teatro-Circo*), chegando com comportamento tumultuoso e palavras provocadoras. A polícia, recorreu a meios mais violentos, chegando mesmo a haver tiros isolados, pôs termo ao sucedido. Situação esta que o jornal lamentou, afirmando: “*Devemos justiça com dizer que o sucedido ao motor do aparelho foi um acidente absolutamente natural, em que nenhuma responsabilidade tem o operador nem a empresa e bom será que o público, em casos idênticos, se não manifeste tão ruidosamente, para evitar apreciações menos lisongeiros para o nosso civismo.*”²⁴⁷

Frequentemente, quando havia algum problema técnico que afectasse a projecção e o normal decorrer da sessão, a assistência responsabilizava os técnicos e as empresas. Neste contexto surgiram advertências e explicações, numa tentativa de inibir os frequentadores do cinematógrafo de maus comportamentos. O *Correio da Madeira* explicou que, quando chegavam ao Funchal, as fitas já tinham percorrido milhares de quilómetros, aparecendo já estragadas, e exigiam dos operadores verdadeiros milagres para poderem ser exibidas de forma a agradar. E aclarou: “*Antigamente, quando os operadores eram uns garotos que nem andamento sabiam imprimir ao maquinismo – andamento que deve estar sempre em relação ao assunto – ainda a sua falta de perícia concorria para os desastres, que então eram quasi contínuos; mas hoje, não. Adriano de Freitas nunca exhibe um «film» ao público que não tenha experimentado, não sò para conhecer do seu estado, como ainda para conhecer o assunto e poder projectá-lo bem.*”²⁴⁸

Adriano Filipe de Freitas foi um experiente técnico cinematográfico, que concorreu determinadamente com os mecânicos da capital (ilustração 16). Foi responsável pela inauguração do *Teatro-Circo*, com um aparelho *Gaumont*; montou o *Salão Ideal*, cuja mecânica dirigiu sempre; foi técnico do *Pavilhão Paris*. Em 1922 dirigiu a mecânica deste

²⁴⁶ *Correio da Madeira*, ano I, Nº 82, Sábado, 8 de Julho de 1922, p. 1

²⁴⁷ *Idem*

²⁴⁸ *Idem*, ano I, Nº 92, Quinta-feira, 20 de Julho de 1922, p. 2

Pavilhão e do *Teatro-Circo*. Segundo o *Correio da Madeira*, Adriano Freitas merecia o lugar que ocupava pelo seu estudo, zelo e inteligente trabalho²⁴⁹.

Outra crítica efectuada pela imprensa, ao público madeirense, era o facto de este não frequentar, com regularidade e em quantidade suficiente, os filmes de melhor qualidade. Deste modo, certas fitas não chegavam à Ilha, porque o número de espectadores o não justificava. A questão colocou-se relativamente ao filme *A Chegada dos Aviadores ao Brasil*, visto no *Coliseu dos Recreios* em Lisboa por 200 000 entusiastas, que não viria ao Funchal, uma vez que não teria público suficiente que pagasse o seu aluguer. O *Correio da Madeira* esclareceu com alguma tristeza, e citamos quase na íntegra, dado o carácter elucidativo da notícia, que “ (...) para o «Pavilhão Paris», poder alugar semelhante fita, seria preciso que tivesse quatro casas «á cunha», o que equivaleria a levar cêrca de quatro mil espectadores.

O empresario sr. Cesar do Nascimento recuou no cometimento, porque – diz êle e muito bem – «Tenho feito enormes sacrifícios com outros «films» tambem de grande nome e poucos me teem dado lucros.»

Para o público dos nossos cinemas – francamente – «films» que não contenham murros, roubos, correrias, pugilatos, não são frequentados.

E no entanto, «A viagem dos aviadores ao Brasil» contendo, ao que dizem, trechos interessantíssimos de apoteoses, episódios trágicos dos Penedos, trechos de Fernando Neronha, seriam um documento digno de ser visto e bem digno do Funchal – se o seu público estivesse orientado na frequencia de «filmes» que saiam do pugilismo.”²⁵⁰

Afinal, não mudamos assim tanto!

2.5. A IMPRENSA REGIONAL E O CINEMA NA ILHA

A Programação e as Críticas Cinematográficas

Desde a primeira exibição cinematográfica que a imprensa regional destinou um espaço para o cinema. Inicialmente, dado o carácter inovador desta arte, o espaço dedicado ao animatógrafo era considerável²⁵¹. Apareciam os programas das sessões, as novidades (como

²⁴⁹ *Correio da Madeira*, ano I, Nº 88, Sábado, 15 de Julho de 1922, p. 2

²⁵⁰ *Idem*, ano I, Nº 94, Sábado, 22 de Julho de 1922, p. 2

²⁵¹ Quando relacionado com a pequena dimensão dos periódicos.

as novas máquinas, os novos filmes, etc.) e tudo o que pudesse estar associado ao animatógrafo. Foi pela imprensa que os funchalenses conheceram o animatógrafo, as sessões na capital, a sua chegada à Ilha e os seus impulsionadores. Os jornais divulgaram a chegada à Madeira de pessoas relacionadas com o cinematógrafo; referiram a viagem de João Anacleto Rodrigues aos Açores e às Canárias; as filmagens de *O Cerco de Safim*, *Comemorações do V Centenário da Descoberta da Madeira*, *A Calunia*, *O Fauno das Montanhas*; apresentaram as várias sessões cinematográficas, públicas ou privadas, ao longo dos tempos; entre muitos outros assuntos.

Todavia, passado o encanto desta nova distração, a importância dada ao animatógrafo diminuiu. Os jornais começaram a propagar, normalmente, apenas os programas das várias exposições. Pontualmente, eram difundidas notícias relacionadas com o cinema quando algo de novo ou curioso acontecia.

Relativamente aos programas das sessões de animatógrafo, no início do século XX, quando existiam apenas duas salas – o *Teatro D. Maria Pia* e o *Pavilhão Grande*, estes eram muito resumidos. A única informação que tinham era o horário das sessões²⁵².

No final da primeira década do século XX, os programas tornaram-se mais completos. Nestes constavam os nomes e a ordem das fitas que compunham cada uma das partes; o horário das sessões (hora de início da exibição e hora de entrada do público) e o tempo de intervalo. Cada sessão era composta por duas partes, sendo exibidas, por norma, sete fitas em cada uma delas. Regularmente, havia duas sessões, mas quando se justificasse podia mesmo haver uma terceira. Nestas situações, as fitas exibidas eram escolhidas de entre as preferidas das duas sessões anteriores.

Com a proliferação das salas de cinema, os vários programas apareciam na secção de espectáculos dos jornais todos na mesma página e muito próximos (ilustração 17). Os programas tornaram-se ainda mais detalhados, além da informação que já forneciam (nome e ordem das fitas e horário) indicavam o preço dos bilhetes, um esclarecimento quanto ao momento musical, observações (como, por exemplo, “*Este programma pode ser alterado em caso de força maior*”²⁵³) e horário da bilheteira.

No final da década de vinte, alguns programas eram semanais e mesmo mensais. Assim, a população ficava a saber quais os filmes que iriam ser exibidos com alguma (às vezes, muita) antecedência (ilustração 18).

²⁵² *Diario de Noticias*, ano XXV, Nº 7122, Terça-feira, 1 de Janeiro de 1901, p. 1

²⁵³ *O Diario do Commercio*, ano XIII, Nº 3745, Sábado, 2 de Abril de 1910, p. 3

Claro que na nossa pesquisa encontramos, na imprensa regional, outras referências ao cinema, além da programação das salas. Era, também, muito frequente surgirem críticas aos maus filmes e às más análises cinematográficas. As menções aos maus filmes foram uma constante na imprensa regional. Os maus filmes podiam ser assim classificados por serem antigos ou por serem de má qualidade.

Se juntarmos à má qualidade das fitas, títulos enganosos, temos um resultado desastroso. “*E a tentativa de «enganar» dimana de toda a parte: das próprias empresas produtoras, confeccionando nulidades com títulos iguais a conhecidas obras d’ arte (...)*”²⁵⁴. Foi o que ocorreu com dois filmes que passaram pelo Funchal. O filme *Filha do Circo*, um dos títulos mais imponentes da cinematografia da época, foi exibido no *Pavilhão Paris*. No entanto, a fita projectada no Funchal, segundo a imprensa da época, nada tinha de majestoso, era, sim, um filme vulgar sem qualquer valor artístico.

Outra situação similar deu-se com o filme *Os Três Mosqueteiros*, adaptação da obra do afamado Alexandre Dumas. Pois, no Funchal foi publicitado e exibido o filme *Os Três Mosqueteiros, na Grande Guerra*, o que confundiu e ludibriou o público. Este não reparou no complemento *na Grande Guerra* e sentiu-se burlado. Para o *Correio da Madeira* estas situações agravavam-se longe dos grandes centros, como é o caso da Ilha.

Em Maio de 1923, o *Correio da Madeira* fez uma alusão aos filmes antiquados projectados no *Teatro-Circo* que não conseguiam dar uma ideia do que era a cinematografia moderna, florescente em todo o mundo. E dava uma sugestão: se o *Teatro-Circo* exhibisse fitas actuais imbuiria no público funchalense a paixão, que é mundial, pelo cinema. Depressa teria casa cheia, como acontecia nas pequenas terras portuguesas da província. Os filmes de Chaplin, Harold Lloyd, Tom Moore e Max Linder eram mais modernos e do agrado do público. A notícia terminava com o exemplo da fita *Charlot e o Garoto*, que durante um mês foi um êxito retumbante em Paris (ilustração 19). Projectada em todo o mundo rendeu a Chaplin, enquanto empresário, a soma de 195 mil contos. “*Ora também nós somos gente e temos o direito de querer vêr a última criação de Charlot.*”²⁵⁵

De modo a que a imprensa pudesse realizar as críticas cinematográficas, os empresários das casas de espectáculos disponibilizavam-lhe alguns bilhetes para as várias sessões. Era frequente encontrar agradecimentos nos vários jornais pelos bilhetes que lhes foram gentilmente cedidos.

²⁵⁴ *Correio da Madeira*, ano I, Nº 61, Quarta-feira, 7 de Junho de 1922, p. 3

²⁵⁵ *Idem*, ano II, Nº 337, Domingo, 27 de Maio de 1923, p. 2

Mas, esta relação entre a imprensa e os empresários locais nem sempre foi pacífica, como o demonstrou *A Esperança* relativamente ao *Salão Ideal*: “É bom que a empresa em vez de gastar tempo a rasgar na cara dos redatores o bilhete permanente que lhes ofertou, dê entrada ao ar puro em abundância.

E digna das maiores censuras.”²⁵⁶

Quanto ao mesmo assunto, o *RE-NHAU-NHAU*, em 1929, reprovou o *Diario de Noticias* por este ter publicado uma crítica com o título “*O que eles dizem*” e onde estava escrito: “*A inserção de referencias a peças teatrais e a «filmes» nesta secção não significa que os recomendamos aos nossos leitores*”²⁵⁷. Esta posição era considerada vergonhosa e repugnante, porque, embora tivesse três bilhetes gratuitos cedidos pelas empresas, o *Diario de Noticias* não fazia criticas nem informava sobre cinema. Para finalizar e em forma de recomendação, o *RE-NHAU-NHAU* dizia: “*Queremos CRITICA senhores criticos! e não anuncios – pastelões que apenas teem em vista justificar a saida gratuita d’ uns tantos bilhetes por redacção ...*”

O “Elucidário Cinematográfico”

Durante o mês de Setembro de 1923, diariamente, o *Correio da Madeira* publicou, na secção *Teatros*, um “Elucidário Cinematográfico”. Esta coluna era composta por esclarecimentos, curiosidades, críticas, ... relativos a cinema. O autor dos artigos assinava-os com o pseudónimo de Vitagraph²⁵⁸.

O número I deste Elucidário, com data de 7 de Setembro, fez uma crítica à exibição cinematográfica no Funchal. Segundo Vitagraph, no dia 5 do mesmo mês, o *Cine-Jardim* projectou o célebre filme *Charlot e o seu Petiz*, mas este era, afinal, um trabalho antiquíssimo de Chaplin e não, como a empresa anunciou, o recente e extraordinário trabalho deste cómico. E o periódico terminava esclarecendo que “*Está provado e mais que provado: nenhum cine desta cidade consegue apresentar uma fita que não tenha, pelo menos, um ano de existencia! E já é estar com sorte ...*”²⁵⁹

²⁵⁶ *A Esperança*, Segunda-feira, 8 de Junho de 1914, p. 2

²⁵⁷ *RE-NHAU-NHAU*, ano 1, Nº 1, 20 de Dezembro de 1929, p. 7

²⁵⁸ *Vitagraph* era o estúdio de cinema norte-americano, fundado por J. Stuart Blackton e Albert Smith em 1897. Foi comprado pela *Warner Brothers* em 1925.

²⁵⁹ *Correio da Madeira*, ano II, Nº 410 (?), Sexta-feira, 7 de Setembro de 1923, p. 3

No dia seguinte, o Elucidário aclarou que a fita *Misterios do Oriente* era alemã e não americana. Contudo, embora não fosse recente, era uma excelente obra cinematográfica.

No Elucidário N° III clarificou-se uma leitora que questionou a redacção sobre a identidade do protagonista da fita *Rainha do Carvão* e que contracenava com Maria Jacobini. Ao que o jornal respondeu: “ (...) a sua ignorância é indesculpavel. O actor em questão é André Habay, um dos melhores artistas da Tiber-Film, de Roma (...)”. Quanto à película, esta foi considerada “ (...) do período da decadência da arte do silêncio na Itália, e que foi passada nas telas dos cines de Portugal há cousa de quatro anos.”²⁶⁰

No dia 11 foi tratada a questão da fotogenia. Explicava-se o que era a fotogenia, enquanto elemento técnico, e depois divagava-se sobre quem era mais fotogénica: a loura ou a morena? E Vitagraph explicou que “Durante muito tempo, a loura foi considerada a actris fotogénica por excelência. Na Suécia, onde elas abundam, o seu triunfo foi completo. Na América também assim se pensou. Mary Milles, Pickford, Pearl White, Anita Stewart, Mildred Harris, são louras. (...) Mas, tempos depois, começou a prevalecer a opinião contrária; e eis começado o reinado das morenas: Jacobini, Bertini, Leda Gys, Dorothy, Bernard, Virgínia Parson, Napierkowska e tantas outras. (...) E a fotogenia, de questão apenas técnica, passou a ser um problema ... de gosto.”²⁶¹

Parece que o tema despertou alguma curiosidade, dado que a 13 de Setembro regressou a questão da fotogenia das louras. A redacção recebeu uma carta de um leitor, identificado por Stix, que revelava grandes conhecimentos fotográficos. E que considerava as louras mais fotogénicas do que as morenas²⁶².

O filme cómico foi assunto repetido do Elucidário. O cinema estava em contínua evolução e o cinema cómico não fugia a esta tendência. No dia 12, o Elucidário considerou Chaplin o verdadeiro cómico, que veio revolucionar este género de filme, substituindo a gargalhada pelo sorriso. “Foi realmente da América que nos veio a primeira noção da comédia hilariante (...) Chaplin, (...), desintegra a fita cómica de tudo o que se assemelhe a teatro.”²⁶³

No N° VII do Elucidário, Vitagraph transcreveu uma notícia de um jornal de Lisboa sobre Chaplin. Aqui referia-se o êxito ruidoso e sem precedentes do actor; e o seu último filme *O Peregrino*. Só em Inglaterra, a película foi adquirida por 1200 cinemas e estava, na

²⁶⁰ *Correio da Madeira*, ano II, N° 422, Domingo, 9 de Setembro de 1923, p. 2

²⁶¹ *Idem*, ano II, N° 423, Terça-feira, 11 de Setembro de 1923, p. 2

²⁶² *Idem*, ano II, N° 425, Quinta-feira, 13 de Setembro de 1923, p. 3

²⁶³ *Idem*, ano II, N° 424, Quarta-feira, 12 de Setembro de 1923, p. 3

altura, a ser projectada em 100 animatógrafos de Londres. O artigo terminava, questionando: “Veremos algum dia esta fita, no Funchal?”²⁶⁴

Novamente o filme cómico fora tema do dia, mas agora visto noutra perspectiva. Foi, outra vez, transcrita uma notícia de um jornal de Lisboa, cuja personagem principal era Jackie Coogan – o garoto do filme de Charlot. Esta criança adquiriu o estatuto de Estrela do Cinema e prometia amontoar uma colossal fortuna antes de atingir os 10 anos. Era referido outro actor, com 3 anos, de nome Peggi, cujos pais assinaram um contrato de 3 anos por 1 500 000 dólares anuais além de uma gratificação de 500 000 dólares, ao terminar o contrato, o que perfazia um total de 5 000 000 dólares²⁶⁵. Era o início do *Star-System*.

No dia 16 de Setembro de 1923, o objecto de reflexão era a aplicação de romances ao cinema. Por estranho que pareça, os piores romances davam os melhores filmes. Expôs-se o exemplo da França e dos seus romancistas. E Vitagraph deu a novidade da aplicação do romance *La Neige sur les Pas*, de Henry Bourdeaux, ao cinema por Etiévant²⁶⁶.

Na sua décima edição, o Elucidário falou de outro actor cómico – Max Linder. Este francês era considerado um excelente artista de comédia e a viagem aos EUA tinha-lhe feito bem, tornando-o ainda melhor. Foi revelada uma curiosidade: Max Linder fazia, por vezes, os cenários dos seus filmes. Como aconteceu em *Clown por Amor*, filmado na Áustria. Por último, Vitagraph respondeu a um/a leitor/a, identificado por A.S., que queria saber qual o nome do actor que desempenhava o papel de mensageiro do rei Malik em *Sultana do Amor*. E a resposta foi: Gaston Modot, intérprete, ainda, da fita *Mathias Sandorf*, talvez a melhor película francesa²⁶⁷.

Na publicação seguinte escreveu-se sobre pais e filhos no cinema. “O cinema, sendo uma arte relativamente moderna, não conta ainda, como o teatro, dinastias de actores isto é, filhos e netos de artistas, seguindo a mesma carreira dos pais e avós”²⁶⁸. Mas, como surgiam actores cada vez mais novos (com 3, 4 e 5 anos), estes podiam ser filhos e netos de actores em voga. Deu-se o exemplo de Douglas Fairbanks, famoso actor americano casado na altura com Mary Pickford, e do seu filho de 13 anos que treinava entusiasticamente para ser um atleta como o progenitor – que fez as mais arriscadas audácias no ecrã.

²⁶⁴ *Correio da Madeira*, ano II, Nº 426, Sexta-feira, 14 de Setembro de 1923, p. 3

²⁶⁵ *Idem*, ano II, Nº 427, Sábado, 15 de Setembro de 1923, p. 3

²⁶⁶ *Idem*, ano II, Nº 428, Domingo, 16 de Setembro de 1923, p. 2

²⁶⁷ *Idem*, ano II, Nº 429, Terça-feira, 18 de Setembro de 1923, p. 3

²⁶⁸ *Idem*, ano II, Nº 430, Quarta-feira, 19 de Setembro de 1923, p. 2

À semelhança do primeiro artigo, o do dia 20 de Setembro reprovou o facto dos cinemas do Funchal exibirem fitas antigas. E interrogou: “*Visto que o público funchalense se interessou realmente pelo cinematógrafo, porque se não vai ao encontro do seu favor, dispensando-lhe o que há de bom e moderno na arte do silêncio?*”²⁶⁹

Embora a censura só fosse instituída oficialmente em 1926, em Portugal, foi assunto do Elucidário. Onde se defendeu que, embora nem todos concordassem “*(...) com o Index expurgatório na literatura e no teatro, a censura previa ao film é aceita unanimemente*”²⁷⁰. Em França o filme *La Garçone*, extraído de um romance proibido, foi igualmente reprimido.

Curiosamente, o Elucidário remetia para um problema que é comum à actualidade: a publicidade enganosa. Muitas vezes, à volta de um filme, publicitava-se um espectáculo sensacional, actrizes lindíssimas, truques cinematográficos nunca vistos, etc. etc. No final tudo era um equívoco. As empresas que exploravam o cinema na Ilha serviam-se destes truques e o público era escandalosamente enganado. Como diz Vitagraph “*Desconfiai dos adjectivos!*”²⁷¹

Na penúltima edição do Elucidário, apelou-se à construção de um cinema de raiz. “*Agora que o inverno se aproxima, e na impossibilidade de se manterem os cinemas á chuva livre, lembramos a algum espírito empreendedor quanto seria útil (para êle e para o público) a construção duma casa para as sessões de cinematógrafo – uma casa especialmente construída para esse fim, no modelo das suas congéneres de Madrid, que são as melhores que há*”²⁷². Em seguida deram-se algumas ideias sobre como deveria ser uma boa sala de cinema: ter uma plateia sobre o comprido e nunca em anfiteatro, cadeiras confortáveis, lâmpadas foscas, boa música e exhibir fitas modernas.

No dia 28 de Setembro, com um carácter de protesto, escreveu-se o último Elucidário. Vitagraph criticou novamente, e pela última vez, as fitas velhas passadas no Funchal. O cinema na Madeira tomou uma feição diferente daquilo que era antes da guerra: tornou-se pior e já não era, como até então se chamava, “*maravilhoso*”. Foi feita uma advertência: “*Quando os scinemas do Funchal transitarem da sua fase de infância, deixando de*

²⁶⁹ *Correio da Madeira*, ano II, Nº 431, Quinta-feira, 20 de Setembro de 1923, p. 3

²⁷⁰ *Idem*, ano II, Nº 432, Sexta-feira, 21 de Setembro de 1923, p. 3

²⁷¹ *Idem*, ano II, Nº 433, Sábado, 22 de Setembro de 1923, p. 3

²⁷² *Idem*, ano II, Nº 433 (no original, embora seja Nº 434), Domingo, 23 de Setembro de 1923, p. 3

apresentar películas que teem mais de oito e nove anos de existencia, voltaremos a publicar esta secção.”²⁷³

Os Progressos Técnicos e outras Curiosidades

Com alguma constância, os jornais da época referiam os progressos técnicos sofridos no campo cinematográfico e que eram abundantes.

Encontramos uma notícia sobre este assunto datada de 1898 e que relata a aplicação do cinematógrafo nas aulas da Faculdade de Medicina de Paris. Tudo começou quando o Dr. Laborde tentou, numa das suas experiências de fisiologia, abrir um coelho vivo e foi agredido por algumas das suas assistentes, que o jornal classificou de “ (...) *viboras de corações sensíveis pertencentes á Sociedade Protectora dos Animaes*”. Após várias tentativas conseguiu-se, através do cinematógrafo, “ (...) *reproduzir com uma nitidez e perfectibilidade surprehendentas todas as phases de uma viviseccão*”²⁷⁴. Evitava-se, deste modo, a morte de mais animais e os devaneios de algum discípulo mais sensível. Esta experiência foi apresentada no Congresso Médico de Edimburgo, com resultados satisfatórios.

Em 1909, numa sessão da Academia de Ciências de Paris, Mr. Comandon foi muito admirado por ter conseguido obter imagens cinematográficas da vida microbiana, com o auxílio de um ultramicroscópio. O apontamento, que consta de *O Diario do Commercio* dizia: “ (...) *O ultramicroscopio permite vêr objectos de duas millesimas de millimetro de volume e com esse novo aparelho mr. Comandon pôde cinematographar as suas observações, conseguindo mostrar tripanozomas de sangue de rato (...) e interessantes pormenores dos movimentos d’ essas existencias mysteriosas.*”²⁷⁵

Uns anos mais tarde, ainda no âmbito da Medicina, foi publicada uma notícia que dava conta da existência de um filme onde eram visionadas várias cirurgias. Este filme foi exibido no Porto, no *Olympia*, e mais tarde no Funchal, no *Teatro-Circo*. O filme foi apresentado numa sessão particular, onde estiveram presentes S. Ex.^a o Governador Civil, os médicos do Funchal e representantes da imprensa.

Como constou do *Diario de Noticias*, “*O extraordinario «film», além de interessar todos os homens de sciencia, médicos e estudantes de medicina, causa a maior sensação no*

²⁷³ *Correio da Madeira*, ano II, Nº 437, Sexta-feira, 28 de Setembro de 1923, p. 3

²⁷⁴ *O Diario do Commercio*, ano II, Nº 628, Sábado, 29 de Outubro de 1898, p. 2

²⁷⁵ *Idem*, ano XIII, Nº 3629, Sexta-feira, 5 de Novembro de 1909, p. 2

publico, que vê com todos os pormenores os mais complicados actos operatorios, em ambos os sexos, realizados com uma precisão admirável (...)”²⁷⁶. A fita foi classificada de “Filme Científico” e era destinada a cavalheiros e senhoras “fortes”.

Em 1907 foi anunciado o cinematógrafo colorido. Segundo *O Diario do Commercio*, “Até agora, as películas cinematographicas eram coloridas á mão, e como cada serie comprehende muitas centenas de negativas, o processo era, além de muito moroso, pouco satisfatorio e caro”²⁷⁷. Esta inovação deveu-se ao britânico Alberto Smith, “ (...) que conseguiu fabricar uma pellicula sufficientemente sensivel para obter com a maior rapidez os valores coloridos. A lanterna cinematographica projecta as no «ecran» com a limpidez e o vigor das cores originaes.”

Edison e a *Pathé* coloriam os seus filmes de forma manual; as cores não eram captadas pelo processo fotográfico. No início do século XX, todos os processos de colorir as fitas tinham em comum o facto de serem artesanais, lentos e muito dispendiosos, além de apresentarem cores totalmente artificiais. *Kinemacolor*, *Chronochrome*, *UFAcolor*, *Prizma*, *Magnicolor*, *Cinecolor* e *Sennettcolor* foram processos de cinematografia a cores patenteados na Europa e EUA. As melhores tentativas de registo da cor natural durante a fotografia do filme foram desenvolvidas pela *Technicolor*, nos EUA, a partir de 1915. Contudo, o cinema a cores, enquanto processo industrial, só foi divulgado nos anos trinta.

Quanto a inovações, o *Correio da Madeira* recomendou a aplicação, nas salas de espectáculos funchalenses, de um novo aparelho americano já vulgarizado, em locais onde houvesse reunião de pessoas, como nos cinemas, teatros, escolas e hotéis. E isto porque “De forma elegante, movendo-se electricamente com um mínimo de despesa, o engenhoso aparelho tem por fim purificar o ar, desinfectando-o, fazendo desaparecer do ambiente o nauseabundo cheiro de tabaco, tirando-lhe simultaneamente a humidade, quando no inverno, ou tornando o ar fresco, em pleno verão”²⁷⁸. Segundo o artigo de jornal, dado o clima da Madeira – quente e húmido – este novo aparelho, o *Vigoratair*, deveria existir em todos os locais de espectáculos.

Do estrangeiro não chegavam apenas notícias alusivas aos progressos cinematográficos. A imprensa regional descrevia situações bem insólitas. *O Diario do Commercio*, de Abril de 1909, publicou uma notícia com o título “*Os cynematographos*”,

²⁷⁶ *Diario de Noticias*, ano 50º, Nº 15493, Quinta-feira, 28 de Janeiro de 1926, p. 2

²⁷⁷ *O Diario do Commercio*, ano XI, Nº 3140, Sábado, 22 de Junho de 1907, p. 2

²⁷⁸ *Correio da Madeira*, ano I, Nº 95, Domingo, 23 de Julho de 1922, p. 2

onde era narrado o desaparecimento de uma rapariga de 16 anos, em Paris. Embora a mãe, madame Laura Gendeon, a procurasse por todo o lado nunca a encontrou. A progenitora convencida da sedução da sua filha por um estrangeiro chorou-a como se esta tivesse morrido. Numa das suas idas ao cinematógrafo do boulevard de Villette, na companhia da sua filha mais nova, teve uma surpresa. Uma vez que “*Quando se exhibia uma pellicula denominada «Uma festa em Sevilha», madame Gendeon exclamou:*

- *É ella! É minha filha.*

O publico que enchia o salão achou graça á reclamação da pobre mãe e sorriu.

- *É ella! É ella!*

Madame Gendeon tinha effectivamente reconhecido sua filha Eugenia n’ uma das bailarinas que a fita reproduzia.”²⁷⁹

O público inteirou-se do ocorrido e a mãe da desaparecida foi conduzida às autoridades, que fizeram as devidas averiguações, nomeadamente investigaram a fita e o seu autor. A rapariga desaparecida foi censurada pela opinião pública.

Outra situação inédita na época, intitulada “*Uma rainha, estrela de cinema*”, foi narrada pelo *Correio da Madeira*. O episódio ocorreu em Nova Iorque, em 1922, e foi protagonizado pela rainha da Roménia que assinou um contrato com uma das mais importantes companhias cinematográficas dos EUA. A rainha seria a actriz principal de um filme denominado *Para o Meu Povo*.

Para a realização desta película a rainha colocou à disposição da empresa produtora, o palácio real e todo o pessoal palatino. Este filme tinha objectivo nobres, com ele a rainha pretendia “*(...) destinar o «quantum» do contrato – que são 75:000 dollars, além de 60 por cento sobre o rendimento liquido da pelicula – aos seus patricios vitimas da guerra.*”²⁸⁰

Este conjunto de curiosidades alimentava o *glamour* que envolvia o acto de ver cinema, e o público foi-se habituando a estas notícias paralelas. Estava em germen o artigo que explora o lado cor-de-rosa, curioso e privado da vida dos actores.

A Censura Civil e Católica

Desde muito cedo que a Sociedade e a Igreja Católica fizeram críticas ao cinematógrafo, não só em Portugal, mas por toda a Europa. Algumas dessas repreensões

²⁷⁹ *O Diario do Commercio*, ano XIII, Nº 3456, Domingo, 4 de Abril de 1909, p. 2

²⁸⁰ *Correio da Madeira*, ano I, Nº 38, Terça-feira, 9 de Maio de 1922, p. 3

foram publicadas nos jornais, incluindo os regionais. Seria, talvez, uma forma de chegar a mais pessoas e conseguir que a sua censura se disseminasse.

A Madeira não foi excepção. Encontramos várias referências moralistas anti-cinema. Em 1908, *O Diario do Commercio* divulgou um artigo que dava conta de um Congresso em Veneza, sob protecção do Vaticano, com o objectivo de combater a imoralidade de certas exhibições cinematográficas. As decisões finais seriam entregues ao governo italiano, de modo a que este limitasse os espectáculos cinematográficos.

O jornal opinou que, para chegar a este ponto, o cinema na Itália “ (...) *é uma coisa abominavel e odiosa cuja exploração a Moral deve prohibir*”²⁸¹. O mesmo artigo reconheceu que em Portugal, o cinematógrafo era violento, mas não obsceno. Contudo, a violência também devia ser controlada, uma vez que o cinema já tinha entrado nos hábitos portugueses e como divertimento devia distrair e encantar.

Como forma de aprovação, o periódico concluiu: “*O Congresso de Veneza é um grito de alarme. O seu papel é sympathico, e se conseguir o que deseja, que é moralisar os espectaculos cinematographicos, bem merecerá o applauso de todos pela sua obra purificadora.*”²⁸²

Uns anos mais tarde, o *Correio da Madeira* alertava para o aumento da violência na sociedade e a sua relação com o cinematógrafo. Este era considerado o maior flagelo para a civilização, o principal instigador do crime. “*O cinematografo moderno é o logar publico onde se faz a apologia do crime. A escola onde se ensina, com detestáveis poderes de sedução, a mentira, a traição, o roubo, a infidelidade, se enaltecem os sentimentos mais funestos, os vícios mais repugnantes*”²⁸³. Devido a esta conjuntura, nos EUA criou-se um controlo cinematográfico, que deveria ser copiado por Portugal. Enquanto tal não surgisse, o jornal apelava a que fosse o público, o próprio censor, não levando os filhos menores a espectáculos indevidos.

Pouco tempo depois, novamente o *Correio da Madeira* informou que em Portugal se trabalhava para que o cinematógrafo entrasse numa nova fase, inspirado em motivos morais e patrióticos, fazendo-o desempenhar a função educativa, moral e instrutiva para que fora

²⁸¹ *O Diario do Commercio*, ano XII, Nº 3296, Sexta-feira, 18 de Setembro de 1908, p. 2

²⁸² *Idem*

²⁸³ *Correio da Madeira*, ano I, Nº 27, Terça-feira, 25 de Abril de 1922, p. 1

criado. Não se especificava o que ia suceder, mas apelava-se aos católicos para que auxiliassem a introdução deste novo espírito na cinematografia²⁸⁴.

De facto, o cinema de puro entretenimento passou a ser uma necessidade social. Com apenas 26 anos de existência, a indústria cinematográfica encontrava-se difundida por todo o mundo, com 60 000 salas de espectáculos. Destacando-se os EUA com 25 000 salas de cinema; seguidos da Inglaterra com 4000; da Alemanha com 3000 e da França com 2000. Deste modo, o cinema tornava-se na terceira indústria com maior tráfego mundial, a seguir ao trigo e ao carvão, quem o afirmou foi o *Correio da Madeira*, em 1922.

Com tal difusão, o cinema deveria ser um meio privilegiado de educação, mas, segundo a imprensa da época, tornou-se num instrumento de desmoralização. Daí a necessidade de união de todos os católicos. Foram dados os exemplos dos EUA, da Itália e da França onde as acções católicas de moralização do cinematógrafo eram grandes. “*No dia em que os católicos se unam e compreendam a vantagem desta obra moralizadora, o cinema católico será um facto.*”²⁸⁵

A 7 de Julho de 1923, o *Correio da Madeira* divulgou um artigo publicado em *A Época*, de 2 do corrente, intitulado “*Carta às mães*”. Aqui eram dados alguns conselhos às mães para desviarem os filhos, principalmente do sexo feminino, dos malefícios do animatógrafo. Este era visto como o sepulcro de inocências e inimigo da mulher, porque ensinava o mal e punha em perigo a honestidade. Tornando as mulheres bem dignas de compaixão. Por isso, o animatógrafo fazia das mulheres “*(...) umas desequilibradas, predispostas a todas as faltas que degradam a mulher e a inutilizam para o bom desempenho das sagradas funções de esposa e mãe. (...)*”

Seria tão bonito verificar a ausência das mulheres nêstes espectáculos tão nocivos à família e à sociedade”²⁸⁶. Serrana d’ Ayre, autora do artigo, terminava apelando às mulheres que fizessem greve ao animatógrafo imoral.

Aproximadamente um ano depois, o mesmo jornal transcreveu, outra vez, uma notícia de *A Época* sobre a relação entre a criminalidade infantil e o cinematógrafo e expunha como vários países da Europa censuraram este divertimento.

O cinema, como o teatro, o jornal e o livro quando bem orientados eram considerados óptimos educadores. Em Portugal, embora a legislação na época proibisse os menores de

²⁸⁴ *Correio da Madeira*, ano I, Nº 120, Quarta-feira, 23 de Agosto de 1922, p. 1

²⁸⁵ *Idem*, ano I, Nº 126, Quarta-feira, 30 de Agosto de 1922, p. 1

²⁸⁶ *Idem*, ano II, Nº 368, Sábado, 7 de Julho de 1923, p. 2

assistirem a espectáculos que ferissem o pudor ou a moralidade, esta não era cumprida e a protecção à infância era, meramente, teórica. Assim, o jornalista lembrou a necessidade de criar uma comissão de censura cinematográfica, como em alguns países europeus.

Na Alemanha, na Bélgica, na Suécia, na Áustria e na Itália foram criadas comissões de censura compostas por pedagogos e psicólogos, entre outros especialistas, que analisavam e autorizavam, ou não, a exibição cinematográfica. O não cumprimento desta regra levava a sanções que variavam de acordo com o país. Na Áustria foram estabelecidos dias específicos para a exibição de filmes destinados a menores²⁸⁷.

Os frequentes pedidos para moralizar as sessões cinematográficas e proteger os menores foram ouvidos. Em 1926, o *Correio da Madeira* advertia que “*Em Portugal, o governo acaba de decretar a proibição de exibições cinematográficas cujo assunto afecte a moral e os bons costumes, e de que a algumas delas se impeça a assistência de espectadores menores de 15 anos*”²⁸⁸. Porém, o jornal realçou que os melhores inspectores seriam os pais de família honestos e criteriosos.

Em 1928, relativamente ao filme *O Milagre de Santa Terezinha do Menino Jesus*, exibido no *Cine-Jardim*, o *Correio da Madeira* considerou o argumento esplêndido. E acentuou: “*Nós não frequentamos espectáculos, mas opinamos ser um dever dos católicos, que os frequentam, assistirem de preferencia aos bons, como é este film*”²⁸⁹. Só assim as empresas promoviam espectáculos sãos, morais e educativos.

“*Teatros, cinemas, botequins*” foi o título de um artigo editado pelo *Correio da Madeira*, que novamente, realçava os aspectos negativos do cinematógrafo e do teatro, responsabilizando-os pela degradação moral, pela violência e pelos maus exemplos para os menores. Desta vez, o alerta vinha dos EUA: “*Ora, hoje, a maior parte das películas são um incitamento ao vício e uma sugestão de todos os crimes.*”²⁹⁰

Não esqueçamos que nos EUA, na década de 30, surgiu o “Código Hays”, estabelecendo limites ao cinema. Certos temas, como o nu, o sexo, a violência e abordagens sociais demasiado críticas eram proibidos. Segundo este Código, era proibida, também, a exibição de filmes europeus e independentes que não seguissem os padrões de Hollywood.

Por último, o redactor acusou o problema social da Madeira – na época e na actualidade – o alcoolismo. O burlesco da situação foi o facto de comparar o cinema e o teatro

²⁸⁷ *Correio da Madeira*, ano III, Nº 493, 28 de Setembro de 1924, p. 2

²⁸⁸ *Idem*, ano IV, Nº 555, 6 de Março de 1926, p. 1

²⁸⁹ *Idem*, ano VII, Nº 680, 28 de Julho de 1928, p. 3

²⁹⁰ *Idem*, ano VIII, Nº 746, 2 de Novembro de 1929, p. 1

às tabernas: “ (...) não receamos colocar ao lado do mau teatro, do mau cinema e da má imprensa, também o botequim – como um agente satânico, que vai abastardando as consciências e perdendo um sem número de almas.”²⁹¹

No final de 1929 chegou de Itália a novidade que, aí, seria decretada a proibição à assistência de exibições cinematográficas a menores de 16 anos de idade. Com o argumento de que o cinema, em vez de instruir e educar, deseduca a infância, tornando-a doentia e pernicioso à sociedade²⁹².

²⁹¹ *Correio da Madeira*, ano VIII, N° 746, 2 de Novembro de 1929, p. 2

²⁹² *Idem*, ano VIII, N° 754, 28 de Dezembro de 1929, p. 1

3. O CINEMA NA MADEIRA: A PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA

3.1. AS PRIMEIRAS FITAS

As primeiras produções cinematográficas na Madeira, à semelhança de toda a Europa, foram registos documentais²⁹³. Estes foram produzidos por portugueses e estrangeiros. Na pesquisa efectuada encontramos um apontamento, no *Diario de Noticias*, referente à produção de um pequeno filme. O que o torna curioso é o facto de datar de Março de 1899 e de não termos encontrado, nas obras consultadas, nenhuma alusão ao mesmo.

O relato, com o título “*Animatographo*”, é bastante esclarecedor, chegando mesmo a ser divertido, e uma vez que as nossas palavras não seriam fidedignas, transcrevemo-lo:

“O snr. veterinario foi hontem examinar um burro que havia figurado, na sexta feira ultima, numa das vistas tiradas pelo snr. Benett Stanford para o seu animatographo, a fim de verificar qual a qualidade de ferimentos recebidos pelo animal.

O snr. veterinario contastou apenas uma leve escoriação numa das pernas do burro.

Na sexta-feira ultima, o sr. Benett Stanford, querendo tirar varias vistas para o seu animatographo, alugou o elevador do Monte, onde seguiu com sua mãe e padrasto, tendo, durante o percurso, reproduzido algumas das bellas paizagens que d’ ali se disfructám.

Chegados ao Monte, aquelles nossos hospedes luncharam no hotel Belmonte e o sr. Benett Stanford, querendo completar a serie das referidas vistas, dispôz as cousas por forma que um dos carrinhos de vimes, ao descer o caminho velho do Monte, fosse esbarrar num burro, (alugado por 5\$000 reis para esse fim), collocado nas proximidades da levada de Santa Luzia, a fim de o fazer cahir sobre dois individuos que tomariam logar no referido carro.

Ao mesmo tempo que se désse este facto, deviam ser despejados dois saccos cheios de farellos naquelle local, para produzir maior effeito.

As cousas passaram-se, como estavam combinadas, havendo só a lamentar a escoriação causada no burro, como acima dissémos.

O animatographo do snr. Benett Stanford custou cerca de 55 libras e tem um avultado reportorio das pricipaes vistas do mundo, comprehendendo diversas scenas, de grande

²⁹³ A designação documentário, em cinema, é usada a partir de 1922, com o filme *Nanook, o Esquimó*, de Robert J. Flaherty. Segundo alguns autores, o documentário é um registo mas com técnica cinematográfica (montagem, enquadramento, etc.) e uso da linguagem do narrador. Portanto, a estas primeiras produções vamos chamar registos documentais, *vistas* ou *quadros*.

efeito, surpreendidas, em pleno campo de batalha, no Soudan, pelo proprio snr. Stanford.”²⁹⁴

Podemos dizer que estávamos, já, perante algo bastante elaborado para a época e com os meios disponíveis. Mas sabemos que John Benett-Stanford (1870-1947), também chamado “Mad Jack”, era um curioso do cinema (ilustração 20). Este proprietário de terras e fotógrafo inglês esteve em serviço no Sudão (1898), como correspondente de guerra para o *Western Morning News*. Adquiriu uma câmara de filmar antes de partir, em Inglaterra, da *Prestwich Manufacturing Company*²⁹⁵. Filmou o Comandante britânico Kitchener e *vistas* dos guardas granadeiros fixando baionetas e marchando no dia anterior ao da Batalha de Orndurman, que, apesar de as baixas serem muitas, foi uma notável vitória militar britânica.

Em 1899 fez um par de *vistas* na Madeira, onde a família tinha uma casa, além de uma variedade de cenas de quinta. Quando rebentou a guerra Bóer, nesse ano, foi o primeiro homem com câmara de filmar a ir para a frente de batalha, deixando a Inglaterra a 7 de Outubro. Em Novembro estava em Belmont com as tropas de Lord Methuen e a filmar junto ao rio Orange. A 8 de Dezembro de 1899 filmou tropas atravessando o rio Modder e outras cenas militares. Estes filmes foram lançados pela *Warwick Trading Company*, em Janeiro de 1900. Nesse mesmo mês, a sua carreira como operador de câmara parece ter chegado ao fim, quando Joseph Rosenthal assumiu funções como principal operador de câmara da *Warwick* na guerra Bóer.

Depois da guerra voltou à vida de soldado e cavalheiro, servindo na 1.^a Guerra Mundial e gerindo a propriedade da família em Wiltshire, terra onde nasceu e viria a falecer. Na sua autobiografia, e na descrição que fez da Batalha de Orndurman, não refere as suas aventuras cinematográficas.

Recorrendo às palavras de João Maurício Marques, relativamente à produção cinematográfica madeirense, ou na Madeira: “*Segundo os documentos a que tivemos acesso esta foi quase zero nestes primórdios. É claro que todos os dias passavam pelo porto do Funchal centenas de passageiros dos navios em trânsito, podendo assim pensar-se que entre eles estivessem alguns realizadores munidos de câmaras de filmar ou mesmo equipas de cinema, mas pelas pesquisas que efectuámos, não conseguimos descortinar referências a curtas metragens realizadas na Madeira nessa altura. A única que se conhece intitulou-se «Excursão à Madeira», foi filmada em 35 mm e estreada em Agosto de 1907 no Porto, no*

²⁹⁴ *Diario de Noticias*, ano XXIII, Nº 6586, Terça-feira, 14 de Março de 1899, p. 2

²⁹⁵ Esta empresa fabricou alguns dos melhores equipamentos cinematográficos no início do século.

Pátio dos Voluntários, sendo exibida a 12 de Janeiro de 1908 no Águia d' Ouro. Não se sabe quem realizou o filme (de apenas 30 segundos) nem quando o fizeram”²⁹⁶. Contudo, no sítio www.cinemediacom.com, da responsabilidade de Photographia – Museu “Vicentes”, esta película é atribuída a Aurélio da Paz dos Reis e Eduardo C. Pascaud.

Nos anos seguintes realizaram-se apenas registos documentais, normalmente relacionados com a Madeira enquanto atracção turística. Aqui destaca-se: *Madeira*, realizado por estrangeiros e distribuído por uma empresa francesa e pelo inglês George Klein, em 1911. Trata-se de uma fita de 35 mm, com a duração de 90 segundos, onde se vêem imagens típicas da Ilha.

3.2. JOÃO DOS REIS GOMES

O primeiro filme de ficção madeirense conhecido foi o de João dos Reis Gomes (ilustração 21), *O Cerco de Safim*. No filme representava-se uma cena da peça de teatro *Guiomar Teixeira*, que foi exibida durante a representação. Esta peça teve por base a novela histórica *A Filha de Tristão das Damas*, da autoria do próprio João dos Reis Gomes.

A imprensa da altura, nomeadamente *O Diario do Commercio*, descreveu a obra, classificada de romance histórico, referindo que os episódios deste romance caracterizavam os finais do século XV. Nele destacavam-se os principais vultos da nobreza madeirense na época da sua acção, entre eles Cristóvão Colombo, casado com a filha de Bartolomeu Perestrelo, o primeiro capitão-donatário do Porto Santo²⁹⁷. O jornal *Trabalho e União*, numa das suas publicações, também narrou a peça como a romântica aventura de Roberto Machim e Anna d' Arfet, dois apaixonados, que fugidos à perseguição das famílias, embarcaram, e, afligidos pelo temporal, aportaram à vila de Machico. Esta peça foi comparada à obra de Alexandre Dumas, *Dama das Camélias*²⁹⁸.

Os jornais não pouparam elogios ao autor, atribuindo o romance “ (...) á penna scintillante do distincto escriptor sr. capitão João dos Reis Gomes (...)”²⁹⁹. Para a imprensa,

²⁹⁶ MARQUES, João Maurício, *Idem*, p. 26

²⁹⁷ *O Diario do Commercio*, ano XIII, Nº 3384, Domingo, 3 de Janeiro de 1909, p. 1

²⁹⁸ *Trabalho e União*, ano II, Nº 84, Sábado, 17 de Abril de 1909, p. 2

²⁹⁹ *O Diario do Commercio*, ano XIII, Nº 3384, Domingo, 3 de Janeiro de 1909, p. 1

João dos Reis Gomes, cujas faculdades intelectuais e aptidões literárias eram devidamente apreciadas, honrava não só a literatura madeirense mas toda a cultura portuguesa em geral³⁰⁰.

A Filha de Tristão das Damas foi o produto de uma continuada e conscienciosa investigação histórica acerca dos costumes e das personagens mais notáveis da época retratada, que o autor romantizou de uma forma verdadeiramente empolgante.

A obra foi tão bem aceite que, com o objectivo de a distribuir aos estudantes nas festas escolares, como prémio de melhor aluno, a Câmara Municipal do Funchal adquiriu cinquenta exemplares. Até porque “ (...) *tende a alevantar, entre nós, o sentimento patriótico, hoje, infelizmente, tão amesquinhado e abatido*”³⁰¹. Outras Câmaras Municipais seguiram-lhe o exemplo, como Santa Cruz, Machico³⁰², Calheta e Ponta do Sol.

Quanto ao criador de tão afamada obra, João dos Reis Gomes, podemos dizer que foi oficial do exército, engenheiro, industrial, professor, escritor, crítico e filósofo de arte.

Nasceu na freguesia de S. Pedro, Funchal, a 5 de Janeiro de 1869. Em Outubro de 1886 alistou-se como voluntário no exército, no extinto Regimento de Caçadores 12, frequentava, na altura, o Liceu do Funchal. No ano seguinte foi para Lisboa e matriculou-se na Escola Politécnica, no curso preparatório para oficial de artilharia. Após a conclusão do curso, onde obteve as mais altas classificações, foi para a Escola do Exército onde tirou o curso de arma de artilharia (51892) e o diploma de engenheiro industrial. Pertenceu ao quadro de arma de 1892 a 1917, passando à reserva no posto de Major em 31 de Março de 1917. No entanto, continuou no activo por determinação superior, como inspector do material de guerra e comandante de artilharia da Madeira até 24 de Junho de 1919.

Foi professor provisório do Liceu do Funchal, onde prestou serviço durante 28 anos na Secção de Ciências. Cargo que abandonou por motivos de incompatibilidade legal, enquanto professor efectivo do ensino técnico da Escola Industrial do Funchal. “*Ao deixar o cargo de professor do liceu os antigos alunos prestaram-lhe em 15 de Julho de 1928 uma consagração pública que constou de sessão solene no salão nobre do Teatro Municipal do Funchal, com a presença das autoridades, em que foi lida uma mensagem dos seus antigos alunos e descerrada uma lápide de mármore com o seu nome e aquela data*”³⁰³. Entre 1929 e 1939 foi professor e director da Escola Industrial e Comercial do Funchal.

³⁰⁰ *Trabalho e União*, ano II, Nº 84, Sábado, 17 de Abril de 1909, p. 2

³⁰¹ *O Diario do Commercio*, ano XIII, Nº 3471, Domingo, 25 de Abril de 1909, p. 1

³⁰² *Idem*, ano XIII, Nº 3481, Sábado, 8 de Maio de 1909, p. 1

³⁰³ CLODE, Luiz Peter, *Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses sécs XIX e XX*, Funchal, Caixa Económica do Funchal, 1983, p. 401.

Em Dezembro de 1922 promoveu e orientou as festas do 5º Centenário da Descoberta da Madeira. No ano de 1927, em Outubro, organizou no Funchal a Delegação da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, a pedido da referida Direcção.

João dos Reis Gomes era sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa; sócio de honra da Federação das Academias de Letras do Brasil; correspondente da Sociedade de História de Portugal. Foi, também, vogal do Instituto de Portugal (antiga Academia de Portugal). Ao longo de vários anos recebeu as seguintes medalhas: Medalha de Prata de Comportamento Exemplar, Medalha de Ouro das Campanhas do Exército Português (1916-1918), Comendador da Ordem de São Tiago, Comendador de Instrução Pública, *Officier d'Academie* de França, Cruz Vermelha de Mérito.

Entre 1904 e 1915 foi director do *Heraldo da Madeira* e, entre 1916 e 1940, do *Diário da Madeira*. Colaborou com vários jornais e revistas de Lisboa, como *O Dia*, *O Século* e *Serões*. Além de todas estas actividades, escreveu e publicou muitas obras, todas descritas em *Madeira: Investigação Bibliográfica*, de António Aragão Freitas e Gilda França Vieira³⁰⁴. João dos Reis Gomes faleceu na sua residência à Quinta do Esmeraldo, S. Martinho, no dia 21 de Janeiro de 1950. Tinha 81 anos. Em sua homenagem há, actualmente, no Funchal uma estátua no Jardim Municipal e uma rua com o seu nome: Rua Major Reis Gomes.

Foi o primeiro dramaturgo, em Portugal, a fundir a acção do cinema com a do teatro. No último quadro da sua peça histórica *Guiomar Teixeira* desenrolava-se na tela uma batalha entre cristãos e muçulmanos (ilustração 22). As filmagens tiveram lugar no dia 25 de Maio de 1913, como relatou o *Diario de Noticias*: “*Amanhã, pelas 6 horas da manhã, um grupo de cerca de 60 cavalleiros dirigir-se-ha para o sitio da Cancellia, freguezia do Caniço, com o fim de ser tirada ali uma fita cinematographica de grande effeito.*”³⁰⁵

O responsável pelas “*fitas cinematographicas*” foi André Valldaura, “*(...) habil operador da «Companhia Cinematographica de Portugal», chegado de Lisboa na ultima viagem do San Miguel, que veiu expressamente tirar um film artistico para figurar no drama A Filha de Tristão das Damas (...). Essa fita vae ser hoje tirada no sitio da Cruz, (...), onde será simulada uma grande batalha entre mouros e christãos*”³⁰⁶. As imagens filmadas foram projectadas e comentadas pelos próprios actores, que se consideravam dentro da fortaleza de

³⁰⁴ FREITAS, António Aragão; VIEIRA, Gilda França, *Madeira: Investigação Bibliográfica*, Funchal, DRAC, Centro de Apoio de Ciências Históricas, vol.1, 1981, pp. 353-355.

³⁰⁵ *Diario de Noticias*, ano XXXVII, Nº 11601, Sábado, 24 de Maio de 1913, p. 1

³⁰⁶ *Idem*, ano XXXVII, Nº 11602, Domingo, 25 de Maio de 1913, p. 2

Safim; eram acompanhados por uma orquestra que tocava ao ritmo da acção. A fita tinha a duração aproximada de dez minutos.

A estreia, no *Teatro Funchalense*, a 28 de Junho de 1913, foi um sucesso, uma vez que se tratou de “ (...) *uma verdadeira noite d’ arte, quer sob o ponto de vista litterario, quer pelo desempenho a cargo de senhoras e cavalheiros da nossa mais distincta sociedade*”³⁰⁷. O espectáculo iniciou-se às vinte horas, com a sala completamente esgotada, sendo a assistência verdadeiramente seleccionada.

A 30 de Junho, o *Diario de Noticias* fez a apreciação da peça, salientando que de amadores não era lícito, nem justo, esperar mais e melhor. Seguidamente descreveu, caracterizou e elogiou todo o elenco de actores, o autor (também actor e encenador), o cenário e o guarda-roupa. E, finalmente, falou da fita cinematográfica, exibida no 4º quadro, *Cerco de Safim*, que considerou “ (...) *uma verdadeira novidade em representações dramaticas, e uma novidade feliz, pois que produziu todos os effeitos desejados, não obstante a transição, quasi inapreciavel, das scenas da natureza viva para as do dominio do cinema.*

Podemos dizer que a introdução d’ essa novidade, nas peças theatrais, vae revolucionar a arte dramatica, abrindo vastos horisontes á sua exploração e desenvolvimento”³⁰⁸. Perante tão extraordinária actuação com tanta novidade, a numerosa e selecta assistência não regateou os mais estrondosos aplausos e manifestações de agrado e apreço a todos os intérpretes, “ (...) *tendo a maior parte chamadas especiais, e foram brindados com lindas corbeilles de flores.*”³⁰⁹

Quando se anunciou a terceira récita, para o dia 6 de Julho, surgiu a advertência de que havia poucos bilhetes disponíveis, dado que o entusiasmo pela peça aumentou desde a segunda representação, considerada melhor que a primeira. Porque, “*Em consequência de se ter molhado o panno, a fita cinematographica apresentou-se com a mais perfeita nitidez, pondo em relevo todas as suas bellezas, que não são pequenas*”³¹⁰. E tal como já havia sucedido, em outras circunstâncias, para facilitar o acesso às classes operárias e menos abastadas, os preços da galeria foram reduzidos para 400 reis, frente e 300 reis, lado.

Para Rui Carita e Luís Melo, “*A representação desta peça é considerada uma das glórias, se assim se pode dizer, ou um dos pontos altos da cultura madeirense. Efectivamente*

³⁰⁷ *Diario de Noticias*, ano XXXVII, Nº 11635, Sexta-feira, 27 de Junho de 1913, p. 1

³⁰⁸ *Idem*, ano XXXVII, Nº 11638, Segunda-feira, 30 de Junho de 1913, p. 2

³⁰⁹ *Idem*

³¹⁰ *Idem*, ano XXXVII, Nº 11641, Quinta-feira, 3 de Julho de 1913, p. 2

é a primeira vez que a nível nacional e em teatro, se utilizam efeitos especiais com base no cinema, o que em 1913, não deixa de ser francamente interessante.”³¹¹

O operador responsável pelas filmagens de *Guiomar Teixeira*, André Valldaura, aproveitou a sua vinda à Madeira para filmar algumas *vistas* e costumes da Ilha que, intituladas de *Funchal Pitoresco*, foram exibidas no *Pavilhão Paris*.

3.3. FRANCISCO BENTO DE GOUVEIA E MANUEL LUIZ VIEIRA

Na década de vinte surgiram dois nomes incontornáveis na produção cinematográfica madeirense. São eles: Francisco Bento de Gouveia (ilustração 23) e Manuel Luiz Vieira (ilustração 24).

Francisco Bento de Gouveia nasceu a 16 de Julho de 1873, na freguesia de Ponta Delgada. Era filho de José Bento de Gouveia, lavrador abastado, e de Maria do Carmo Vieira, natural do Funchal, “*senhora de sua casa*”³¹². Concluída a 4ª classe começou a fazer a sua própria biblioteca, estudou línguas e aprendeu música, tornando-se presidente da Orquestra Filarmónica de Ponta Delgada, em 1889. Em 1893 tornou-se funcionário dos correios e telégrafos em S. Vicente e, três anos mais tarde, recebeu o diploma e registo de caução, por nomeação régia, definitiva para esse cargo.

Casou, em 1897, com D. Firmina Mathilde d’Ornellas e teve dois filhos, o mais novo foi baptizado com o nome de Horácio d’Ornellas Bento de Gouveia. Em 1906, Francisco Bento de Gouveia fixou-se no Funchal e passou a exercer o cargo de redactor principal do *Diário Popular*, escrevendo grande parte dos artigos de fundo que versavam os mais variados temas. Entre 1912 e 1914 exerceu funções de Director do *Diário da Madeira* e do *Almanaque Ilustrado* do mesmo diário.

Tornou-se Secretário da *Companhia Vinícola do Funchal* em 1921. Assumiu cargos no Pelouro do Turismo e na Comissão de Concertos e Festas Musicais, enquanto parte integrante nas Festas do 5º Centenário da Descoberta da Madeira. Nesse mesmo ano, 1922, criou a *Madeira Film*, produzindo documentários sobre a Ilha e a película comemorativa do 5º Centenário da Madeira, tendo como operador Manuel Luiz Vieira.

³¹¹CARITA, Rui; MELO, Luís Francisco de Sousa, *100 Anos do Teatro Municipal Baltazar Dias*, Funchal, Câmara Municipal do Funchal, 1988, p. 87

³¹² SOARES, Maria de Fátima Gouveia, *Francisco Bento de Gouveia 1873-1956 – Vida e Obra*, Funchal, Espaço XXI, 2000, p. 19

Em 1927 foi para Lisboa e tornou-se colaborador no *Diário da Manhã* e correspondente de *O Jornal*. Recomeçou como colaborador do *Diário de Notícias*, do Funchal, em 1952, função que ocupou por um ano.

Faleceu, em Lisboa, a 25 de Dezembro de 1956, não sem antes dar asas à sua vertente de inventor. Em 1948 fundou, na capital, “ (...) a sua própria firma *SIQUIL – Sociedade de Industria Químicas e Oenológicas, Lda. tendo aí o seu laboratório. Produziu amiantos para filtragens e carvão activo (...)*”³¹³ e inventou a Cerveja Vínica. Embora tenha sido autorizado a fabricar esta sua ideia, a luta movida pelas empresas cervejeiras foi grande, não adquirindo apoios suficientes, e não conseguindo realizar este seu sonho.

Manuel Luiz Vieira nasceu em S. Vicente, Madeira, a 21 de Junho de 1885 e faleceu a 24 de Agosto de 1952, em Lisboa. Era primo de Francisco Bento de Gouveia.

Era fotógrafo profissional, fundador da *Casa Pathé*, no Funchal. A partir de 1919 realizou ensaios cinegráficos (em fotografia e laboratório). Foi operador de câmara da *Madeira Film* entre 1922 e 1924, e foi aqui que produziu os seus primeiros filmes.

A *Empresa Cinematográfica Atlântida*, fundada por Manuel Luiz Vieira, composta por laboratório e estúdio de filmagens, produziu vários filmes. Manuel Luiz Vieira ficou ligado a perto de cento e cinquenta filmes, dos quais cem são documentários e curtas-metragens filmadas por todo o Império Português, com temas muito variados. Foi para esta empresa que rodou as três médias-metragens de enredo: *A Calúnia*, *O Fauno das Montanhas* e *A Indigestão*, entre 1925 e 1926. Em Portugal continental tornou-se operador de vários filmes e, entre 1933 e 1939, realizou, fotografou e distribuiu dezenas de documentários, dos quais se podem destacar:

- *Cavalaria Portuguesa* (1932);
- *Cimento e Pedras de Portugal* (1933);
- *Cortejo Histórico de Viaturas, Maфра e os seus Célebres Carrilhões e Inauguração do Seminário dos Olivais* (1934);
- Série dedicada aos Açores *Terra Nostra*, *Castelo de Leiria* e *Tapeçarias de Flores* (1936);
- *Golegã, Sines, Bailados e Mosteiro da Batalha* (1937);
- *Viagem Presidencial aos Açores, Aves Amigas e A Pesca do Bacalhau* (1938).

³¹³ SOARES, Maria de Fátima Gouveia, *Idem*, p. 20

Dedicou-se à fotografia de filmes, tendo dirigido as luzes de *A Dança dos Paroxismos* (1929, realização de Jorge Brum do Canto), *Maria do Mar* (1930, realização de Leitão de Barros), *Ver e Amar* (1930, de Chianca de Garcia), *A Castelã das Berlengas* (1930, realizado por António Leitão), *A Portuguesa de Nápoles* (1931, de Henrique Costa), *Paisagem* (1931, de Jorge Brum do Canto); e colaborado em *Gado Bravo* (1934, de António Lopes Ribeiro em cooperação com Max Nossek), *Revolução de Maio* (1937, realizado por António Lopes Ribeiro), *Maria Papoila* (1937, de Leitão de Barros), *Feitiço do Império* (1940, realização de António Lopes Ribeiro) e *Camões* (1946, realizado por Leitão de Barros).

Em 1930 fez uma tentativa de registo da patente de filmes sonoros.

Foi considerado um dos melhores operadores de câmara durante as décadas de trinta e quarenta, chegando a trabalhar com os melhores realizadores e directores de fotografia estrangeiros, como Gartner e Goldberger. Foi, aliás, nesta categoria que se viu envolvido em *A Dança dos Paroxismos*, de Jorge Brum do Canto, em 1929.

Após 1938 tornou-se operador de imagem da Missão Cinegráfica às Colónias de África. Nos anos 40 foi operador de imagem para a Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas. Em 1941 abriu, em Lisboa, um laboratório fotográfico próprio.

A Madeira Film

Estes dois primos foram responsáveis por algumas das produções cinematográficas efectuadas na Madeira. Em 1922, tendo como director e proprietário, Francisco Bento de Gouveia, e como operador, Manuel Luiz Vieira, foi criada a *Madeira Film*. E foi a partir daqui que se realizaram e produziram películas inteiramente regionais, com divulgação nacional e internacional.

O *Diário de Notícias* e o *Correio da Madeira*³¹⁴ documentaram que, no dia 11 (?) de Dezembro de 1922, no *Teatro-Circo*, foram exibidos os primeiros trabalhos cinematográficos da empresa *Madeira Film*, tendo sido muito bem recebidos. Nesta sessão foram projectadas várias películas, conforme descreveram os periódicos referidos: dois filmes de reportagem, relativos às visitas ao Funchal do Presidente da República e dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, bem como várias *vistas* da Ilha.

O filme sobre a visita presidencial à Madeira incluía panoramas da cidade, em que o Funchal surgia como um belo presépio abrigado na encosta. A reportagem alusiva à passagem

³¹⁴ *Diário de Notícias*, 14 de Dezembro de 1922 e *Correio da Madeira*, 13 de Dezembro de 1922 citados em SOARES, Maria de Fátima Gouveia, *Idem*, pp.207 a 216.

dos aviadores na Madeira descreveu a sua chegada à Pontinha, a impaciência da multidão, o percurso pela Câmara Municipal, a saída do *Te-Deum* na Sé, a partida para o Monte, o jantar no *Reid's* e o monumento do Jardim Municipal. Foi considerado um documento rico de detalhe³¹⁵.

As *vistas* da Ilha descreviam as vindimas em Câmara de Lobos; as quedas de água entre a Ponta do Sol e a Madalena; o Arco da Calheta; as casas rústicas, com o seu colmo humilde de presépio; o túnel do Rabaçal; as quedas de água do Risco e a sinfonia líquida das Vinte e Cinco Fontes; um velho típico; a igreja e a vila da Calheta; alguns camponeses, com os seus barretes de orelhas e varapaus; e por fim, o sacrário oferecido por D. Manuel, de finais do século XV.

A esta projecção assistiu uma selecta plateia de convidados que aplaudiu, com entusiasmo, no final da apresentação, o director da *Madeira Film* bem como os seus colaboradores, de onde se destacava Manuel Luiz Vieira, figura modesta, despreziosa, disfarçando uma excepcional natureza de artista. Este “*Filme de Propaganda*” foi exibido, com muito sucesso no Brasil e Estados Unidos da América, principalmente nas cidades onde havia maiores comunidades madeirenses.

Em Janeiro de 1923 foram exibidos no *Teatro-Circo*, simultaneamente com outras fitas, “ (...) *dois films madeirenses, primeiros produtos da «Madeira Film» com os títulos «Arraial do Monte» e «Visita à Madeira do Presidente da República» (...) e varios novos films da Madeira Film, em estreia, «Temporais na Pontinha», aviadores e outros.*”³¹⁶

Outra grande produção da *Madeira Film* foi o documentário sobre a comemoração do 5º Centenário da Descoberta da Ilha da Madeira, que decorreu entre 29 de Dezembro de 1922 e 4 de Janeiro de 1923, tendo organização de João dos Reis Gomes. Esta “ (...) *larga metragem, dividida em cinco partes*”³¹⁷ foi vista, em antestreia, numa sala da residência de Francisco Bento de Gouveia, à rua do Bom Jesus, num ecrã improvisado.

O *Diário de Noticias*, de 1 de Abril de 1923, pela mão de Elmano Vieira, fez uma elogiosa e pormenorizada descrição do filme, dizendo que este se iniciava com umas legendas elucidativas, ajudando o espectador desprevenido ou menos perito nos assuntos relevantes da nossa história trágico-marítima: recordavam o papel primordial do Infante nos Descobrimentos. Em seguida surgia no ecrã a Ponta de São Lourenço, a partir da qual ia

³¹⁵ VIEIRA, Elmano, *Diário de Noticias*, 1922 citado em SOARES, Maria de Fátima Gouveia, *Idem*, p. 210

³¹⁶ *Correio da Madeira*, ano I, Nº 228, Sábado, 6 de Janeiro de 1923, p. 3

³¹⁷ *Diário de Noticias*, Domingo, 1 de Abril de 1923 citado em SOARES, Maria de Fátima Gouveia, *Idem*, p.217

ganhando relevo, numa pitoresca sucessão de aspectos, a velha capitania de Tristão Vaz Teixeira, marcada pontualmente pelas suas casinhas brancas. Seguidamente iniciavam-se as Festas do Centenário, com a apresentação dos seus principais promotores: Reis Gomes, Adolfo de Figueiredo, Prof. Cândido Pereira e, por último, Vieira de Castro.

As honras da segunda parte do filme iam para a peça *Guiomar Teixeira*, que, em récita de gala, subiu ao palco do *Teatro Manuel de Arriaga*, uma vez que tratava um episódio do início da colonização da Madeira. Em seguida apareceu em cena a embarcação, *Vieira y Clavijo*, que transportava os representantes de Tenerife. A objectiva do operador colheu os detalhes marcantes dessa brilhantíssima visita: o desembarque, as recepções na Câmara e Junta Geral, o almoço no Terreiro da Luta, a visita ao Monte Palace, o *Te-Deum* na Sé Catedral, a romagem ao túmulo de João Gonçalves Zarco, o lançamento da primeira pedra do monumento do Descobridor e a partida dos “*nossos gentilísimos hermanos*”³¹⁸. O filme terminava com o cortejo regional, onde desfilavam os carros documentais das actividades tradicionais insulares e das figuras imortalizadas da nossa História, transmitindo, segundo opinião do relator, uma noção certa do conjunto.

Em forma de remate, o autor da notícia apelou: “*Lançado com inegalável sucesso este empreendimento, urge completá-lo: dotando a cidade com um cinema modelo, chic, á altura das exigencias do publico elegante, – cá do burgo e da colonia hibernal. Para que se não dê o contrasenso, como agora acontece, das peliculas madeirenses se exhibirem lá fóra, antes de passadas no ecran dum cinema da nossa terra.*”³¹⁹

Esta película, de cerca de mil metros, que seria vista nos ecrãs dos cinemas de todo o mundo, foi enviada para Lisboa no dia 29 de Março de 1923³²⁰. O *Correio da Madeira* fez, também, um elogio ao filme e os seus autores: “*O film do V Centenário é um documento histórico de alto valor que, sem dúvida, irá produzir, além mar, verdadeira sensação e que de forma alguma envergonha a nossa empresa «Madeira Film» a quem endereçamos as mais quentes felicitações e auguramos o mais brilhante futuro.*”³²¹

O mesmo artigo mencionou algumas pequenas imperfeições de filmagem, mas justificou-as com a falta ou inadequação do material. Faria falta ao atelier da *Madeira Film* “*reveladores especialmente correctores de exposição*”, uma nova lente com maior poder de definição para a máquina e um tripé com movimentos panorâmicos, vertical de maior precisão

³¹⁸ *Diário de Noticias*, Domingo, 1 de Abril de 1923 citado em SOARES, Maria de Fátima Gouveia, *Idem*, p.219

³¹⁹ *Ibidem*, p.220

³²⁰ *Correio da Madeira*, ano II, Nº 293, Quinta-feira, 29 de Março de 1923, p. 2

³²¹ *Idem*, ano II, Nº 295, Quarta-feira, 4 de Abril de 1923, p. 1

e suavidade. Apesar de tudo isto, o filme apresentava admiráveis fragmentos de reportagem, executados com perfeita segurança, com andamento preciso e posições bem escolhidas, resultantes do trabalho de Manuel Luiz Vieira.

O artigo não poupou elogios a este reconhecido artista, que, sem sair da Madeira e sem ter aprendido os truques cinematográficos com os especialistas, conseguiu fazer um filme que honra a Ilha e é superior a algumas produções da *Casa Pathé e Gaumont*. O artigo sugeria ao operador-amador, Manuel Luiz, que viajasse pelos grandiosos ateliers de toda a Europa, de modo a colher informação que o habilitassem a fazer da Madeira, quiçá, uma das melhores cidades editoras do filme.

Em Outubro de 1923, este filme, há tanto tempo desejado pelo público funchalense, foi exibido no Jardim Municipal. No dia 17, os funchalenses foram “ver-se” no ecrã, porque o *Correio da Madeira*, que iniciou a notícia com a pergunta “*V. ex^a já viu a sua figura n’ um ecran de cinematógrafo?*”, explicou que o filme “*(...) contém sem duvida a fotografia de todos os moradores do Funchal, pelo menos de todos que saíram á rua por ocasião dos festejos comemorativos do V Centenario da Descoberta da Madeira*”³²². Certamente, que o *Cine-Jardim* superlotou; os habitantes da cidade, aliciados com a divulgação do jornal, acorreram à bilheteira, que abriu às catorze horas.

Mas a produção cinematográfica na Madeira nos anos de 1922 e 1923 não ficou por aqui. Encontramos uma notícia do *Correio da Madeira*, de 17 de Agosto de 1922³²³, que dava conta da partida de Lisboa, para a Madeira, a bordo do navio *Lima*, do senhor João Germano Gonçalves e de um operador cinematográfico, que se deslocavam à Ilha para filmar múltiplos aspectos desta, com o objectivo de serem incluídos na película *Pátria Portuguesa*, a ser projectada no Pavilhão Português da Exposição do Rio de Janeiro.

A Calunia, O Fauno das Montanhas e A Indigestão

O ano de 1926 foi muito proveitoso a nível de produção de ficção madeirense. O primeiro grande sucesso foi *A Calunia*, primeiro filme dramático madeirense em oito partes, produto da Empresa Cinematográfica Atlântida (ilustração 25). O elenco, além de ser inteiramente composto por madeirenses, era amador. Faziam parte deste: Nadine Menut, Ermelinda Vieira (irmã de Manuel Luiz Vieira), Maria Augusta, Fernando Figueiredo,

³²² *Correio da Madeira*, ano II, Nº 452, Quarta-feira, 17 de Outubro de 1923, p. 2

³²³ *Idem*, ano I, Nº 115, Quarta-feira, 17 de Agosto de 1922, p. 2

Arnaldo Coimbra, João Sabino, Firmino Brazão, Manuel Rodrigues, Victorino Abreu, E. Pinto Correia e Miguel Soares. Quanto ao desempenho dos actores, e atendendo ao facto de se tratar de jovens amadores, foi considerado de louvar, não faltando talento e intuição da *arte do silêncio*³²⁴.

Esta película foi inteiramente filmada na Madeira, nomeadamente no Funchal e em Câmara de Lobos. As cenas principais foram gravadas em várias quintas dos arredores da cidade, gentilmente cedidas pelos seus proprietários³²⁵. Nesta fita podiam admirar-se lindíssimos panoramas e recantos artísticos. Este filme é, com certeza, um documentário cinematográfico dos valores e das belezas da linda terra madeirense³²⁶.

A *Calunia* retrata a história de amor de um homem que parte para a América, a fim de acumular fortuna e ganhar a mão da sua amada – uma mulher rica atormentada por um terrível sedutor da mesma condição social. A fita faz um retrato da sociedade funchalense da época: a decadência da classe alta e a esperança na emigração para a América por parte do povo.

No dia 10 de Fevereiro houve uma sessão dedicada especialmente aos jornalistas e artistas. A receptividade foi tão boa que o *Diario de Noticias* aconselhou todos os madeirenses a verem a fita, ao mesmo tempo que endereçou os parabéns a Manuel Luiz Vieira³²⁷.

Segundo a actriz Maria Matos³²⁸, que assistiu à antestreia do filme, o trabalho fotográfico era um primor de nitidez e de perfeição. O assunto simples e, simultaneamente, cruel, como o título o indica, permitiu aos seus intérpretes, conduzidos pela mão hábil e competente de Manuel Luiz, magnificas expressões e óptimas atitudes, por vezes flagrantes de veracidade. Os títulos dos capítulos e os dísticos explicativos encontravam-se escritos em português correcto e airoso, o que nem sempre sucedia mesmo nos melhores filmes. Estes, destacando-se sobre um fundo móvel (o cisne branco do Jardim Municipal ou o rebentar impaciente das ondas), eram uma bela e atraente inovação.

Maria Matos gostou, particularmente, do capítulo que se desenrolava em Câmara de Lobos, considerando-o um dos mais encantadores, quer pela interpretação, quer pela beleza

³²⁴ *Diario de Noticias*, ano 50º, Nº 15505, Quinta-feira, 11 de Fevereiro de 1926, p. 1

³²⁵ *Idem*, ano 50º, Nº 15515, Quarta-feira, 24 de Fevereiro de 1926, p. 2

³²⁶ *Idem*, ano 50º, Nº 15512, Sábado, 20 de Fevereiro de 1926, p. 1

³²⁷ *Idem*, ano 50º, Nº 15505, Quinta-feira, 11 de Fevereiro de 1926, p. 1

³²⁸ A actriz encontrava-se, na altura, no Funchal, com a *Companhia Maria Matos*, a representar a peça *Tristes Amores*.

dos quadros³²⁹. Para o *Correio da Madeira* estávamos perante um “*filme de arte*”, pelo enredo, desempenho artístico e paisagens. Foi salientado o papel do operador, Manuel Vieira, cujos atributos neste género se acentuavam cada vez mais³³⁰. Para José de Matos Cruz, este filme reflecte uma excelente montagem e realização de Manuel Luiz Vieira. “*Neste aspecto, destaque para a excelente cena no final do filme, quando Mário percorre de forma desenfreada as ruas do Funchal de automóvel (toda ela filmada por ML Vieira num outro automóvel, com planos de trás e de frente e com uma montagem alternada com os planos de Gaspar e Margarida) para chegar a tempo de impedir que este último viole a rapariga.*”³³¹ Sem termos visto o filme, para grande pena nossa, ousamos dizer que manifesta um grande trabalho de montagem, dado os meios técnicos da época.

A 24 de Fevereiro estreou, no *Teatro-Circo*, *A Calúnia*, de Manuel Luiz Vieira (ilustração 26). A sessão foi muito concorrida, “*(...) destacando-se muitas famílias da nossa melhor sociedade (...)*”³³². A estreia em Lisboa deu-se em Maio do mesmo ano. O filme teve os maiores elogios da imprensa da época, que o apelidou de “*sensacional*”, sublinhando “*que honra a cinematografia portuguesa*”³³³. Foi, segundo João Maurício Marques, até aí a película que mais semanas esteve em exibição na Madeira, tendo sido reposta várias vezes até ao final da década, não só no circuito comercial mas também nos clubes e associações privadas³³⁴.

O Fauno das Montanhas, também de Manuel Luiz Vieira, é uma curta-metragem dramática, de 1100 metros, em quatro partes (ilustração 27). A interpretação estava confiada a Arnaldo Coimbra (ilustração 28), no papel de “Fauno” e de camponês, que realizou com inteligência uma esplêndida criação, quer nos bosques frondosos com a sua flauta a despertar a atenção das ninfas, quer no Rabaçal como humilde campesino regional. Salientaram-se também as actuações de Ermelinda Vieira e de Jorge Gordon, no papel de naturalista inglês³³⁵.

O trabalho técnico foi da responsabilidade de Manuel Luiz Vieira, considerado um dos melhores que se tem feito em Portugal. As filmagens foram efectuadas em estúdio, no

³²⁹ MATOS, Maria, *A Calunia*, *Diario de Noticias*, ano 50º, Nº 15514, Terça-feira, 23 de Fevereiro de 1926, p. 2

³³⁰ *Correio da Madeira*, ano IV, Nº553, 21 de Fevereiro de 1926, p. 2

³³¹ MARQUES, João Maurício, *Idem*, p. 41

³³² *Correio da Madeira*, ano IV, Nº554, 28 de Fevereiro de 1926, p. 3

³³³ *Diario de Noticias*, Lisboa citado por MARQUES, João Maurício, *Idem*, p. 38

³³⁴ MARQUES, João Maurício, *Idem*, p. 37

³³⁵ *Diario de Noticias*, ano 51º, Nº 15863, Quarta-feira, 11 de Maio de 1927, p. 2

Rabaçal e nas Vinte e Cinco Fontes. Tido como um filme fantástico, aborda as curiosas quimeras de uma jovem que participa com o pai, naturalista britânico, numa expedição para conhecimento das espécies ornitológicas da Ilha. No seu crescente romantismo, e inspirada na paisagem, julga-se perseguida por um fauno, que tenta assassinar o sábio. Este filme “*pertence às raras incursões do cinema português no terreno do fantástico, sendo, por isso, obra precursora.*”³³⁶

O Fauno das Montanhas estreou a 11 de Maio de 1927, Quarta-feira, no *Teatro-Circo* (ilustração 29). O *Diário de Notícias* previu, para a estreia, mais uma glória para a *Empresa Cinegráfica Atlântida*, visto tratar-se de “ (...) *uma primorosa joia cinematográfica*”³³⁷. Contudo, foi retirado pela Censura em 1929, sendo exibido comercialmente apenas três vezes.

Outra película de ficção, novamente de Manuel Luiz Vieira, foi *A Indigestão*, filme cómico, em duas partes. Esta película estreou no mesmo dia e local de *O Fauno das Montanhas*, bem como de outras fitas da *Empresa Cinegráfica Atlântida*. O protagonista, João Sabino, tem um admirável desempenho, assim como as interpretetes Felismina Silva e Tinira Silva³³⁸. Quer pela habilidade dos actores, bem como das situações criadas em seu redor, o filme fez rir até os mais sérios³³⁹.

No dia 11 de Maio, no *Teatro-Circo*, realizou-se o espectáculo da *Empresa Cinegráfica Atlântida*, composto por vários filmes madeirenses, sendo os principais atractivos *O Fauno das Montanhas* e *A Indigestão*. Além destes, faziam parte do cartaz: *Atlântida Jornal* (composto por: *Arraial de N^a Senhora do Monte*; *Funeral do sr. Vieira de Castro*; *Chegada do Club Marítimo Campeão de Portugal*; *Socorros a Náufragos*; *Concurso Infantil no Jardim*); *Tosquias (Paul da Serra)* e *Colegio Alexandre Herculano* (ilustração 30).

Dois dias após o espectáculo, o *Diário de Notícias* fez a crítica cinematográfica: o *Teatro-Circo* registou uma das maiores enchentes da sua história, ficando a sala com um aspecto imponente pelo número e qualidade da assistência. “*Entre os «films» regionais exibidos, é de justiça destacar as «Tosquias no Paul da Serra», que depois de nos mostrar riquíssimos trechos de paisagem dêsses sitios, nos faz presenciar um monumental desfile de ovelhas, que impressiona e deslumbra.*”³⁴⁰

³³⁶ PINA, Luís de, *História do Cinema Português*, Mem Martins, Publicações Europa - América, 1986, p. 42

³³⁷ *Diário de Notícias*, ano 51^o, N^o 15861, Domingo, 8 de Maio de 1927, p. 5

³³⁸ *Idem*, ano 51^o, N^o 15861, Domingo, 8 de Maio de 1927, p. 5

³³⁹ *Idem*, ano 51^o, N^o 15863, Quarta-feira, 11 de Maio de 1927, p. 2

³⁴⁰ *Idem*, ano 51^o, N^o 15865, Sexta-feira, 13 de Maio de 1927, p. 1

O Fauno das Montanhas, do qual o público valorizou especialmente “ (...) o extraordinario trabalho de fotografia”, foi visto como um filme importante “ (...) porque o seu fim é, especialmente, destacar as belezas da nossa terra”³⁴¹. Admirou-se o trabalho dos actores, tanto em *O Fauno das Montanhas* como em *A Indigestão*.

Porém, estes filmes não tiveram o sucesso dos anteriores e Manuel Luiz Vieira viu-se obrigado a terminar as suas experiências no campo da ficção, passando a dedicar-se aos documentários (ilustração 31). Foi nesta área que alcançou grande destaque. Da sua autoria, a 25 de Maio de 1927, foi exibida a reportagem da vinda dos aviadores João Moreira de Campos e José das Neves Ferreira, que comandavam o hidroavião, que amarou próximo do Porto Santo, na sequência do raid aéreo Lisboa – Madeira – Açores. A chegada destes deu-se a 23 de Abril e a partida a 9 de Maio de 1926.

Filmado por Manuel Luiz Vieira, *Chegada de Ruth Elder*, alcançou sucesso internacional, com estreia em Paris a 26 de Outubro de 1927. Tratou-se de um documentário que relatava a chegada da solitária aviadora americana após um acidente nos mares dos Açores, a 12 de Outubro de 1927. Manuel Luiz Vieira, que se encontrava no Arquipélago, filmou o resgate.

Manuel Luiz Vieira contou com a colaboração de vários profissionais e amigos, nomeadamente: Arnaldo Coimbra, assistente de realização e actor nos filmes *A Calúnia* e *O Fauno das Montanhas*. Óscar Lomelino (ilustração 32), fotógrafo de profissão, fundou a produtora Globe Film e filmou, entre outros documentários, alguns desafios de futebol no campo Almirante Reis. João Sabino (ilustração 33), actor, produtor, distribuidor e assistente de realização, compôs a partitura original de *A Calúnia*. Representou em *Palinhos Herói* (Victorino de Abreu, 1930) e em *A Portuguesa de Nápoles*³⁴² (Henrique Costa, 1931).

Victorino de Abreu trabalhou com Manuel Luiz Vieira em *A Calúnia*, onde desempenhou o papel de actor secundário. Realizou, em 1930, uma curta-metragem cômica, *Palinhos Herói*, com representação de João Sabino³⁴³. Segundo João Maurício Marques este filme foi produzido na Madeira³⁴⁴, mas encontramos na nossa pesquisa uma notícia que diz o seguinte: “*João Sabino, o artista madeirense de cinema, que se encontra actualmente em Lisboa, acabou de filmar há tempos uma película cômica (...) Este film, foi realizado pelo nosso conterraneo Victorino de Abreu (...) Não seria mau que as Empresas de cinema fossem*

³⁴¹ *Diario de Noticias*, ano 51º, Nº 15865, Sexta-feira, 13 de Maio de 1927, p. 1

³⁴² *RE-NHAU-NHAU*, ano 1, Nº 35, 30 de Novembro de 1930, p. 5

³⁴³ MARQUES, João Maurício, *Idem*, pp. 47 e 48

³⁴⁴ *Ibidem*, p. 52

tratando de trazer até cá esse film – o primeiro que em Lisboa se realizou com artistas da Madeira”³⁴⁵. Será o mesmo filme? As coincidências são muitas: o mesmo realizador, o mesmo actor, e o mesmo tipo de filme (comédia), mas o local de criação diverge: onde foi filmada a película *Palinhos herói*?

³⁴⁵ *RE-NHAU-NHAU*, ano 1, N° 31, 20 de Outubro de 1930, p. 5

3.4. FILMES PRODUZIDOS E / OU REALIZADOS POR MADEIRENSES E PELÍCULAS FILMADAS NO ARQUIPÉLAGO

A listagem apresentada baseia-se na relação de fitas que consta do sítio da responsabilidade de Photographia – Museu “Vicentes”³⁴⁶, que por sua vez se apoia na obra de José Matos-Cruz, *Prontuário do Cinema Português 1896 – 1989*. Os filmes encontrados na nossa pesquisa foram acrescentados à lista.

- 1899, [*Vistas do Monte (?)*], documental, realização de Benett Stanford³⁴⁷;
- 1907, *Excursão à Madeira*, documental, Aurélio da Paz dos Reis e Eduardo C. Pascaud;
- 1907, *Na Ilha da Madeira*, documental, sem realizador;
- 1911, *Assistência à Matiné em Favor dos Órfãos da Madeira*, documental, sem realizador;
- 1911, *Madeira*, documental, sem realizador, produção Eclipse (França);
- 1913, *Funchal Pitoresco*, documental, André Valldaura;
- 1913, *Guiomar Teixeira – A Filha de Tristão das Damas*, ficção, realização e produção de João Reis Gomes;
- 1914, *Uma Excursão à Ilha da Madeira*, documental, sem realizador;
- 1915, *Ilha da Madeira e suas Indústrias*, documental, sem realizador;
- 1917, *Cidade do Funchal*, documental, sem realizador;
- 1918, *Funchal*, documental, sem realizador;
- 1918, *Visita ao Funchal*, documental, sem realizador;
- 1922, *Chegada ao Funchal, a Bordo do Cruzador “Cardiff”, dos Antigos Soberanos Húngaros Exilados*, documental, sem realizador, produção Gaumont (França);
- 1922, [*Filme Promocional da Madeira, Panoramas, Acontecimentos Notáveis, Poentes e Marinhas, O Sr. Presidente da Republica e os Aviadores, o Monte e as Romarias, Aspectos da Actividade Madeirense*], documental, realização e produção *Madeira Film*³⁴⁸;
- 1922, [*Vários Aspectos da Ilha da Madeira*], para incluir no filme *Pátria Portuguesa*³⁴⁹, documental, realizador João Germano Gonçalves (?)³⁵⁰;

³⁴⁶ [www.cinemedia-mac.com](http://www.cinemedia-mac.com/index_port.asp). [consultado em 28 de Março de 2008]. Disponível em <http://www.cinemedia-mac.com/index_port.asp>

³⁴⁷ *Diário de Notícias*, ano XXIII, Nº 6586, Terça-feira, 14 de Março de 1899, p. 2

³⁴⁸ As referências à exibição desta fita, na imprensa, são de Dezembro de 1922. Desconhecemos a data da sua realização, mas dado que, na época, não havia grande hiato entre a execução e a exibição, podemos afirmar que aquela foi durante o ano de 1922, aliás ano da criação da *Madeira Film*. *Diário de Notícias* 14 de Dezembro de 1922, *Correio da Madeira* 13 e 14 de Dezembro de 1922 citados em SOARES, Maria de Fátima Gouveia, *Idem*, pp.207 a 216.

- 1923, [*As Festas do V Centenário da Descoberta da Ilha*], documental, longa-metragem em 5 partes, realização e produção *Madeira Film*³⁵¹;
- 1924, *Courses de Buffles à Madeira*, documental, sem realizador, produção *Pathé* (França);
- 1924, *Madeira*, documental, sem realizador, produção *Filmes Castello Lopes*;
- 1924, *Um Dia na Madeira – Un Giorno a Madera*, ficção, realização de Mário Gargiulo, produção *Flegrea-Lombardo* (Itália);
- 1925, *A Tosquia de Ovelhas no Paúl da Serra*, documental, realização e produção Manuel Luiz Vieira;
- 1925, *Festas de S. Pedro na Ribeira Brava*, documental, realização e produção de Manuel Luiz Vieira;
- 1925, *Festas Desportivas pelos Ingleses do Cabo Submarino*, documental, realização e produção de Manuel Luiz Vieira;
- 1926, *A Calúnia*, ficção, realização Manuel Luiz Vieira, produção *Empresa Cinegráfrica Atlântida* (Madeira);
- 1926, *A Indigestão*, ficção, realização Manuel Luiz Vieira, produção *Empresa Cinegráfrica Atlântida* (Madeira);
- 1926, *Chegada dos Aviadores Moreira de Campos e Neves Ferreira ao Funchal*, documental, realização e produção Manuel Luiz Vieira;
- 1926, *O Fauno das Montanhas*, ficção, realização Manuel Luiz Vieira, produção *Empresa Cinegráfrica Atlântida* (Madeira);
- 1927, *A Ilha do Porto Santo*, documental, sem realizador;
- 1927, *Atlântida Jornal* (composto por: *Arraial de Nª Senhora do Monte*, *Funeral do sr. Vieira de Castro*, *Chegada do Club Maritimo Campeão de Portugal*, *Socorros a Naufragos*, *Concurso Infantil no Jardim*), documental, realização Manuel Luiz Vieira (?), produção *Empresa Cinegráfrica Atlântida* (Madeira)³⁵²;
- 1927, *Chegada de Ruth Elder*, documental, realização Manuel Luiz Vieira, produção *Empresa Cinegráfrica Atlântida* (Madeira);

³⁴⁹ A exhibir no Pavilhão Português da Exposição do Rio de Janeiro.

³⁵⁰ Segundo notícia do *Correio da Madeira*, ano I, Nº 115, Quarta-feira, 17 de Agosto de 1922.

³⁵¹ Conhecemos apenas a alusão da imprensa. *Diário de Notícias*, Domingo, 1 de Abril de 1923 citado por SOARES, Maria de Fátima Gouveia, *Idem*, pp. 216 a 220

³⁵² Não conhecemos a data da realização do filme, mas a exibição deu-se a 11 de Maio de 1927, conforme *Diário de Notícias*, ano 51º, Nº 15861, Domingo, 8 de Maio de 1927, p. 5

- 1927, *Colegio Alexandre Herculano*, realização Manuel Luiz Vieira (?), produção *Empresa Cinegráfica Atlântida* (Madeira)³⁵³;
- 1927, *Da Madeira aos Açores*, documental, realização Manuel Luiz Vieira, produção *Empresa Cinegráfica Atlântida* (Madeira);
- 1927, [*Na Ilha da Madeira*], documental, realização Manuel Luiz Vieira, produção *Empresa Cinegráfica Atlântida*;
- 1927, *Patronato de S. Pedro*, documental (?), realização Manuel Luís Vieira, produção *Empresa Cinegráfica Atlântida* (Madeira) (?)³⁵⁴;
- 1927, *Reconstituição de Aspectos da Vida Madeirense e Revelação de Costumes Populares*, documental, realização Manuel Luiz Vieira, produção *Empresa Cinegráfica Atlântida* (Madeira);
- 1927, *Revisão da Caixa*, classificação desconhecida, realização e produção desconhecida³⁵⁵;
- 1929, *Açores e Madeira*, documental, sem realizador, produção *Ulyssea Filme*;
- 1929, *Aspectos da Madeira*, documental, sem realizadores;
- 1929, *Ilha da Madeira – Costumes Regionais* (1), documental, realização e produção António Pires Leitão;
- 1929, *Ilha da Madeira – Costumes Regionais* (2), documental, realização e produção António Pires Leitão;
- 1929, *Ilha do Porto Santo*, documental, realização e produção António Pires Leitão;
- 1929, *O Porto Santo – Costumes Regionais*, documental, realização e produção de António Pires Leitão;
- 1929, *Reid's Palace Hotel*, documental, realização de Óscar Lomelino, produção *Globe Film*;
- 1929, *Revista Mundial* (551), inclui Ilha da Madeira, sem realizador, produção *Filmes Castello Lopes* (Portugal);
- 1929, *Uma Tosquia na Ilha da Madeira*, documental, realização de Manuel Luiz Vieira, produção *Mello, Castello Branco*;

³⁵³ A data da realização é incógnita, a exibição efectuou-se a 11 de Maio de 1927, conforme *Diario de Noticias*, ano 51º, Nº 15861, Domingo, 8 de Maio de 1927, p. 5

³⁵⁴ A data de realização, o realizador, o produtor e tipo de filme são desconhecidos, mas a exibição deu-se em Dezembro de 1927, conforme *Correio da Madeira*, ano VI, Nº 649, 24 de Dezembro de 1927, p. 3

³⁵⁵ Desconhecemos a data de realização, bem como todos os dados técnicos do filme, mas a exibição efectuou-se em Janeiro de 1927, como se lê em *Correio da Madeira*, ano V, Nº 601, 22 de Janeiro de 1927, p. 2

- 1930, *Exposição Agrícola, Pecuária e Industrial da Madeira*, documental, sem realizador, produção Mello, Castello Branco;
- 1930, *Ilha da Madeira*, documental, sem realizador, produção Filmes Castello Lopes;
- 1930, *Palinhos Herói*, ficção/ comédia, realização de Vitorino de Abreu.

4. CONCLUSÃO

Face ao trabalho apresentado, com os poucos estudos até aqui publicados nesta área e recorrendo às leituras efectuadas em diversos jornais, entre 1895 e 1930, podemos concluir que o animatógrafo animou, como o nome indicia, extraordinariamente a vida social funchalense. Numa terra isolada, numa época em que os meios de transporte eram pouco velozes e onde as novidades chegavam com algum atraso, é interessante verificar a agilidade com que se instalou o animatógrafo, tal como havia acontecido com a fotografia.

A primeira apresentação cinematográfica no Funchal distou apenas ano e meio da de Paris, o que não é estranho dada a existência de uma grande comunidade estrangeira, principalmente inglesa, com posses e cultura, residente, pontual ou permanentemente, na Ilha. O curioso é que foram dois proprietários locais, os Irmãos Rodrigues, que a impulsionaram, mandando vir de Paris um animatógrafo e uma colecção de filmes. E, realçamos aqui, o papel ignoto de Henrique Augusto Rodrigues nesta iniciativa.

Desde o início os funchalenses aderiram ao cinematógrafo, fazendo deste uma das ocupações predilectas dos seus momentos de ócio. Numa ilha, como relatam os periódicos da época, falha de divertimentos e distrações, onde o “peso” da insularidade era, então, demasiado penoso, este espectáculo surgiu como uma boa forma de lazer. Era procurado por todos os grupos sociais, embora certas sessões fossem dedicadas a um grupo específico criando as *récitas da moda* e as *récitas populares*. Não raras vezes, as sessões eram a baixos preços para que a classe operária pudesse assistir a este divertimento.

No começo do século XX proliferaram as salas de espectáculos, além do *Teatro D. Maria Pia*, a primeira sala destinada ao animatógrafo, no Funchal, foi o *Pavilhão Grande*, na Praça da Rainha, ainda do século XIX. Seguiram-se o barracão *Águia D’Ouro*, o *Pavilhão Paris*, o *Salão Ideal*, o *Salão Central*, o *Salão Variedades* e o *Teatro-Circo*. Houve, também, sessões de animatógrafo em hotéis, como no *Hotel Monte Palace* e no *Casino Victória*; em associações, é exemplo o Patronato de S. Pedro; e ao ar livre, principalmente no Jardim Municipal e noutros locais, como foi o parque do actual Museu das Cruzes, cujo edifício principal servia então de hotel. Especialmente o Jardim Municipal era mais do agrado do público funchalense, porque à sua centralidade, aliava ainda o ar fresco das noites de Verão com a diversão do cinema.

Ao longo do trabalho constatamos que a existência de várias salas de cinema gerou uma forte concorrência entre elas. A competição fez com que as sessões fossem “abrilhantadas” com prémios, bombons para as crianças e música. Estes atractivos estavam associados ao carácter de entretenimento do cinema. Concluimos que, aqui na Madeira como no resto do mundo, este foi conotado com uma vertente de diversão popular.

O cinema pretendia preencher na época, na Madeira, de forma mais estrita do que no resto das grandes urbes europeias, dado o seu isolamento, também uma lacuna de informação. Ia-se ao cinema para assistir a comédias, a dramas, a aventuras, mas também para saber o que se passava no mundo, como se desenrolava a guerra, entre outras novidades.

Todavia, verificamos que o público madeirense, além de curioso (gostava de conhecer os actores, as actrizes e as suas vidas) era também exigente. Exigência esta veiculada pelos contínuos protestos. Frequentemente, na imprensa, surgiam críticas às fitas exibidas no Funchal, quer pela sua antiguidade quer pela falta de qualidade. Criticável era, igualmente, a assistência quando não se comportava dentro dos padrões normais de civismo e tomava atitudes mais impróprias, como o uso de linguagem desadequada e o recurso à violência, isto quando o filme não agradava ou não corria de acordo com o previsto.

Foi muito agradável verificar que na Madeira, numa época de poucas iniciativas e recursos, principalmente tecnológicos, comprovados através de um estudo mais pormenorizado, surgiram espíritos mais audazes que fomentaram a produção cinematográfica regional. João dos Reis Gomes, Francisco Bento de Gouveia e Manuel Luiz Vieira foram os seus principais impulsionadores. Criaram-se empresas cinematográficas, fizeram-se filmes documentais, promocionais e de ficção, alguns deles bem arrojados para a época, como *O Fauno das Montanhas*. Além dos locais, houve estrangeiros que filmaram na/e a Ilha.

Pensamos que este trabalho não se encerra, mas lança as bases de uma fundamentação histórica deste período, através do tratamento e organização das fontes, complementando outros ensaios sobre o assunto. Poderá tornar-se um suporte para futuros estudos, com recurso a outros Arquivos da Região, nomeadamente de Imagem.

Damos por concluído o trabalho a que nos propusemos, esperando ter cumprido os objectivos propostos e respondido às expectativas que em nós puseram.

5. BIBLIOGRAFIA

FONTES IMPRESSAS

- AA.VV., *Mediateca do Século XX 1920-1929*, Mem Martins, Lexicultural, 1999.
- CAIRES, Marta, “120 anos na vida de uma cidade”, *Revista Diário* (25 a 31 de Maio de 2003), p. 30, 31.
- CALDEIRA, Abel Marques, *O Funchal no Primeiro Quartel do Século XX*, 2ª edição, Funchal, Editorial Eco do Funchal, 1995.
- CARITA, Rui; MELO, Luís Francisco de Sousa, *100 Anos do Teatro Municipal Baltazar Dias*, Funchal, Câmara Municipal do Funchal, 1988.
- CLODE, Luiz Peter, *Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses – sécs. XIX e XX*, Funchal, Caixa Económica do Funchal, 1983.
- COSTA, Alves, *Breve História do Cinema Português 1896-1962*, Vol. 11, 1ª edição, “Biblioteca Breve”, Amadora, Ministério da Educação e Investigação Científica, Secretaria de Estado da Investigação Científica, Instituto da Cultura Portuguesa, 1978.
- COSTA, Alves, *Da Lanterna Mágica ao Cinematógrafo*, Lisboa, Cinemateca Portuguesa.
- FREITAS, António Aragão de; VIEIRA, Gilda França, *Madeira, Investigação Bibliográfica*, 3 vol., Funchal, SRTC/DRAC, 1984.
- KAWABATA, Yasunari, *Terra de Neve*, 2ª edição, “Ficção Universal”, Lisboa, Dom Quixote, Abril de 2003.
- LINO, Luís Sena, “Um património popular”, *Revista Diário* (24 a 30 de Dezembro de 2000), p. 5.

- LOPES, Agostinho do Amaral, *A Obra de Fernão Ornelas na Presidência da Câmara Municipal do Funchal 1935-1946*, Funchal, Universidade da Madeira, Dezembro de 2005. Tese de Mestrado.
- MARQUES, João Maurício, *Os faunos do Cinema Madeirense*, Funchal, Editorial Correio da Madeira, 1997.
- MATOS-CRUZ, José, *Prontuário do Cinema Português 1896-1989*, Lisboa, Cinemateca portuguesa, 1989.
- *Monte Palace: Um Jardim Tropical*, Funchal, Fundação José Berardo, 1999.
- *O Século do Povo – Os Testemunhos Directos dos seus Protagonistas – 1900-1914 - A Alvorada do Século*, Revistas Nº 1 e Nº 2, BBC Worldwide Publishing, 1997.
- PIERRE, Michel (Criação e Direcção), *A História dos Homens – O Século XIX*, Nº 15, Lello & Irmão Editores, 1990.
- PINA, Luís de, *Documentarismo Português*, Lisboa, Edição do Instituto Português do Cinema, 1997.
- PINA, Luís de, *História do Cinema Português*, Colecção Saber, Mem Martins, Publicações Europa – América, 1986.
- PINA, Luís de, *Panorama do Cinema Português (Das Origens à Actualidade)*, “Colecção Breviários de Cultura”, Lisboa, Secretaria de Estado da Comunicação Social, Direcção-Geral da Divulgação, Edições Terra Livre, Janeiro de 1978.
- RIBEIRO, Aquilino, *Um Escritor Confessa-se*, Lisboa, Bertrand Editora, 2008.
- ROBERTS, John M., *História Ilustrada do Mundo – A Era da Revolução*, Vol. VII, Barcelona, Círculo de Leitores, Outubro de 1999.

- ROBERTS, John M., *História Ilustrada do Mundo – Os Impérios Europeus*, Vol. VIII, Barcelona, Círculo de Leitores, Outubro de 1999.

- SERRÃO, Joel (Direcção), *Dicionário da História de Portugal*, Vol. II e V, Porto, Livraria Figueirinhas.

- SILVA, Pe. Fernando Augusto da; MENESES, Carlos Azevedo de, *Elucidário Madeirense*, 3 vol., Funchal, SRTC/DRAC, 1984 (Fac-simile da edição de 1946).

- SOARES, Maria de Fátima Gouveia, *Francisco Bento de Gouveia 1873 – 1956 – Vida e Obra*, Funchal, Espaço XXI, 2000.

- SPRANGER, Ana Isabel; GOMES, Fernanda Ramos; GOMES, Eduarda Sousa, *Antologia de Textos – História da Madeira*, Funchal, Governo Regional da Madeira, Secretaria Regional da Educação, 1984.

- VIEIRA, Joaquim, *Portugal Século XX – Crónica em Imagens 1900-1910*, 1ª Edição, Círculo de Leitores, Janeiro de 1999.

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

- *A Aurora*, Junho a Julho de 1911;
- *A Batalha*, Maio de 1926 a Janeiro de 1927;
- *Academia*, Outubro de 1900 a Junho de 1901, Dezembro de 1910 a Março de 1911;
- *A Chacota*, Dezembro de 1906 a Setembro de 1907;
- *A Esperança*, Março a Junho da 1914;
- *Alma Académica*, Fevereiro a Maio de 1906, Março de 1910;
- *Alma Nova*, Dezembro de 1913 a Fevereiro de 1914;
- *A Risota*, Agosto a Outubro de 1906;
- *Boletim do Centro Monárquico da Madeira*, Agosto a Novembro de 1923;
- *Cacete*, Agosto a Setembro de 1923;
- *Commercio do Funchal*, Maio a Agosto de 1910;

- *Correio da Madeira*, Março de 1922 a Novembro de 1923, Abril de 1924 a Novembro de 1925, Fevereiro de 1926 a Dezembro de 1929;
- *Correio do Funchal*, Janeiro de 1897 a Janeiro de 1899;
- *Diario do Commercio*, Setembro de 1896 a Outubro de 1907, Julho de 1908 a Março de 1911;
- *Diario de Noticias*, Março de 1895 a Fevereiro de 1902, Abril de 1905, Junho de 1907, Setembro de 1911, Maio a Julho de 1913, Dezembro de 1916, Janeiro e Fevereiro de 1926, Maio e Junho de 1927;
- *O Atlantico*, Setembro a Novembro de 1918;
- *O Comercio da Madeira*, Fevereiro a Junho de 1920;
- *O Liberal*, Janeiro de 1915 a Dezembro de 1916;
- *RE-NHAU-NHAU*, Dezembro de 1929 a Dezembro de 1930;
- *Trabalho e União*, Agosto de 1907 a Dezembro de 1911, Janeiro de 1917 a Dezembro de 1918;
- *Vida Academica*, Janeiro a Fevereiro de 1914.

FONTES ELECTRÓNICAS

- ABREU, Paula, “Riquezas do Cinema Antigo”, *Jornal da Madeira, Revista Olhar*, Nº 165 (17/6/2006). [Em Linha]. [Consultado em 21 de Janeiro de 2007]. Disponível em <http://www.cinemia-mac.com/index_port.asp>.
- *A Dama das Camélias*. [Em Linha]. [Consultado em 24 de Abril de 2008]. Disponível em <http://www.babylon.com/definition/A_Dama_das_Cam%C3%A9lias/Portuguese>.
- *Associação para o Museu dos Transportes e Comunicações*. [Em Linha]. [Consultado em 12 de Fevereiro de 2008]. Disponível em <http://www.amtc.pt/_AMTC/EXP/museu/por.html>.
- AVEIRO, Câmara Municipal. *Aveirenses Ilustres Ciclo de Conferências*. [Em Linha]. [Consultado em 18 de Maio de 2008]. Disponível em <http://www.cm-aveiro.pt/www/Templates/GenericDetails.aspx?id_object=30034&divName=2&id_class=2>.

- BFI/ FILMS & TV DATABASE/ BENETT-STANFORD, John. [Em Linha]. [Consultado em 5 de Abril de 2008]. Disponível em <<http://ftvdb.bfi.org.uk/sift/individual/68531>>.

- BOTTOMORE, Stephen, *Who's Who of Victorian Cinema*. [Em Linha]. [Consultado em 5 de Abril de 2008]. Disponível em <<http://www.victorian-cinema.net/benettstanford.htm>>.

- Cinema na Madeira. Prontuário do Cinema. [Em Linha]. [Consultado em 28 de Março de 2008]. Disponível em <http://www.cinemia-mac.com/index_port.asp>.

- *Cinema Português, Factos*, Robert W. Paul e o Cinema em Portugal, Centro Virtual Camões: Cultura Portuguesa, Instituto Camões. [Em Linha]. [Consultado em 17 de Abril de 2007]. Disponível em <<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/cinema/factos/fac006.html>>.

- FLORENÇA, Teresa, *Museu "Vicentes" guarda Filmes Raros*. [Em Linha]. [Consultado em 5 de Abril de 2008]. Disponível em <<http://ilhadamadeira.Weblog.com.pt/arquivo/236718.html>>.

- GIMELLO-MESPLOMB, Frédéric, *L'invention du Cinématographe*, Université de Metz. [Em Linha]. [Consultado em 21 de Outubro de 2007]. Disponível em <http://fgimello.free.fr/enseignements/metz/histoire_du_cinema/invention_cinema.htm>.

- HERBERT, Stephen, *Who's Who of Victorian Cinema*. [Em Linha]. [Consultado em 20 de Abril de 2008]. Disponível em <<http://www.victorian-cinema.net/short.htm>>.

- *João Henrique Adolfo von Hafe*. Geneall.net. [Em Linha]. [Consultado em 18 de Maio de 2008]. Disponível em <http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=257277>.

- *John Benett-Stanford*. Oxford Biography Index Entry. [Em Linha]. [Consultado em 5 de Abril de 2008]. Disponível em <<http://www.oxforddnb.com/index/101095630/>>.

- *Les Biographies et Filmographies, Lumière Louis et Auguste, Les Frères Lumière*. [Em Linha]. [Consultado em 20 de Outubro de 2007]. Disponível em <<http://analysefilmique.free.fr/prehisto/lumiere.php>>.

- MATOS-CRUZ, José de, *Cinema Português, Personalidades*, VIEIRA, Manuel Luís, Centro Virtual Camões: Cultura Portuguesa, Instituto Camões. [Em Linha]. [Consultado em 11 de Maio de 2007]. Disponível em <<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/cinema/personalidades/per073.html>>.

- MCKERNAN, Luke, *Who's Who of Victorian Cinema*. [Em Linha]. [Consultado em 5 de Abril de 2008]. Disponível em <<http://www.victorian-cinema.net/reis.htm>>.

- PORTUGAL. Arquivo Regional da Madeira – **Registos de baptismo** [Em Linha]. Funchal: A.R.M., 28/04/2007. [Consultado em 28 de Abril 2007]. Disponível em <<http://62.48.223.202:81/bds/baptismospt/ClistaBaptismolist.asp>>.

- Programação da Cinemateca – *Abrir os Cofres*. [Em Linha]. [Consultado em 5 de Abril de 2008]. Disponível em <www.madeira-edu.pt/SRELinkClick.aspx?p1=0&p2=6847&p3=f>.

- *Quincentenário do Descobrimento da Madeira*. [Em Linha]. [Consultado em 7 de Abril de 2008]. Disponível em <<http://www.ceha-madeiranet/elucidario/q/qui2.htm>>.

- ROSSEL, Deac, *Who's Who of Victorian Cinema*. [Em Linha]. [Consultado em 17 de Abril de 2008]. Disponível em <<http://www.victorian-cinema.net/rousby.htm>>.

- *Salão Ideal*, Espaço e Tempo, Revelar Lx. [Em Linha]. [Consultado em 17 de Maio de 2008]. Disponível em <<http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gca/index.php?id=725>>.

- UFMG, *Quadro a Quadro. Panorama*. “Gênese e Primórdios”. [Em Linha]. [Consultado em 23 de Fevereiro de 2008]. Disponível em <<http://eba.ufmg.br/panorama/genesis/genese03.html>>.

- Wiltshire County Council – *Major John Montague Benett-Stanford*. [Em Linha]. [Consultado em 11 de Maio de 2008]. Disponível em <<http://www.wiltshire.gov.uk/community/gettextimage.php?id=6440>>.

- WWW.amordeperdição.pt - *O Cinema Mudo Português* – Aurélio da Paz dos Reis. [Em Linha]. [Consultado em 21 de Abril de 2008]. Disponível em <http://www.amordeperdicao.pt/especiais_solo.asp?artigoid=305>.

-You Tube – Broadcast Yourself – Vídeos – *Serpentine Dance*. [Em Linha]. [Consultado 21 de Abril de 2008]. Disponível em <http://br.youtube.com/results?search_query=serpentine+dance&search_type=>.

6. CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

- Ilustração 1

Fonte: <http://www.cinematographers.nl/Cameras/Cinematographe.jpg> [consultado em 11 de Maio de 2008].

- Ilustração 2

Fonte: <http://www.auction.fr/cp/kahn/img/departements/20050423-238.jpg> [consultado em 11 de Maio de 2008].

- Ilustração 3

Fonte: http://farm2.static.flickr.com/1380/1398809124_3bc652520d.jpg?v=0 [consultado em 18 de Maio de 2008].

- Ilustração 4

Fonte: MARQUES, João Maurício, *Os faunos do Cinema Madeirense*, Funchal, Editorial Correio da Madeira, 1997.

- Ilustração 5

Fonte: WWW. Madeiraarchipelago.com/photo. [Em Linha]. [Consultado em 20 de Maio de 2007]. Disponível em <[http://www.madeiraarchipelago.com/photo/displayimage.php?album=17 &pos=64](http://www.madeiraarchipelago.com/photo/displayimage.php?album=17&pos=64)>.

- Ilustração 6

Fonte: *Diario de Noticias*, Ano XXI, nº 6055, sexta-feira, 14 de Maio de 1897, p. 2.

- Ilustração 7

Fonte: WWW. Madeiraarchipelago.com/photo. [Em Linha]. [Consultado em 20 de Maio de 2007]. Disponível em <<http://www.madeiraarchipelago.com/photo/displayimage.php?album=17&pos=303>>.

- Ilustração 8

Fonte: http://www.allposters.com/View_HighZoomResPop.asp?apn=357064&imgloc=8-829-R94Y000Z.jpg&imgwidth=693&imgheight=866 [consultado em 11 de Maio de 2008].

- Ilustração 9

Fonte: *Monte Palace: Um Jardim Tropical*, Funchal, Fundação José Berardo, 1999.

- Ilustração 10

Fonte: MARQUES, João Maurício, *Os faunos do Cinema Madeirense*, Funchal, Editorial Correio da Madeira, 1997.

- Ilustração 11

Fonte: [http://bp3.blogger.com/_R3UkWH4wQdY/SCFa0sI6OkI/AAAAAAAAACnM/n3D91tQOkwc/s1600-h/von+Hafe .jpg](http://bp3.blogger.com/_R3UkWH4wQdY/SCFa0sI6OkI/AAAAAAAAACnM/n3D91tQOkwc/s1600-h/von+Hafe.jpg) [consultado em 29 de Maio de 2008].

- Ilustração 12

Planta do Funchal e arredores de início do século XX.

Fonte: Câmara Municipal do Funchal.

- Ilustração 13

Fonte: WWW. Madeiraarchipelago.com/photo. [Em Linha]. [Consultado 20 de Maio de 2007]. Disponível em <<http://www.madeiraarchipelago.com/photo/displayimage.php?album=17&pos=308>>.

- Ilustração 14

Fonte: WWW. Madeiraarchipelago.com/photo. [Em Linha]. [Consultado 20 de Maio de 2007]. Disponível em <<http://www.madeiraarchipelago.com/photo/displayimage.php?album=17&pos=94>>.

- Ilustração 15

Fonte: *RE-NHAU-NHAU*, Ano 1, nº 15, 12 de Maio de 1930, p. 5.

- Ilustração 16

Fonte: *RE-NHAU-NHAU*, Ano 1, nº 2, 31 de Dezembro de 1929, p. 5.

- Ilustração 17

Fonte: *Diario do Commercio*, ano XIII, nº 3777 [?], sexta-feira, 13 de Maio de 1910, p. 3.

- Ilustração 18

Fonte: *RE-NHAU-NHAU*, Ano 1, nº 1, 20 de Dezembro de 1929, p. 4.

-Ilustração 19

Fonte: [http://www.doctormacro.info/Images/Chaplin,%20Charlie/Chaplin,%20Charlie%20\(Kid,%20The\)_01.jpg](http://www.doctormacro.info/Images/Chaplin,%20Charlie/Chaplin,%20Charlie%20(Kid,%20The)_01.jpg) [consultado em 11 de Maio de 2008].

- Ilustração 20

Fonte: <http://www.wiltshire.gov.uk/community/gettextimage.php?id=6440> [consultado em 11 de Maio de 2008].

- Ilustração 21

Fonte: WWW.images.google.pt. Autores / Escritores da Madeira, João dos Reis Gomes. [Em Linha]. [Consultado 30 de Maio de 2007]. Disponível em <http://images.google.pt/imgres?imgurl=http://escritoresdamadeira.no.sapo.pt/Joao_dos_Reis_Gomes/JoaoReisGomes_foto.jpg&imgrefurl=http://escritoresdamadeira.no.sapo.pt/Joao_dos_Reis_Gomes/index.html&h=300&w=276&sz=21&hl=ptPT&start=1&tbnid=xWXIhIDXkj4cCM:&tbnh=116&tbnw=107&prev=/images%3Fq%3Dmajorreis-gomes%26gbv%3D2%26svnum%3D10%26hl%3Dpt-PT%26sa%3DX>.

- Ilustração 22

Fonte: MATOS-CRUZ, José de, *Cinema Português, Mudos, 1913-Guiomar Teixeira – A Filha de Tristão das Damas*, Centro Virtual Camões: Cultura Portuguesa, Instituto Camões. [Em Linha]. [Consultado em 11 de Maio de 2007]. Disponível em <<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/cinema/mudos/mud004.html>>.

- Ilustração 23

Fonte: SOARES, Maria de Fátima Gouveia, *Francisco Bento de Gouveia 1873 – 1956 – Vida e Obra*, Funchal, Espaço XXI, 2000.

- Ilustração 24

Fonte: *RE-NHAU-NHAU*, Ano 1, nº 9, 15 de Março de 1930, p. 5.

- Ilustração 25

Fonte: MATOS-CRUZ, José de, *Cinema Português, Mudos, 1926- A Calúnia*, Centro Virtual Camões: Cultura Portuguesa, Instituto Camões. [Em Linha]. [Consultado em 11 de Maio de 2007]. Disponível em <<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/cinema/mudos/mud030.html>> .

- Ilustração 26

Fonte: *Diario de Noticias*, Ano 50º, nº 15515, quarta-feira, 24 de Fevereiro de 1926, p. 2.

- Ilustração 27

Fonte: MATOS-CRUZ, José de, *Cinema Português, Mudos, 1926- O Fauno das Montanhas*, Centro Virtual Camões: Cultura Portuguesa, Instituto Camões. [Em Linha]. [Consultado em 11 de Maio de 2007]. Disponível em <<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/cinema/mudos/mud031.html>>.

- Ilustração 28

Fonte: *Diario de Noticias*, Ano 51º, nº 15863, quarta-feira, 11 de Maio de 1927, p. 2.

- Ilustração 29

Fonte: *Diario de Noticias*, Ano 51º, nº 15861, domingo, 8 de Maio de 1927, p. 5.

- Ilustração 30

Fonte: *Diario de Noticias*, Ano 51º, nº 15861, domingo, 8 de Maio de 1927, p. 5.

- Ilustração 31

Fonte: *RE-NHAU-NHAU*, Ano 1, nº 8, 1 de Março de 1930, p. 5.

- Ilustração 32

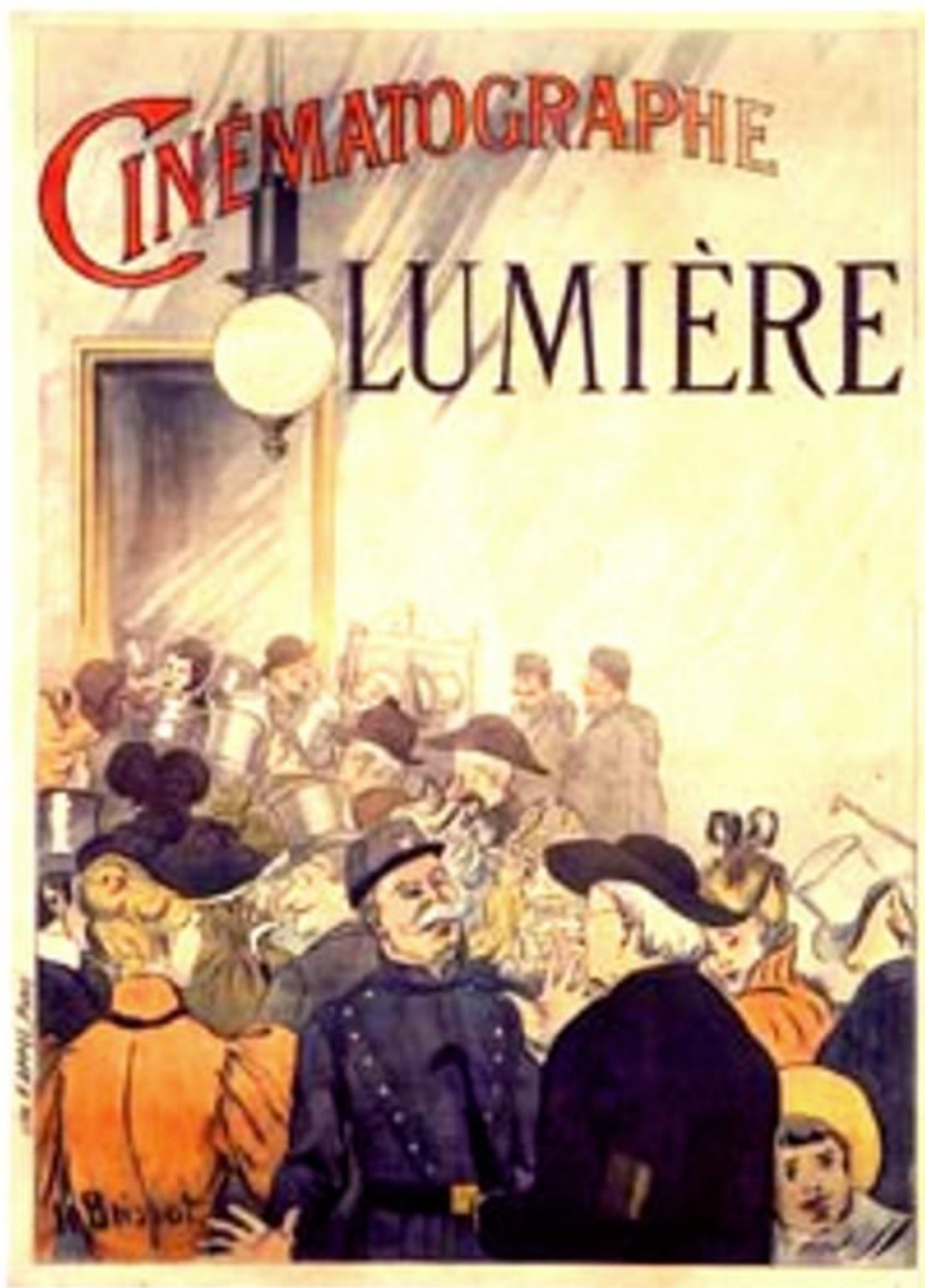
Fonte: *RE-NHAU-NHAU*, Ano 1, nº 24, 10 de Agosto de 1930, p. 5.

- Ilustração 33

Fonte: *RE-NHAU-NHAU*, Ano 1, nº 21, 12 de Julho de 1930, p. 5.



1 – Um, bem conservado, exemplar do Cinematógrafo dos Irmãos Lumière



2 – Cartaz de promoção ao Cinematógrafo dos Irmãos Lumière



3 – Fachada do Animatógrafo do Rossio, inaugurado em 1907



4 – João Anacleto Rodrigues (1869 – 1948)



5 – O Bazar do Povo, propriedade dos Irmãos Rodrigues

Secção de Espectaculos

THEATRO D.  MARIA PIA

ANIMATOGRAPHO

**SABBADO, DOMINGO E
SEGUNDA-FEIRA**

15, 16 E 17 DE MAIO DE 1897

Grande espectáculo de 12
surprehendentes quadros, por meio
das projecções da photographia
com vida em figuras de
tamanho natural

A mais recente e prodigiosa novidade
e o maior acontecimento
scientifico e artistico d'esta epocha, me
Paris, Londres, Madrid,
Lisboa, etc.

PROGRAMMA:

1.^a Parte

1.^o—Chegada d'um comboio á gare de
Bel-Air.

2.^o—Sahida da egreja de Notre-Dame
des Victoires.

3.^o—O mar em Dieppe.

4.^o—O jardineiro.

5.^o—Hussards inglezes, desfílando.

6.^o—Dança hespanhola.

INTERVALLO 20 MINUTOS

2.^a Parte

1.^o—Assalto ao Box.

2.^o—Officina de Ferreiros.

3.^o—Crianças no Bosque de Vincen-
nes.

4.^o—Avenida do Bosque de Boulogne
e Arc-de-Triomphe.

5.^o—Carga de Dragões.

6.^o—A prisão d'um ebrio.

PREÇOS:

FAUTEUILS.....	350 réis.
CADEIRAS.....	250 «
FRIZAS de 4 pessoas.....	1\$200 «
« « 5 «.....	1\$500 «
« « 6 «.....	1\$800 «
CAMAROTES de 1. ^a or- dem para 4 pessoas.....	1\$200 réis.
DITOS « 5 «.....	1\$500 «
« « 6 «.....	1\$800 «
CAMAROTES de 2. ^a or- dem para 4 pessoas.....	1\$200 réis.
DITOS « 5 «.....	1\$500 «
« « 6 «.....	1\$800 «
Entradas avulsas.....	5200 «

GALERIA

FRENTE ou LADO..... 150 réis.

Entrada ás 8 horas e principia ás 8
e meia da noite.

N.B.—Os bilhetes acham-se á ven-
da na bilheteira do theatro, de sabbado
em diante.



7 – Funchal, Praça da Rainha, cerca de 1900 (Barracão de cinema? *Pavilhão Grande* ou *Águia D' Ouro*?)



8 – Loïe Fuller e a sua *Dança Serpentina*, imortalizada pelo cinema



9 – Alfredo Guilherme Rodrigues (1862 – 1942)



10 – Joaquim Augusto de Sousa (1853 – 1905)



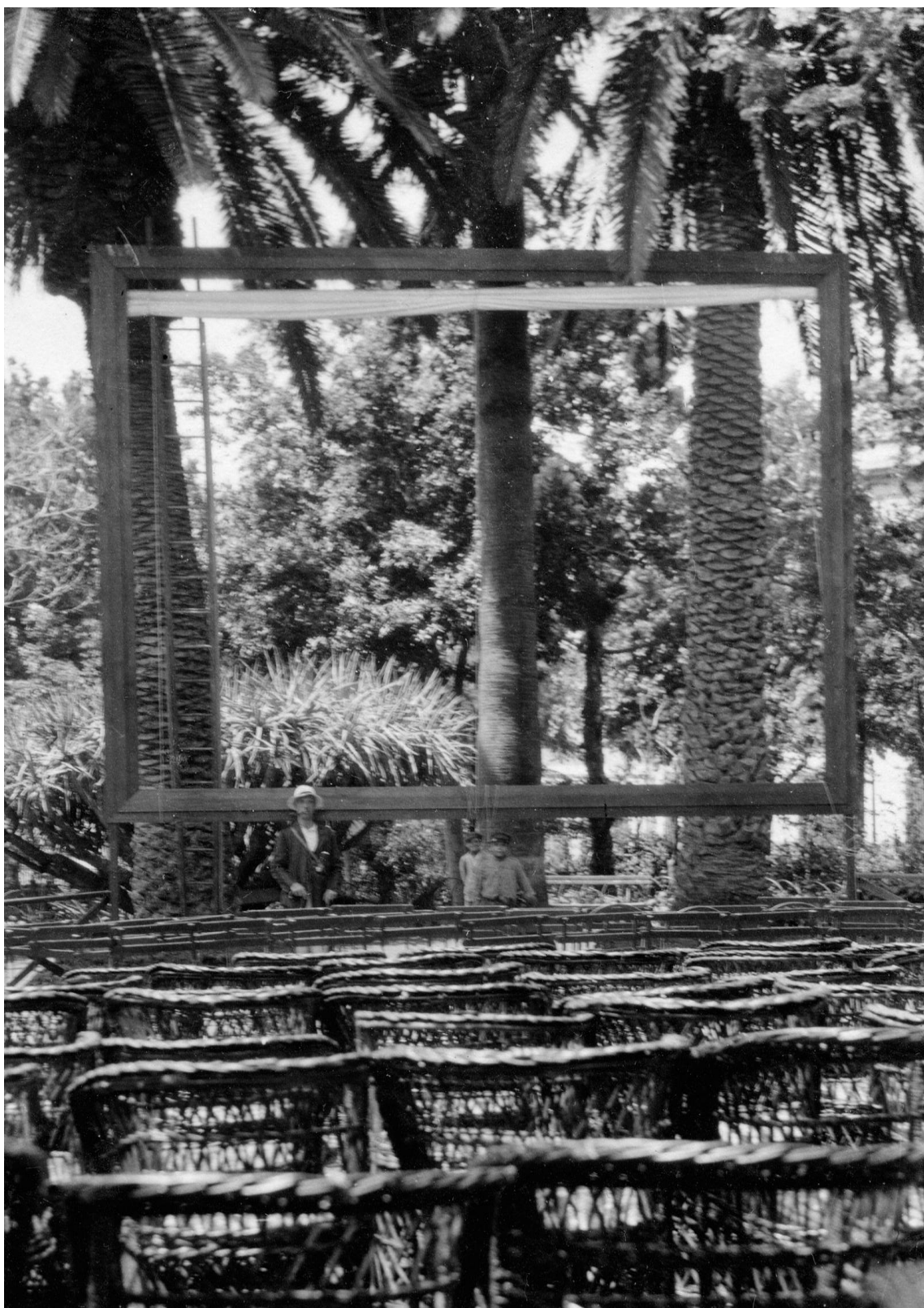
11 – João Henrique Adolfo von Hafe (1855 – 1930)



12 – Localização aproximada dos primeiros espaços de exibição de cinema

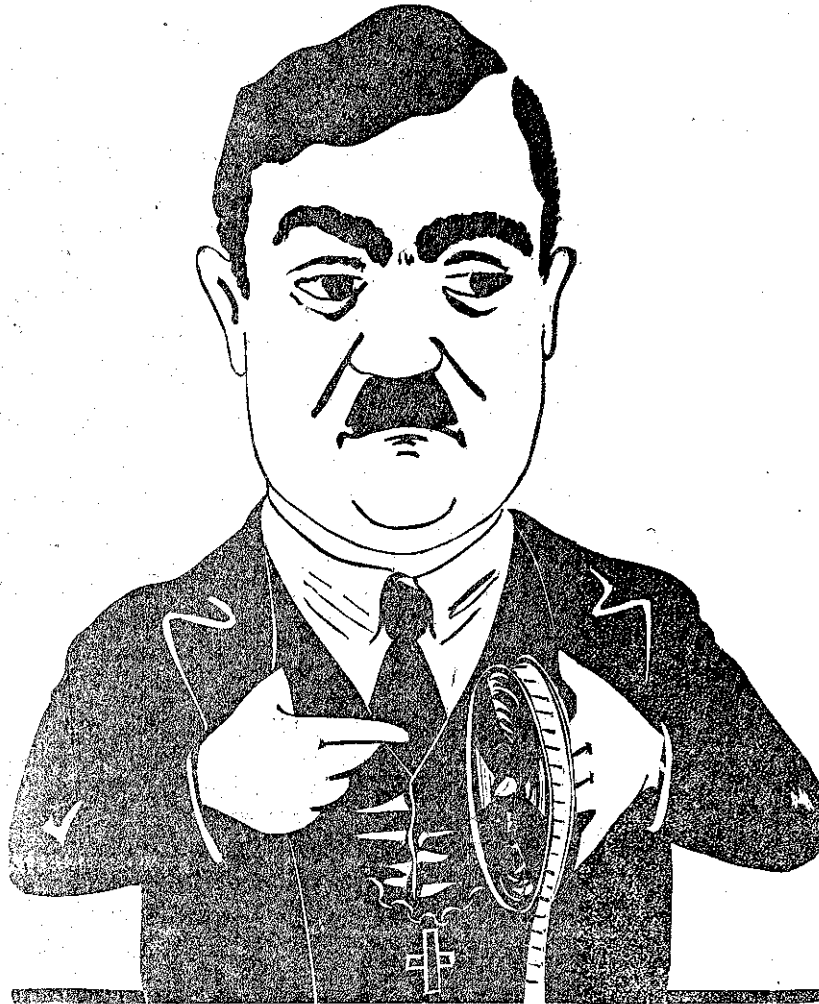


13 – Funchal, Praça da Rainha, *Teatro-Circo* (à direita do *Teatro D. Maria Pia*)



14 – Instalação para exibição de cinema no Jardim Municipal, cerca de 1920

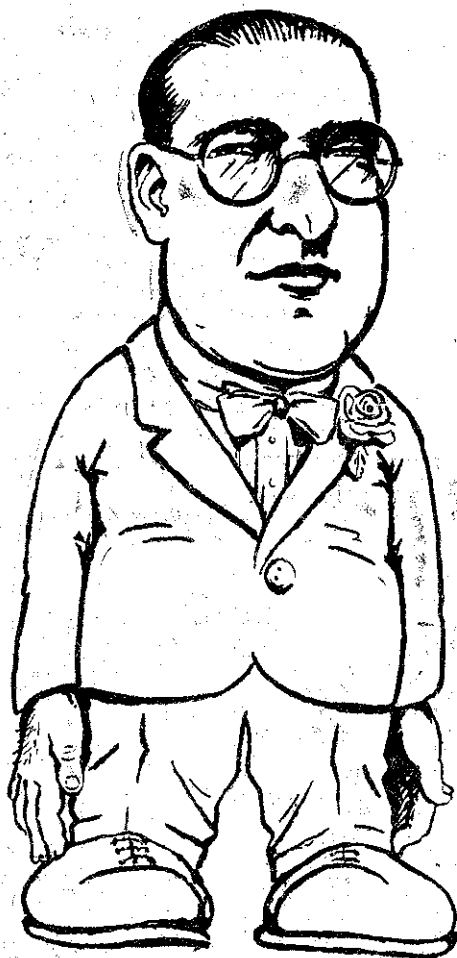
João Higinio de Barros



Des. de Ivo

Grav. de Malho

O artista que nos « Artistas, depois de dar grande impulso à arte de assoprar, teve artes de projectar um project... de projecção cinematográfica, e que abrindo o Cine-Cruzes, quer pôr os outros cinemas a fazerem cruces na boca... aberta ante os bons films da «Metro.»



Segundo o que me contaram
a este galã cidadão,
há poucos dias chamaram
o Rodolfo Valentino!

Ora isto, francamente,
não se acredita jamais,
pois para isso infelizmente
é alto e gordo demais...

Adriano de Freitas, gerente do Circo, que sob a sua
gerência gira às mil maravilhas...

Salão «Variedades»

Rua de S. Francisco, 24
HOJE—13 DE MAIO—HOJE
Inauguração do magnifico salão cinematographico de 1.^a classe, onde se apresentará filmes de extraordinaria importância

PROGRAMMA

- 1.^a sessão de 7 horas e meia 2.^a de 9 da noite
- 1.^a—Symphonia para orchestra.
- 2.^a—Ea um farinista summa (estrela) dramatica.
- 3.^a—Chegada imprevista (comico).
- 4.^a—Judah, drama biblico (colorido).
- 5.^a—Cretino quer casar com a filha do patão (estrela) comico.
- 6.^a—Cabelleira Italiana, (800 metros).

PREÇOS—Camareta para 4 pessoas, 1200 reis.
Famula 110 reis.
Cadeira, 100 reis.
Geral, 80 reis.
Entrada para camarote, 100 reis.
A bilheteira achou-se ha aberta ao publico, das 6 horas da tarde em diante.

Devido a qualquer circumstancia ou motivo o programma pode ser alterado.

SALAO "IDEAL"

RUA DA PRINCEZA
HOJE—13 DE MAIO DE 1910—HOJE
2—Estrelas—2

Sessão particular com 10 praças

- 1.^a sessão de 7 e meia horas da noite
- ### PROGRAMMA
- 1.^a—Symphonia.
 - 2.^a—Ultima reboli, (dramatico).
 - 3.^a—Carreira de 6 paus, fita d'arte.
 - 4.^a—Atividade do penamiteo, dramatico.

- 5.^a—Cabelleira vendida dramatica.
 - 6.^a—O romance, comico.
- Intervalo de 15 minutos**
- 1.^a—Symphonia.
 - 2.^a—Velho Balla e suas ruinas, natural.
 - 3.^a—O remate, fita dramatica.
 - 4.^a—Pedra o fita, fita d'arte estrela.
 - 5.^a—Genovia se deabalante, dramatica.
 - 6.^a—Sentimentalismo de madame comica.

Este programma pode ser alterado em caso de força maior.

As sessões serão abrihantadas por um excelente notetista sob a habil regencia do sr. Cesar A. da Nascimento

A bilheteira achou-se ha aberta ao publico, das 6 horas da tarde em diante, abriendo o salão de 7 horas

PREÇOS
Famula numerada 160 reis—Cadeiras 120 reis—geral 80 reis

Pavilhão «Paris»

Empresa Souza A Barretto
Rua de João Távira
HOJE 13 DO CORRENTE

- 1.^a sessão de 7 1/2 horas
- ### Musica
- 1.^a—Colhada de estira d'assumpção colorida.
 - 2.^a—Juramento do principe dramatico.
 - 3.^a—Hoppe das salinas colorida.
 - 4.^a—Caralumeiro cyclosta estrela.
 - 5.^a—Boa scena da Italiana pelo actor Brazil e actriz Maria Falcão estrela.
 - 6.^a—Pontão de papel (magico colorido) estrela.
 - 7.^a—Uma sessão de cinematographo (comica) irrealistavel.

Salão Central

Rua da Queimada de Baixo—Rua do Aljube
(AFRICA HAUS)

HOJE 13 DE MAIO DE 1910
KINEMATOGRAFHO GIAMONT

É o melhor e mais perfeigado aparelho, que projecta com nitidez e sem tremulação alguma a photographia animada.

Este salão estabelecido entre as colinas de Lisboa e Porto, oferece aos seus frequentadores toda a comodidade possível

1.^a sessão de 7 1/2 h. 2.^a sessão de 8 e tres quartos

PROGRAMMA

- 1.^a—Symphonia.
- 2.^a—Sport na Neve (espectro natural) de sensação.
- 3.^a—Ultima lembrança (drama sensacional).
- 4.^a—Antigo romano (comico).
- 5.^a—Os aventureiros de Valle d'Orso ste, colorido (400 metros).
- 6.^a—Farragão (sine sensacional).
- 7.^a—Grandezza e derrocencia comica de sensação (500 metros).

PREÇOS

Famula 140 reis. Cadeira 80 reis.

Aviso importante
Ha toda a segurança para o publico devido a boas condições de construção em que se encontra a cabina.

RE-NHAU-NHAU

TEATRO

"Dr. Manuel de Arriaga"

(Empresa de Cinema e Variedades Ltda.)

Os melhores espectaculos da época

A melhor garantia para o publico: «Films» da U. F. A. Noa-Film, Terra-Film, Emelka, Phoebus-Film, Paramount, Fox-Film, Warner Bros; British International Picture C., First National, Sofar, Cinéromans, Franco-Film, Svenska, Palladium, Sacha, etc.

Films a exhibir brevemente:

EM FINS DE DEZEMBRO

EM JANEIRO

Dia 22—Reexibição de *Engula a pitula*, com Harold Loyd.

Dias 23 e 24—Não ha espectáculo mas a bilheteira conserva-se aberta para a marcação e venda de bilhetes para os dias seguintes.

Dia 25—*Aquilo* com Clara Bow e Antonio Moreno.

Dia 26—*Viena, um principe e o amor...* com Lianne Haid e Oscar Marion.

Dia 27—*Areias*, super-produção, com

Nadia Sibirskais. Adaptação musical pela Orquestra do Teatro, aumentada com mais alguns executantes.

Dia 28—Reexibição do film que mais tiver agr. dado na semana anterior.

Dia 29—*Quem inventou a partida...* com Alfred Abel e E. Barclay.

Dia 30—*A dama das Camélias*, com Rodolfo Valentino.

Aurora—com Janet Gayor.

A estrela do Casino de Paris;

A chave de prata;

Os dez mandamentos modernos;

Um beijo n'um taxi;

As pernas e o Coração;

Ceu de Gloria;

Vítima de si propria.

O estranho caso do professor Matias

— com Werner Krauss.

A ilha do Amor — com Claude France e Mistinguett.

Ai veem três rapazes—com Ossi Oswald.

Todas as noites: --- Magnificos concertos pela orchestra composta por os distintos professores: Raul d'Almada Julio Ceia, Diogo Silva e João Lino,

(Empresa de Cinema e Variedades Ltda.)

"Teatro Dr. Manuel de Arriaga,"



19 – *The Kid*, Charles Chaplin, 1921



20 – John Benett-Stanford (1870 – 1947)



21 – João dos Reis Gomes (1869 – 1950)



22 – *O Cerco de Safim*, João dos Reis Gomes, 1913



23 – Francisco Bento de Gouveia (1873 – 1956)

Manuel Luiz Vieira



Des. de Terrique

Grav. de Malho

O homem para quem «Ver e Amar» o Cinema foi obra dum momento. Actualmente em Lisboa, para honra nossa é considerado o melhor operador Português. Sobre o seu valor e talento hão de em breve depor como testemunha, a «Castelã das Berlengas» e a «Maria do Mar»



25 – *A Calúnia*, Manuel Luiz Vieira, 1926

TEATRO-CIRCO

Quarta-feira, 24 de Fevereiro de 1926
A's 8 horas da noite

Primeira exhibição do film regional
O dia de São Pedro na Madeira
ESTREIA

do primeiro film dramatico madeirense, em 8 partes

A Calunia

Romance e trabalho fotografico de—
Manuel Luiz Vieira

INTERPRETES:

Margarida.....	Mlle. Nadine Menut
Amelia.....	Ermelinda Vieira
Luiza (pescadora)	Maria Augusta
Mario d'Aragão..	Fernando Figueiredo
Gaspar.....	Arnaldo Coimbra
Florindo.....	João Sabino
Justino.....	Firmino Brazão
Baptista.....	Manuel Rodrigues
Francoisco (pescador).....	Victorino de Abreu
Credor.....	E. Pinto Correia
Secretario.....	Miguel Soares

1.ª parte, O Despeito—2.ª, A Intriga—3.ª, O emigrado—4.ª, Dois anos depois—5.ª, O predomínio do mal—6.ª, A Justificação—7.ª, O regresso—8.ª, O castigo.

As scenas principais do film passam-se em varias quintas dos arredores do Funchal, gentilmente cedidas pelos seus proprietarios para este fim.

B 307



27 – O Fauno das Montanhas, Manuel Luiz Vieira, 1926

O "FAUNO DAS MONTANHAS"

Sua estreia hoje no Teatro-Circo



Arnaldo Coimbra, protagonista do «film»

Vai ter hoje o publico do Funchal o ensejo de mais uma vez admirar as novas produções cinematograficas da *Empresa Atlantida*, o «Fauno das Montanhas», drama em 4 partes, e «Indigestão», «film» comico, em 2 partes.

O «Fauno das Montanhas», que é a película principal deste espectáculo, por certo que há de adquirir um retribuinte successo, pois embora o seu extrinheco não seja o das aquellas dramaticas sugestivos, é no entanto apreciavel, especialmente nos bailados das ninfas em redor do «Fauno», que nos fazem reviver os tempos da antiga Grecia.

Além desta visão mitologica, possui sce-

CINEMATOGRAFIA MADEIRENSE

“O Fauno das Montanhas”



Uma interessante scena do «film»

29 – Título e imagem do artigo de divulgação do filme de Manuel Luiz Vieira

TEATRO-CIRCO

==

Quarta-feira, 11 de Maio de 1927

A's 8 1/2 da noite

Espectáculo da Empresa Cine-
gráfica Atlantida

I PARTE

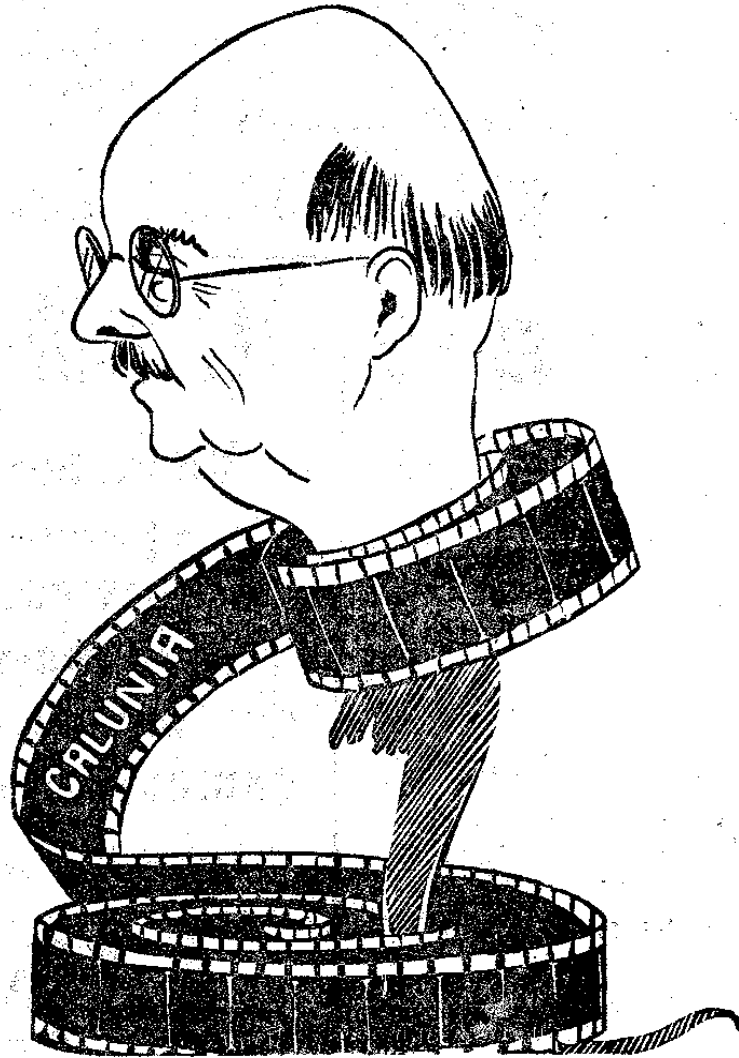
- Atlantida Jornal**
Arraial de N.ª Senhora do Monte
Funeral do sr. Vieira de Castro
Chegada do Club Maritimo cam-
peão de Portugal
Socorros a Naufragos
Concurso Infantil no Jardim.
- 1.º }
2.º Tosquias (Paul da Serra)
3.º Colegio Alexandre Herculano
4.º O Fauno das Montanhas 1.ª p.
5.º » » » 2.ª »

Intervalo

- 6.º O Fauno das Montanhas 3.ª parte
7.º » » » 4.ª »
8.º Indigestão 1.ª parte
9.º » » » 2.ª »

Os preços dos bilhetes deste
espectaculo são os do costume.

E 114

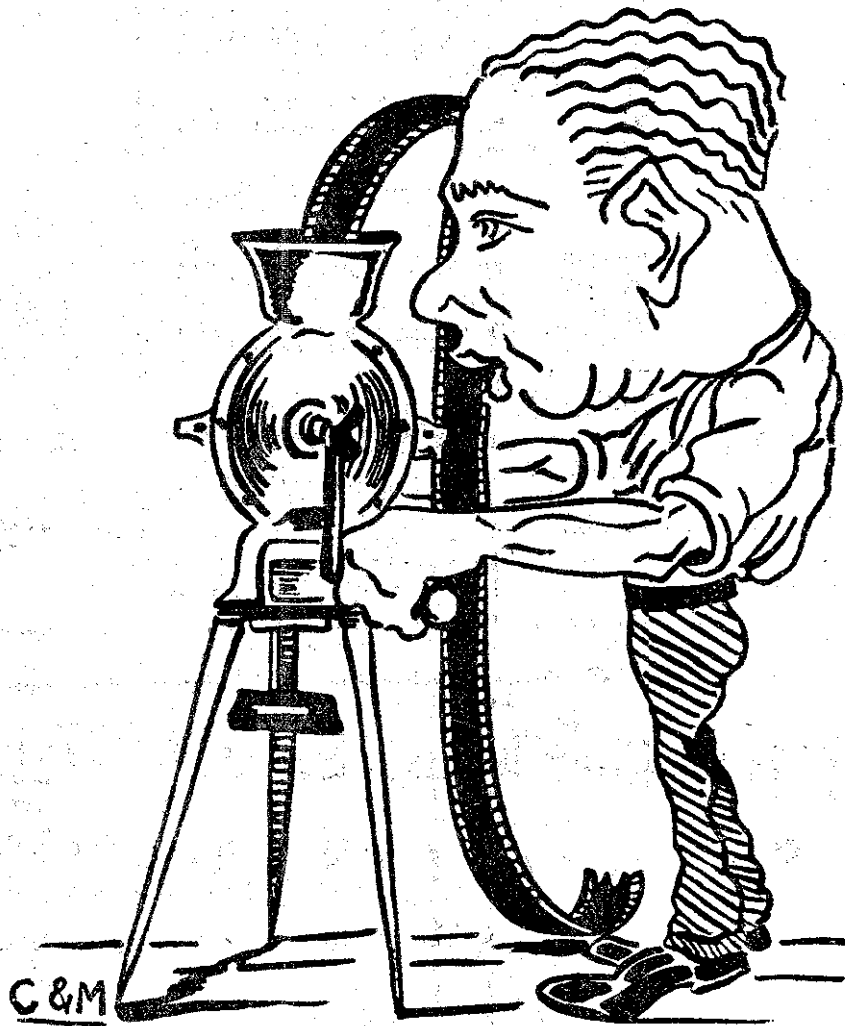


Des. de Terrique

Grav. de Malho

Eis o financeiro que foi na «fita» da fita — daquela grande «calunia» que até ao «tauno das montanhas» provocou uma «indigestão» de cinema indígena.

Oscar Lomelino



O operador que vai operar num olho o demonio, para nos mostrar depois que talvez «o olho do diabo» não é tão feio como o pintam.

João Sabino



Des. de. Bruno

Grav. de Malho

O conhecido artista madeirense que em Lisboa começará a filmar dentro em breve uma película de guerra, e a quem «Re-nhau nhau» hoje envia um abraço capaz de meter as costelas dentro ao mais valente guerreiro.